

C 16
503

LITTERATURA DO NORTE

TERCEIRO LIVRO

LOURENÇO

CHRONICA PERNAMBUCANA

EDIÇÃO DE DUZENTOS EXEMPLARES

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL, RUA DA GUARDA-VELHA

Rio de Janeiro, em 21 de julho de 1881.

Franklin Casca

Ho Exmo Sr

Conselheiro José Pereira da Graça
homagem de apreço e gratidão

*Palavras que escrevi, aos 3 de julho do anno corrente,
na folha exterior do original donde fora copiado
o « Lourenço » para a Revista Brasileira.*

Esta chronica, prompta ha mais de dois annos para seguir em volume o *Matuto*, cujo é conclusão logica e natural, acaba de sair a lume na *Revista Brasileira*, a que dedico affectos de natureza paternal.

Mudando-se o plano da publicação, tive por necessario adaptar o trabalho aos leitores da *Revista*, que eu não podia presumir fossem absolutamente os mesmos do *Matuto*. Fiz por isso muitas alterações neste manuscrito. Augmentei informações e minucias, reproduzi idéas inuteis no primeiro caso, indispensaveis no segundo. Quem lêr agora o *Matuto* e o *Lourenço* notará algumas repetições. E' certo

porém, que, na leitura, póde ser este desacompanhado daquelle. Pelo que respeita ás repetições, passará as vistas por cima dellas o leitor benevolo sem enxergar materia para corpo de delicto contra o autor, attentos os motivos explicados.

Cumpre advertir que, comquanto cada uma das duas narrativas tenha acção propria, comquanto cada uma dellas possa subsistir sem a outra, para melhor conhecimento da guerra dos mascates em que ambas se inspiraram, a leitura do *Matuto* sem a do *Lourenço*, e vice-versa, não é bastante.

Esforcei-me por dar, quer no primeiro quer no ultimo, uma idéa tão completa quanto possivel, dessa guerra, ainda pouco estudada, não obstante a sua originalidade, por si só no caso de convidar a serio exame e meditação o historiador depois do economista e do politico. Pouca ou nenhuma importancia se lhe tem dado entre nós; é certo, comtudo que, sem a guerra dos mascates a qual deixou um vallo profundo entre brasileiros e portuguezes, não teriamos a revolução de 1817, radiante alva de que fôra aquella guerra o pallido crepusculo precursor do dia da Independencia em 1822.

Antes da emancipação das colonias americanas (1776), antes da conjuração mineira (1789), reunida a nobreza com o Senado da camara de Olinda em 1710, tratou de dar á capitania de Pernambuco outra fórma de governo, independente de Portugal: foi a

guerra dos mascates o primeiro grito no novo mundo contra as metropoles européas. Não imitou Pernambuco a França nem os Estados-Unidos. Pensou e obrou por si muito antes de nesses paizes se pensar em independencia e republica.

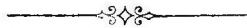
O ajuntamento discutiu a idéa suggerida por varios nobres de se estabelecer em Olinda uma republica aristocrática modelada pela de Veneza ; e si esta idéa, considerada por todos de alta magnitude, e recebida por muitos com medo, não prevaleceu, porque foram votos vencedores os dos *moderados* que, como meio de conciliar os animos discordes, propuzeram fosse aceito para governador o bispo alheio ás lutas partidarias, e a quem aliás cabia o governo, na falta do governador fugitivo, por via de successão, conforme dispunha a carta regia prevenindo as vacancias, nem por isso se deve desconhecer a prioridade de Pernambuco em cogitar na independencia.

A devassa, instaurada depois da chegada do governador Felix José Machado, occasionou homizios, prisões, sequestros, que sómente tiveram termo em 1714. A capitania ficou arruinada, muitas familias na viuvez e na miseria ; muitas fortunas desapareceram: foram quatro longos annos de calamidades, de lagrimas e luto. Si não houve execuções capitaes não foi por faltarem bons desejos ao governador e aos ministros, mas por não se poderem avir neste ponto com aquellas autoridades sanguinarias os

ouvidores da Parahyba e das Alagôas ; houve, porém, mortes e não poucas por occasião dos levantes, nos assaltos e batalhas ; houve assassinatos pelas estradas e até nos refugios onde os nobres tinham buscado pôr em segurança a sua vida.

Com todo o fundamento dever-se-ia reputar esta guerra como uma das mais prejudiciaes a Pernambuco, si ella não fôra a semente donde pullulou a planta da nossa independencia politica.

F. T



LITTERATURA DO NORTE
TERCEIRO LIVRO

LOURENÇO

CHRONICA PERNAMBUCANA

EDIÇÃO DE DUZENTOS EXEMPLARES

O governador Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, que chegára a Pernambuco em 7 de outubro de 1711, depois de ter passado alguns dias em Olinda, mudou a sua residencia para o Recife, com grande desagrado e desconfiança dos nobres, porque a florecente villa era a praça forte da burguezia portugueza, que aspirava á posse e mando da capitania.

Posto que já muito augmentado, não podia no lustre e numero dos habitantes competir o Recife com a opulenta e populosa capital, que do alto do seu orgulho olhava com desdem de soberana para a humilde vizinha a quem hoje paga feudo de vassallagem. Eram poucas as ruas, quasi nenhuns os estabelecimentos publicos. Mauricio de Nassau fizera surgir da ilha pittoresca sobrados, palacios e outras obras, cujos restos ainda attestam a grandeza do genio batavo. Mas todos estes

edifícios e estabelecimentos, bastantes para certificar vinte e quatro annos do dominio fecundo de um grande povo, pouco eram em comparação das ruas sem conta, dos templos sumptuosos, das habitações aristocraticas com que dos seus oiteiros descia até os valles, por entre pomares e jardins esplendidos, a Olinda dos poetas que nascera de um conflicto de prazer das vistas de Albuquerque com as rissonhas perspectivas que de cima desses oiteiros se descortinam, como nascera Venus do ajuntamento do sangue do céu com as escumas do mar.

A preferencia do governador feriu a nobreza nos seus fóros anciãos, e a cidade na sua justa e legitima vaidade. Todavia, os nobres teriam curtido em silencio este dobrado desdouro, si em 18 de novembro, quarenta dias depois da chegada de Felix José Machado, não fossem escandalizados com a nova inauguração do pellourinho, causa primordial da guerra extincta. (1) Não podendo mais reter, em presença do novo desacato, os seus resentimentos mal occultos, os mais importantes membros da nobreza pernambucana procuraram o bispo d. Manoel Alvares da Costa, de cujas mãos o governador recebera as redeas do governo, para o consultarem sobre o procedimento que deviam ter.

O bispo, modelo de brandura christã e de concordia fraternal, tratou de amaciar os fidalgos melindres erriçados.

1. Vi. l. o *Mituto*, segundo livro da *Litteratura do Norte*.

—Senhores, disse elle, não ha razão para assim vos mostrardes descontentes. O ouvidor não podia deixar de restabelecer o pellourinho, demolido em 1710 no ardor das paixões pelo povo levantado, visto que a villa está creada. Até me parece que, a não ter este procedimento, o ouvidor incorreria em culpa.

—Perdôe-me v. ex., redarguiu Estevam de Aragão. E' verdade que a villa está creada; mas, tendo opposto os nobres e os homens bons; ou antes o clero; a nobreza e o povo da capitania (que não se podem comprehender neste numero os abominaveis mascates) geral reacção a este acto, justo parecera que sem novo acto em que se visse manifesta a vontade de el-rei acerca de tal assumpto, não houvesse de parte dos ministros a menor deliberação. Poder-se-á acaso comprehender que os pernambucanos derramassem o seu sangue, que a nobreza lançasse mão das armas e gastasse rios de dinheiro para no fim de tão sanguinolenta e dispendiosa contenda, ficarem satisfeitos com a renovação do infame padrão?! Demais, que significam a carta de d. Lourenço de Almada, e a confirmação do perdão aos nobres pelo primeiro levante sinão que estes tinham razão no dito assumpto? Declaro a v. ex. que não posso conformar-me com a opinião dos que entendem estar tudo acabado, e nada nos restar d'ora em diante neste singular pleito sinão curvarmos a cabeça aos que têm agora por si as autoridades que não sabem dar o devido apreço á sua honra, e á justiça entregue

nas suas mãos. A meu parecer, a questão está de pé, a luta não teve o natural desfecho. O pellourinho, ha pouco inaugurado por entre festivas demonstrações da parte dos mercadores, deve ser novamente démolido.

— Nem nos custará muito darmos aos villões esta lição, ajuntou Antonio Dias de Figueiredo. Robustos estão ainda os braços que construíram á roda do Recife essas trincheiras, que o novo governador mandou destruir tanto que tomou conta da terra, mas que as maiores e mais desesperadas investidas dos mascates não poderam romper durante quatro longos mezes de cêrco. Os peitos patrioticos, que castigaram a arrogancia da villanagem, depressa voltarão ao posto, onde morrer pela patria lhes parecia mais nobre ainda do que vencer o inimigo.

— Senhores, respondeu o bispo, as guerras são cruas calamidades, que os estados devem evitar e os homens temer ; ellas oppõem-se á civilização, e a moral condemna-as. Milhões de cruzados e, o que é mais, milhares de vidas gastaram-se nesses infaustos mezes. Soffreu a agricultura, soffreu o commercio, soffreu o governo, soffreu a familia, soffreu a religião prejuizos incalculaveis. Mas para justificar o estado lastimoso de Pernambuco, havia uma razão—o governo tinha o direito de se fazer obedecer e a obrigação de impôr aos rebeldes obediencia. Nestes intuitos a nobreza fez o que ordenara a sua honra e o seu dever. Mas as circumstancias actuaes não são as mesmas. A nossa resis-

tencia ás novas autoridades metteria nas mãos dellas a arma que brandimos contra os rebeldes, e o estigma da rebeldia deixaria em nossas frentes. Cuidemos antes de reparar os grandes males que nos deixou como legado fatal essa luta ingloria e fraticida. Deixemos o mais á conta da disciplina das cousas humanas, aos altos conselhos da providencia.

Este parecer, que tinha as principaes raizes no animo piedoso do bispo, não foi bem accedido aos circumstantes. Entre estes o que mais tenaz se mostrou em não se conformar com a nova direcção das cousas publicas, foi Leão Falcão d'Eça. Estava elle para os fidalgos do sul da provincia, pela sua intrepidez e exaltação, na mesma relação que Cosme Cavalcanti para os do norte. Pelo seu voto, o primeiro passo que deviam dar os pernambucanos era pôrem abaixo o pelourinho. Disse elle que tinha amigos e moradores em Tracunhaem que o seguiriam na represalia sem entrarem na indagação dos perigos e do resultado final. Disse mais que não queria vida sinão até o momento de dar este segundo ensino aos mascates, depressa esquecidos do primeiro.

Cosme Cavalcanti trouxe tambem a sua pedra para o edificio da revolta.

— Não ignoraes que vim de proposito de Goyanna a cumprimentar o governador, porque se me mandara dizer desta cidade que « os nobres haviam assentado fazer cada qual a sua visita, e recolher-se emquanto

a obrigação de algum negocio os não chamasse.» Ia eu chegando ás portas de palacio, quando saiam de dentro João da Motta e o padre João da Costa. Ao darem com as vistas em mim, risos escarninhos são o cumprimento que tem um, olhares ameaçadores e desdenhosos são a cortezia que tem o outro. Diante dessas figuras ainda macilentas pela fome que com o cerco padeceram, todos os meus brios sentiram-se insultados. Pareceu-me que subir cabisbaixo as escadas por onde haviam descido triumphantes duas viboras peçonhentas não era acção que se compadecesse com o meu sangue e linhagem. Dei de rédeas ao cavallo e torci para traz. Não me hajaes por arrebatado, senhores. Eu já trazia nesse momento todos os meus espiritos erguidos: pelas ruas da infame povoação encontrara magotes de réles mercadores com alegres ares e palavras descompostas. Uns diziam versos em honra do seu triumpho; outros cantavam trovas depravadas contra a nobreza, chocalhando da nossa derrota. Sabeis ao que ia essa desprezível gentalha? Ia levar os seus agradecimentos ao ouvidor e ao governador pelo restabelecimento do pèllourinho.

— Cousas de imprudentes, disse o bispo. Ponhamos bem altos os nossos ouvidos para que não escutemos insultos e injurias, e bem attentas as vistas no estudo da nossa posição. Senhores, não nos illudamos. O governador traz largos poderes, e empregará todos os meios de se fazer obedecer. Não é tão facil como vos

parece, entorpecer a administração em sua marcha. Elle procura mostrar-se imparcial, si acaso o não é.

— Procurou ao principio, hoje não. Hoje tem-n'ó consigo os mascates, graças á força milagrosa do seu ouro e do dos padres da recoleta.

— Grave cousa affirmaes, sr. Falcão d'Eça, observou o bispo em ar de quem fazia amiga censura.

Sentindo a intenção de d. Manoel, Falcão d'Eça retorquiu :

— Perdõe-me v. ex.: não estou levantando aleives. Contou-me José da Silva que, « indo com requerimento um dia á casa do ouvidor, achára ahi dois missionarios, que naquella occasião lhe entregavam um cartucho de porte; e, querendo, sem que esta parte o visse, receber-o, rompendo-se-lhe nas mãos o papel com o pezo que embrulhava, se espalharam sobre um bofete as moedas de ouro, que caíram em quantidade; do que ficou o que as recebera, si bem pago, em nada satisfeito da testemunha de vista.» (1) Quer v. ex. que lhe aponte outros factos? No banquete que deu ha oito dias o governador em seu palacio aos mascates, acceitou peças de ouro, louvando por essa occasião a intelligencia delles, e dizendo-lhes que era muito superior á dos naturaes de Pernambuco. (2)

Não obstante este forte animo dos nobres contra a politica do governador e do ouvidor; não obstante a

(1) *Memor. Historic. de Pernambuco.*

(2) *Historico.*

inclinação das suas paixões para um novo conflicto, que devia resolver-se em segunda guerra por ventura mais encarniçada e mortifera que a primeira, pôde d. Manoel, graças ao prestigio que lhe ficára do governo, ao seu sagrado ministerio, á sua piedade, ao seu esforço, dissuadir os nobres do grave pensamento que alimentavam. D. Manoel foi ainda além deste resultado.

— Sou de parecer, dissera elle por derradeiro, que cada um dos amigos presentes volte á sua casa a tratar dos seus interesses, sem outro animo em relação á administração publica sinão o de obedecer ás autoridades e ser fiel a el-rei que ellas representam.

Estas palavras foram ouvidas por todos. Até Cosme Bezerra e Falcão d'Eça dentro de vinte e quatro horas volviam a seus lares.

O bispo não se enganara nas conjecturas. De facto, Felix José Machado estava armado com todos os poderes para vencer o espirito de rebellião, fosse de que lado fosse. A côrte de Lisboa não quizera desconsiderar inteiramente os pernambucanos, importantes pelas suas tradições, posição e fortuna ; mas incumbira o governador de destruir tudo o que se parecesse com germen de resistencia, de que podesse proceder o pensamento de tornar independente o Brazil. Não era sem razão que se previa alli este caso : soubera-se em Portugal tudo o que em Olinda se passara em 1710 por occasião de reunir-se a nobreza com o senado da

camara para escolha do governador, depois da fugida de Sebastião de Castro Caldas. D. João V percorreria com as vistas algumas das cartas, em que pelo miudo se referiam a importantes pessoas do reino palavras dos nobres reveladoras do intento de realizar essa independencia. De feito, este intento, já expresso em 1650, quando a corôa esteve para abandonar a colonia á sua propria sorte, em 1710 teve ainda mais positiva affirmação. Pedro Ribeiro da Silva, capitão-mór de Santo Antão, João de Barros Rego, capitão-mór em Olinda, João de Freitas da Cunha, mestre de campo, Bernardo Vieira de Mello, sargento-mór, emfim a principal nobreza opinara pela separação. Bernardo Vieira chegara a propor que se declarasse a capitania em republica « *ad instar* dos venezianos. »

O primeiro cuidado de Felix José Machado depois de chegar a Pernambuco foi estudar o estado dos dois partidos que se combatiam.

Estavam ambos cansados por mais que inculcassem o contrario. Os mascates, além de cansados, não tinham meios de proseguir a luta. Em toda a guerra só haviam contado uma victoria—a de Sibiró. Esta mesma teve por principal origem a circumstancia de haver o mestre de campo, commandante das tropas da nobreza, jurado ao bispo que em caso nenhum derramaria sangue; era o juramento de entregar-se ao inimigo. A victoria incruenta trouxe grande força moral aos mascates, e até lhes facilitou pelo lado do sul o fornecimento de

generos sem os quaes dentro em pouco tempo cairia o Recife em poder dos nobres. Mas aquella impressão desvaneceu-se e as facilidades cessaram com a victoria de Ipojuca, e o assedio da fortaleza de Tamandaré que tanto illustraram o já illustre ajudante-de-tenente Francisco Gil Ribeiro. Felix José Machado que trazia a intenção reservada de tomar o partido dos mascates, não pôde sustentar a mascara de imparcialidade sinão nos primeiros dias, e em vez de compôr os discordes, afastar os motivos de contenda, realizar, numa palavra, a obra do congraçamento, entendeu em mostrar-se forte para com os nobres em quem o cansaço não pudéra ainda gerar a fraqueza, nem os grandes gastos e prejuizos o receio de cair em penuria.

Não satisfeito com a restauração do pellourinho, ordenou ao novo ouvidor João Marques Bacalhão, que com elle viéra, que instituisse devassa sobre o primeiro levante, sem embargo do perdão; e nesta devassa atropellaram tão parcialmente os principios da justiça, que dezenove dos principaes nobres de Olinda, pronunciados em segredo, foram mandados prender pelo governador em 17 de fevereiro de 1712. De alguns, como do sargento-mór Leonardo Bezerra e do alféres André Vieira de Mello, verificou-se a prisão por occasião de saírem do proprio palacio do governador. As prisões continuaram. O capitão André Dias de Figueiredo, depois de passar quasi uma semana dentro de uma mina no convento dos jesuitas em Olinda, teve de ser

d'ahi arrancado para a semi-tumba das Cinco-pontas. A fugida para os matos foi então o primeiro, sinão unico recurso dos nobres. Em poucos dias Olinda ficou entregue sómente ás familias apavoradas, os engenhos ficaram ao desamparo, como a cidade e villas. A guerra já contribuíra poderosamente para paralyzar o serviço da lavoura; o novo golpe veio completar esta triste obra.

A capitania era um como paiz conquistado. Olinda chorava lagrimas de sangue e trajava luto. O Recife porém embalava-se entre verdores gentis e aguas mansas, como candida nymphéa.

Os mascates banqueteavam-se com os novos ministros. Chegara a sua vez.

partido. Era portanto de esperar que, restituído Jeronymo Paz á liberdade com a chegada do novo governador, não se demorasse a desforra que devia ser atroz, desforra premeditada e jurada pelo feroz *procurador do povo* desde o momento da sua prisão. (1)

O perigo era imminente. Trataram de prevenir-se os principaes nobres.

— Prometti ao bispo curvar a cabeça aos decretos da autoridade que nos mandaram para aniquilar-nos; mas não devo considerar-me ligado por esta promessa, porque para a fazer tive o fundamento de suppor que o intento do governador era administrar justiça a todos igualmente. O seu ultimo procedimento prova o contrario, e eu não estou mais pela obediencia sinão pela opposição ao tyranno. A devassa continúa aberta. O governador, o ouvidor e o juiz de fóra, os tres páos da forca destinada a acabar com os pernambucanos, não param em sua obra destruidora. Jeronymo Paz diz pelas tabernas que nos ha de pôr as cordas. A' vista disso, deveremos ficar impassiveis? Não. Organizar a guerra á tyrannia eis o que nos cumpre fazer

— Com que gente contaís vós, sr. Cosme Cavalcanti, para organizar e sustentar essa guerra? Onde estão as vossas ordenanças? Estão com os inimigos,

(1) Vid. *Maturo*, pag. 446.

que são as actuaes autoridades, ou os sustentadores dellas. Onde estão os nossos escravos? Uns morreram, outros fugiram; os que ainda restam mal chegam para dar-nos agua para os pés. Onde estão os nossos moradores, que os não vejo, por mais que estenda as vistas? Os que não ganharam fugitivos o sertão afim de não servirem contra sua vontade nos regimentos que o governador vai formando a seu modo, são velhos achacados, ou meninos que para nada prestam. Dizei-me por caridade, com quem havemos de fazer frente aos nossos carrascos?

— Tendes razão, João da Cunha—disse Luiz Vidal. O baralho caiu nas mãos dos inimigos que formam o jogo que lhes faz conta.

Cosme Cavalcanti redarguiu :

— Não perdi ainda a esperança de dar a esse governador que recebe em palacio aos pares as mulheres de má vida, e sustenta ahi banca de jogo, a lição que receberam de nós, por varias vezes, os que com elle se dão agora áquelle vicio, deixando-se roubar, para terem o grande vicioso ao seu lado. Corramos daqui a Itambé. Mathias Vidal deve ter muita gente reunida para arrostar com os nossos oppressores.

Ouvindo falar em Mathias Vidal, os outros fidalgos sobr'estiveram: aquelle illustre pernambucano, filho natural de André Vidal de Negreiros — um dos heróes da restauração — grangeara grande nomeada com a formação do *batalhão sagrado*, composto de sacer-

dotes resolutos a derramar até a ultima gotta de sangue em defesa do bispo ameaçado em sua vida pelos mascates, nos primeiros tempos do cêrco do Recife.

Mas a agradável illusão durou pouco. Rumor de passos fez-se ouvir, e um novo interlocutor, entrando inesperadamente na sala, advertiu :

— Mathias Vidal desapareceu, não se sabe para onde. E' o que acabo de ler em uma carta escripta por seu genro a Manoel de Lacerda.

O novo interlocutor era André Cavalcanti, que, sabendo esta triste noticia, corrêra a participal-a a Cosme Cavalcanti, seu irmão.

Cosme reflectiu um momento.

— Não importa — disse depois. Tenho cá o meu plano, e para a sua realização conto comvosco, sr. Luiz Vidal, e comvosco, André. Estarei enganado?

— Podeis contar, podeis contar comnosco — responderam os dois ao mesmo tempo.

— Morrerei onde morrerdes — ajuntou Luiz Vidal.

— Estando comvosco, sr. Cosme — disse André Cavalcanti — parece-me que terei por mais certa a victoria que a derrota.

— Que plano é o vosso ? perguntou o sargento-mór.

— Irei para as minhas fazendas de gado no Assù.

— Estão muito distantes. Não poderei acompanhar-vos até lá — tornou João da Cunha.

— Ahi — continuou Cosme— reunirei os meus vaqueiros e criadores que quizerem seguir-me: todos hão de seguir-me. Tenho fé que em menos de dois mezes Felix José Machado ha de tremer ao ouvir falar em meu nome.

Um momento de silencio que succedeu a esta declaração, indicou que os valorosos pernambucanos alli congregados, reflectiam sobre a sua sorte. A's palavras de Cosme, sempre de peso para os amigos, parentes e todos os que conheciam os seus grandes espiritos, seguiu-se breve mas solemne interrupção. João da Cunha foi o primeiro que se libertou desta prisão do prestigio natural da coragem e importancia pessoal.

— E quando é a vossa partida? perguntou.

— Para tão breve a tenho assentada que talvez seja esta a ultima vez que nos achemos juntos. Ha muitos dias que me apparelhei para realizal-a. Vejo que é chegado o momento de deixar Goyanna, afim de poder ser util a Goyanna. Os inimigos não dormem. Devemos ser, como elles, espertos e diligentes.

Cosme levantou-se, deu alguns passos em direcção a João da Cunha, abriu os braços, e apertou-o entre elles.

— Si não nos virmos mais, seja esta a nossa despedida—disse.

Os dois fidalgos ficaram commovidos. Aquella scena foi tão inesperada, tão muda e tão eloquente que não podia ser outro o sentimento dos que tomaram parte nella.

Depois de abraçar Luiz Vidal e André Cavalcanti, João da Cunha encaminhou-se á escada.

— Vêde bem como saís, observou Cosme acompanhando-o. Antes de pordes o pé na rua, examinai primeiro si ha do lado de fóra algum vulto suspeito. Andamos cercados de espiões.

— Não ha novidade. Mathias e José ficaram embaixo; trazem armas, são valentes, e já teriam vindo a meu encontro si houvesse qualquer desconfiança. A noite está medonha, mas elles são dois gatos do mato: vêem perfeitamente, no escuro.

— Agora nós—disse Cosme a meia voz aos irmãos torcendo á sala do sobrado, onde estas coisas se passavam. São oito horas. A' meia noite devemos achar-nos de marcha. Ide dizer adeus á familia, enquanto tomo as ultimas providencias.

A' meia noite tres cavallos sellados, e cinco carregados deixavam-se ver no quintal da casa. As cargas eram formadas com barricas, caixões e malas: nas barricas em que se imaginava estarem mettidos comestiveis, o que se continha era polvora e bala: nos caixões havia armas de fogo. Quando Zacharias, escravo de estimação de Cosme, veiu dizer-lhe que as suas ordens tinham sido executadas, elle com os dois irmãos, que desde as onze horas se achavam de volta, entraram para o quarto de vestir, e com pouco tornaram á sala. Mostravam-se inteiramente disfarçados. Cada um era um perfeito sertanejo, com as suas *perneiras*, *guarda-*

peito e véstia de couro. Quando puzeram na cabeça o chapéu, e um pegou do chicote, e outro da peia, tendo cada qual na mão esquerda um clavinote, ninguém diria que allí se offerciam á vista tres fidalgos finos sinão tres vaqueiros encourados que voltavam com carregamento ao sertão.

Cosme desceu ao quintal, abriu de manso a porta que communicava com a rua, e examinou cautelosamente as adjacencias ; estavam mettidas em trevas: o silencio era absoluto.

Então ordenou aos escravos e arreeiros que tocassem os animaes carregados, e montando a cavallo tomou logar no couce do comboio. André e Luiz seguiram o seu exemplo. Aquellas sombras mudas e tristes desappareceram em menos de um minuto na erma escuridão da noite.

Passados alguns dias, João da Cunha recebeu no seu engenho, dentro de um só envoltorio, duas cartas de circumstancia. A primeira rezava assim :

« Amigo e sr. sargento-mór.

« A tempestade que desabou sobre este Pernambuco, alcançou com um raio mortal o meu amigo e sogro quando elle julgava ter cessado a furia dos elementos. Mas a infamia do máo genio que preside actualmente aos destinos da capitania não ha quem della possa ter conhecimento sem se encher de assombro. Tanto

que constou que pela devassa aberta pelo ouvidor contra os levantes, os nobres estavam expostos ás perseguições e ás afflicções que se usam nestes negocios, tratou o sr. sargento-mór honorario, meu illustre sogro, de occultar-se nos matos da sua propriedade Itambé. E porque foram dizer linguas serpentinhas ao governador que ahi o mesmo sargento-mór honorario planejava, de accôrdo com os nobres, terceiro levante, e o dito governador tenha em muita conta o valor e os meios do sr. Mathias Vidal, o mandou declarar em um bando, que se publicou a toque de caixas, revoltoso e inconfidente. E vendo que por este meio não conseguia prendel-o, lembrou-lhe a perfidia publicar novo bando, destruindo todo o conceito que no primeiro patenteara contra aquelle sargento-mór, restituindo-lhe as honras, mandando que lhe fossem entregues todos os bens que lhe haviam sido sequestrados, e declarando por ultimo que elle podia recolher-se livremente a sua casa, que não haveria pessoa que lh'o impedisse. Mas aqui, amigo e senhor meu, é que está a nefanda perfidia, porque tudo isto não passou de laço para prender o sr. Mathias Vidal, que confiando na palavra do primeiro magistrado desta capitania, largou mão das cautelas até aquelle momento observadas, e tanto que o tiveram fóra do escondrijo deram passos para o prender; e si a prisão se não realizou desta vez, foi porque, avisado em tempo pelos amigos que tudo aquillo era uma traição, voltou elle ao seu

escondrijo. Mas d'ahi o foram arrancar os agentes do governador, e a esta hora jaz sepultado aquelle honrado pernambucano na semitumba das Cinco Pontas com outros companheiros de luta e infortunio.

« A' vista disto, senhor e amigo meu, tomei a deliberação de occultar-me nestas matas de Tracunhaem, onde vos escrevo as presentes regras, que particularmente se dirigem a chamar-vos para este abrigo, no qual o valoroso Falcão d'Eça espera dar terrivel ensino aos algozes dos pernambucanos. Si vos parecer, com a demais nobreza dessa villa, vir fazer-nos companhia nestas matas, mandai prevenir-nos, para que todas as providencias sejam dadas afim de se vos facilitar a entrada nos segredos.

« Deus vos guarde, amigo e senhor meu.

« Vosso humilde servo,

« *Martinho de Bulhões.* »

A outra carta era escripta pelo bispo, e não tinha mais que as linhas seguintes :

« Amigo e sr sargento-mór.

« Não tendo aqui um amigo que vos avise, visto que, uns por se acharem presos, outros por andarem foragidos pelos bosques, todos estão ausentes, tomo eu este caridoso officio.

« Occultai-vos com os amigos. Vai partir para ahi uma grande força commandada por João da Motta.

« Martinho pede-me que vos remetta a carta junta.

« † *D. Manoel A. da Costa.* »

O sargento-mór acabou de ler estas cartas com profunda magua. Chamar pela mulher, d. Damiana, e dizer-lhe em poucas palavras o que lêra, foi o seu primeiro passo. D. Damiana, posto que moça, era discreta e ajuizada. A estes dotes reunia outro — estimava muito o marido; estimava-o como esposa e como filha. O seu conselho era o da prudencia; o seu parecer tinha as principaes forças na confiança que inspirava áquelle que, podendo ser seu pai e sendo rico, compartira com ella a sorte e a fortuna.

— Não vos assusteis — disse o senhor de engenho disfarçando o seu pezar. O malvado governador jurou acabar com a nobreza de Pernambuco, e vai cumprindo o juramento. Vem ahi uma grande força para prender os fidalgos de Goyanna. Em Olinda já a maldade não tem em quem pôr os dentes e as garras. Os nobres, que não cáem nas prisões, perdem-se nos matos. D. Manoel manda dizer-me que me occulte. Não ha outra esperança de salvação. Lá se foi o tempo em que eu podia castigar tão grandes ousadias. Hoje tudo me falta. A guerra levou-me as economias que eu tinha juntas. Ha um anno que o meu engenho não móe uma canna,

e as minhas lavouras mal dão para o gasto da casa. A nossa fabrica está reduzida pela morte de uns escravos, pela fugida de outros. Os meus foreiros, cansados do serviço de guerra a que foram forçados antes de chegar o governador, occultam-se agora para não serem chamados a igual inclemencia. Nestas penosas circumstancias, que me resta fazer sinão metter-me nas brenhas?

Nos primeiros momentos, d. Damiana, tomada de amargura, não soube o que dizer. A separação é uma morte temporaria para os esposos que se estimam; e, a esta idéa, poucos espiritos, feitos na suave paz conjugal tão rica de brandas satisfações, não perdem a serenidade necessaria a resoluções que podem traduzir-se na privação daquellas.

Mas não se demorou a recobrar os animos. Era mulher para lutas proprias de homens. Chamavam-lhe *Escopeteira* por ser perita em atirar ao alvo. Antes de Goyanna ser atacada pelo bando de Luiz Soares, ella dissera a Cosme Cavalcanti: « Si entrardes na sala das mulheres ficareis admirado do armamento que lá existe. Ha mais de uma semana não tinha eu no engenho outra occupação que fazer cartuchame. Na casa de João da Cunha só penetrará mascate depois que Damiana da Cunha houver exhalado o ultimo suspiro. » Não fôra isto uma bravata vã e ridicula, porque na manhã seguinte defendera heroicamente com as mucamas e escravas o sobrado

onde se achava, atirando contra os assaltantes, exposta aos maiores perigos. (1)

— Por que motivo haveis de occultar-vos? Estará perdida toda a esperança? inquiriu d. Damiana.

— Que outra esperança me resta? respondeu-lhe o sargento-mór. Aquelles parentes e amigos que me ajudaram a dar um ensino aos inimigos em agosto do anno passado, abandonaram-me. Vejo-me só. Tudo se mudou para peor. Nem negros, nem moradores, nem provisões de bocca.

D. Damiana não se deu por vencida. A ausencia do marido afigurava-se-lhe mais penosa que as perseguições ordenadas pelo governador. Emquanto pôde, impediu João da Cunha de resolver-se a deixar o engenho.

Chegou porém uma manhã decisiva. A tropa a que se referira o bispo, estava perto. Uma pobre mulher, amiga da familia ameaçada, viera, atravessando florestas, trazer ao senhor de engenho esta triste nova.

— Si estais deliberado a deixar Goyanna, iremos juntos—disse d. Damiana ao marido. Não quero ficar aqui. Os nossos inimigos insultar-me-iam si eu ficasse só. Não vão elles mostrando para quanto prestam com os desacatos que por onde passam têm para as familias?

— Infelizmente não podeis acompanhar-me, senhora—advertiu João da Cunha. A minha jornada ha de ser ardua, por dentro de bosques, a travez de desertos

(1) Vid. *Matuto* pags. 362 e 398.

medonhos e inhospitos. Ser-me-á preciso recorrer ao disfarce que não ha de valer muito em vós, porque o disfarce nas mulheres por pouco tempo engana. Ser-me-á preciso estar só para, si tiver de morrer, poder morrer só, e menos dura me ser a dor da morte. Mas nada temais. Ficam comvosco os ultimos escravos da nossa confiança ; alguns delles carregaram-vos em seus braços quando ereis menina. Mandai vir para junto de vós Marcellina, essa santa e piedosa mulher. Lourenço, que deverá acompanhar-me porque eu não confio em outrem para viagem de tanto risco, voltará a Bujary, e tereis nelle um defensor que valerá por cem. Deus com a sua vigilancia completará o amparo.

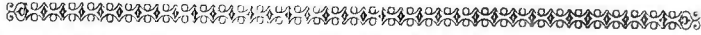
Confidenciava o senhor de engenho com a mulher naquelle mesmo gabinete particular onde pouco mais de um anno antes, por s. João, reunira a principal nobreza da villa, e lhe propuzera o ataque aos mascates do Recife. Então dera mostras de força pelas quaes se podera aferir quanto era superior áquelles em recursos quer materiaes quer moraes. Agora era tudo differente. Em lugar de atacar, tratava de fugir aos inimigos. Ao seu lado via somente a mulher, que, posto fosse resoluta, e rogasse participar da sua sorte, antes lhe inspirava incerteza que decisão. Em vez de rubra soberba mostrava no gesto cauteloso pallida resignação, em vez de arrogancia tinha nas palavras maguados tons.

D. Damiana sentou-se ao pé do marido, e poz-lhe meigamente um braço sobre o hombro. Não lhe con-

sentiu elle ficar assim mais que um instante, e levantando-se, disse :

— Partirei dentro de poucas horas. Ide tratar sem demora dos preparativos dessa jornada que o coração me annuncia ser a ultima.

D. Damiana encaminhou-se para dentro levando lagrimas a banhar-lhe as faces onde antes se acendiam, viçosas como a juventude, as rosas da felicidade agora murchas e quasi extinctas.



Marcellina e Lourenço, depois do incendio praticado pelo bando de Luiz Soares na casa que Francisco fizera á beira da estrada, no *Cajueiro*, logarejo distante de Goyanna uma legua, actualmente muito estendido, moravam em uma palhoça, obra de vinte braças para dentro, na mesma direcção da casa queimada. Fôra facil ao rapaz e a sua mãe de criação, mulher affeita ao trabalho do campo, tão resoluta como Francisco, seu marido, reconstruirem a antiga habitação; mas, estando os tempos muito contrarios, e receiando a cada momento hostilidades movidas pelos parciaes dos mercadores, pareceu-lhes melhor espaçar a reconstrucção para depois, contentando-se com levantarem a ligeira palhoça onde se recolheram, e cuja perda lhes seria de pouco tomo si houvessem de passar por este novo prejuizo.

A palhoça fôra de proposito feita entre umas arvores grandes e ramalhudas, muito juntas e entrelaçadas, que quasi a encobriam do lado da estrada. Do lado opposto, porém, dava ella em um como descampado que se interpunha entre aquellas arvores e a renque de dendezeiros e cajueiros que circulava a lagôa, onde certa manhã Francisco surprendera Marcellina a cortar juncos para fazer esteiras.

Logo que constou em Goyanna o levantamento do cêrco, Marcellina mandou Lourenço tomar o caminho do Recife.

— Não percas nem um dia, siquer ; prepara o cavallo e corre a buscar Francisco. Elle já ha de estar no Recife, ou na cidade ; e quem sabe si não espera por conducção para voltar. Quantas saudades tenho de meu marido !

E irresistivelmente as lagrimas de um amor sinceramente commovido começaram a bailar nos olhos da cabocla.

Marcellina tinha razão : havia alguns mezes que Francisco estava ausente. Caíndo na graça do ajudante de-tenente pelos bons serviços que, com lealdade e discrição admiraveis, lhe prestara desde que com elle se encontrara ao sair de Itamaracá, até á completa victoria no dia 23 de agosto do anno precedente, Francisco, a quem Gil Ribeiro fizera grandes vantagens, e promettera outras maiores, o tinha acompa-

nhado ao sul, e se compromettera a não o deixar sinão quando se acabasse a guerra.

— Si hei de andar almocremando com risco de me tomarem o meu cavallo e fazerem o diabo commigo — dissera o matuto por occasião de discorrer com sua mulher sobre a proposta do ajudante-de-tenente — melhor é que me acoste a seu ajudante, e vá ganhar meu dinheiro prestando serviços á nobreza. Esta guerra não póde durar muito, porque os *pés de chumbo* estão encurralados. Portanto, no fim de dois mezes já estarei de volta com *gimbo* bastante para encher o nosso mealheiro.

Para fazer a proposta ao matuto muito influira em Gil além das razões referidas, o conhecimento que tinha aquelle de toda a região das matas, desde Goyanna até Jaboação. De sorte que Francisco era ao mesmo tempo confidente e guia do ajudante-de-tenente.

Francisco porém enganara-se, e Marcellina, a quem ao principio se afigurara, pelo interesse esperado, poder arrostar a ausencia, nos ultimos tempos sentia-se ralada de saudades, e todo dia fazia novas promessas aos santos da sua devoção para que permittissem que seu marido voltasse logo.

Recebendo a ordem de sua mãe, Lourenço não gastou mais tempo no Cajueiro do que o necessario ao arranjo da jornada. No outro dia bem cedo já estava de caminho.

A vida de Lourenço entrára em nova phase depois do que se tinha passado no memoravel dia 23 de agosto de 1711.

Com o cêrco do Recife, os productos da pequena layoura entraram a escacear, e conseguintemente a encarecer. Todos os lavradores da zona das matas, que circula o Recife, tinham acudido ao chamado do governo afim de pegar em armas, arrastando comsigo os matutos e escravos que cultivavam as suas terras. Por isso, aquelles que por qualquer circumstancia especial não seacharam neste caso, e puderam proseguir o seu trabalho do campo, depressa começaram a vender por bom dinheiro as sementes e cereaes que levavam ao Recife. Compravam-lhes os capitães-móres esses productos por ordem do governo, para manter as gentes que sustentavam os presidios. E além de lhes comprarem a mercadoria, consideravam grande favor o apresentarem-se com ella, porque, sem este recurso, sustentar o cêrco lhes seria impossivel.

Marcellina, que tinha o instincto mercantil mais desenvolvido, entreviu os grandes resultados que deveria tirar das circumstancias. Infelizmente, não podia encher a medida dos seus desejos, porque além de Francisco não plantar sinão quanto era necessario ao sustento da familia (nem dispunha de meios para mais, ainda que o quizesse) o ajudante-de-tenente o levava para a capital, como dissemos: á vista de tão favoraveis promessas, o matuto não achava

argumentos com que se esquivar. Demais, Lourenço estava já um homem, e ficava com Marcellina a quem defenderia nas horas de perigo. O matuto, conhecendo os animos do rapaz, e não havendo motivo de perder os proveitos, disse adeus ao Cajueiro, e partiu, o que não lhe custou pouco. Sempre que se separava da mulher; da casa, do seu mundo, sentia uma como mutilação na alma.

Marcellina, porém, não perdia por falta de quem a dirigisse, porque trazia em si o melhor senso administrativo e commercial que ainda se conheceu em mulher. Terras no engenho Bujary não lhe faltavam; e quanto a braços, tratou de aproveitar os que pôde. Nem lhe foi preciso ir muito longe, para preencher este fim. Com a morte de Victorino, por ocasião do assalto contra o engenho e da destruição da casa, ficaram Joaquina e Marianninha ao desamparo, si Marcellina as não chamasse para sua companhia. Outra palhoça foi feita nas proximidades da de Francisco, e ahi vieram morar a mãe e a filha do morto. Marcellina disse-lhes o seu pensamento, e como eram mulheres de campo, longe de se opporem, mostraram-se deliberadas a trabalhar com vontade. Dentro de algumas semanas lavouras graciosas cobriam uma vasta quadra de terra até aonde a vista podia alcançar. E porque tão cedo não estivesse em estado de colher-se, Lourenço, que instruído e educado na escola de Marcellina, não tinha animo para ver

perdida tão boa occasião de ganhar com que comprar uma engenhoca, adoptou, por conselho da cabocla, outro meio de interesse. Muitos plantadores careciam de coragem para ir ao Recife vender os seus productos; levavam-n'os então á Goyanna, onde os deixavam por baixo preço. Ao principio, com algumas economias de sua mão, e depois já com lucros das primeiras vendas, Lourenço comprava o que ninguem queria mais nas feiras; e depois, conduzia os generos comprados para Olinda e Recife, e ahi os revendia com grandes lucros. Estes lucros já chegavam para fazer aquisição de terras onde levantar uma engenhoca, e Lourenço tinha de olho uma meia legua de massapê que do outro lado das em que morava estava em capoeira, e pertencia a um sujeito, que a andava offerecendo por falta de braços que a cultivassem.

Não custou muito a Lourenço encontrar-se com Francisco no Recife; mas a sorte parecia querer caprichosamente prolongar a ausencia do matuto, e as saudades de Marcellina. Apenas o primeiro viu o segundo, correu para elle e atirou-se em seus braços.

— Tu por aqui, Lourenço! E que novas me dás de Marcellina? Fala, fala logo, filho de minha alma.

— Deixei-a boa, Deus louvado. Foi ella que me mandou buscar vosmecê. E vosmecê ainda está de farda?

— E estarei por meus peccados. Nem tu sabes o

que acaba de acontecer. Quando eu já me suppunha livre e tratava de arrumar a minha trouxa, sabes o que havia de succeder? Oh! Estes mascates só queimados! Diabos os levem, os malditos!

— Que foi que succedeu?

— Recebi ordem para continuar a servir a el-rei. Maldita foi a hora em que disse a seu ajudante que vinha com elle.

— Que está dizendo, meu pai? Pois vosmecê, que até poucos dias serviu aos nobres, vai agora servir aos mascates?

— E' verdade, meu filho. Fizeram-me esta os endemoniados. Mas isto não é o melhor. Queres saber o resto? Por ordem do governador, foram tomadas todas as prezas que seu ajudante tinha feito em Itamaracá. Tu sabes que eu devia ter parte nelas, mas, agora, fico em branco.

— Que está dizendo?

— Lá se vão as nove sumacas e tudo o mais pela agua abaixo— bois, cavallos, joias, dinheiro; tudo vai entregar-se ao governador. Eu nas sumacas não tinha parte porque seu ajudante as tomou em Itamaracá, antes de ir para Goyanna; mas no restante devia ter meu quinhão, e não era usura, não senhor. Olha, Lourenço, eu estou falando com o coração nas mãos. No ataque do engenho Garapú, em Ipojuca, atirei-me ás trincheiras inimigas como doudo. Recebi ahi uma bala no hombro, que me deixou um rasgão no

couro que já está são e logo te mostrarei. Os inimigos desampararam as trincheiras, e nós d'ali fomos a Tamandaré, encontrando sempre gente contraria a fazer-nos fogo. Onde seu ajudante se achava, eu com elle. Nunca virei a cara á bala. Si não chega o novo governador, teriamos de contar nova victoria. Mas os tempos mudaram-se, e de Tamandaré partimos para aqui, onde tivemos noticia desta boa paga. Seu ajudante está muito desgostoso. E pelo geito das cousas, parece que vamos ter nova guerra dos fidalgos contra os mascates.

— Antes isso, meu pai, do que ficar vosmecê ás ordens desta gente ruim, que queimou a nossa casa e levou a nossa criação.

— Eu já me lembrei de desertar, mas além de não ser isso bonito, onde me iria metter, que elles não podessem dar commigo? Mas, si os nobres quizerem novamente pegar em armas, podes dizer que nem um momento estarei com os pés de chumbo.

Quando ainda bem não tinha dito um ao outro o necessario, um soldado approximou-se de Francisco e intimou-lhe que voltasse immediatamente ao quartel por ordem superior. Para encurtar razões, algumas horas depois Francisco saiu em destacamento volante que devia auxiliar o Camarão em importantes diligencias contra certos nobres de Serinhaem.

Lourenço voltou ao Cajueiro verdadeiramente amargurado.

— Diabos levem a vida do soldado. E eu que já quiz sentar praça! Deus me livre. Antes ser negro captivo.

Os dissabores de Marcellina foram maiores. Esperava o marido com o coração transbordando de alegrias; e em vez de consoladoras doçuras, recebeu o fel da prolongação da ausencia por tempo indefinido. Mas logo caiu naquelle espirito privilegiado o balsamo da resignação.

— Que hei de fazer, meu Deus! Tanta promessa perdida a nossa senhora do rosario, a santo Christo dos milagres, ao bom Jesus dos martyrios. Os meus merecimentos não são nenhuns. Que hei de fazer!

E voltou-se de corpo e alma ao trabalho, sua esperança, sua fé, sua consolação.

Umã tarde, já em 1712, chamou Lourenço e disse-lhe:

— Vamos augmentar o puxado, que já não tenho onde botar as esteiras novas que acabei. Estou vendo a hora que os ladrões vem furtal-as do alpendre.

Sendo já quasi sol posto, Lourenço, para não se expor a anoitecer-lhe dentro da mata, lembrou-se de aproveitar a madeira da casa queimada, que se estava perdendo ao tempo. Pegou de um ferro-de-cova e uma enxada, e encaminhou-se ás ruinas. Por baixo de um grande entulho, formado pelo barro das paredes e por pedaços de estacas que a força do vento e das chammas havia atirado em uma só direcção, appareciam as pontas de uns caibros que não alcançara o fogo.

Era talvez este o unico entulho que não tinha sido

bolido. Todo o mais espaço restante, occupado pelos destroços, mostrava-se revolvido, e em alguns pontos viam-se até fundas covas, algumas das quaes se converteram em barreiros onde as chuvas deixavam aguas estagnadas.

Lourenço metteu a enxada no barro com vontade e em pouco tempo ouviu um som cavo echoar de sob as camadas que cobriam a madeira.

Com uma nova enxadada, um objecto estalou de baixo do instrumento. Lourenço metteu o ferro-de-cova nesse ponto, e forcejando no cabo, revirou parte dos caibros sotopostos. Ao mesmo tempo um embrulho passou por entre a terra solta, trazido na ponta do ferro. O rapaz corre presto a ver o achado. Era uma como palma de luva de couro cobrindo um objecto brando e flexivel. Com a ponta da faca que trazia ao cós, descoseu este envoltorio mysterioso, e o que lhe fica nas mãos, tira lo o couro, é um papel dobrado em quatro faces.

— Que será isto, meu Deus? disse consigo o rapaz.

Abriu o papel e leu o seguinte:

« Dou a Lourenço, orphão que Francisco dos Prazeres e sua mulher Marcellina, moradores no Cajueiro, têm como filho em sua companhia, a casa e as terras que me deu o senhor do engenho Bujary, sargento-mór João da Cunha Cavalcanti, do outro lado da estrada onde têm a sua casa os ditos moradores.

« Os limites das terras que ora dão ao referido orphão, estão lançados por escriptura nas notas do tabellião Belchior da Fonseca e Silva.

«Goyanna, 22 de agosto de 1711.

« Padre *Antonio do Espirito Santo Mariz.* »

Estatico, os olhos immoveis, as pernas tremulas, Lourenço exclamou :

— Oh meu Deus ! Eu não sei o que é que estou lendo ! Será certo que seu padre Antonio me deu a sua casa e as suas terras ? Mas como veio isso parar aqui ? E quem coseu o papel no couro ? Ah ! já entendo tudo. Foi minha mãe quem guardou esta fortuna. Foi por isso que ella andou fazendo tantos buracos por aqui, e não cessava de procurar nestes entulhos uma coisa, que nunca disse o que era. Achei, achei, minha mãe ; está aqui, está aqui a minha fortuna, o meu dote. Deus lhe dê o pago, seu padre, Deus lhe dê muitos augmentos por me ter feito esta esmola de tanto valor. Mas onde estará seu padre ? Oh ! Si eu pudesse vel-o, abraçal-o, beijar-lhe de joelhos a bemfeitora mão .. Meu Deus ! Meu Deus ! Será verdade que a casa que alli está me pertence ? E foi seu padre Antonio quem me fez este beneficio ?

Lagrimas de satisfação indizivel acudiram aos olhos do rapaz.

Passado o primeiro momento desta commoção, elle, inclinando-se, examinou o logar d'onde o ferro-de-cova tirára aquelle thesouro, e pôde descobrir uma cai-

xinha de madeira do seu conhecimento. Era a caixinha onde Marcellina costumava guardar varias orações prodigiosas para curar de maleitas e outras doenças.

Quando Lourenço se ergueu afim de ler de novo o papel em que parecia não acreditar estivessem escriptas tão agradaveis coisas , sentiu atraz de si rumor de passos.

—E' minha mãe, disse comsigo.

Voltando-se, viu um homem. Era João da Cunha.

— Seu sargento-mór por aqui ! emendou elle occultando instinctivamente o papel na mão. -

— Vai buscar o teu cavallo, para acompanhar-me. Temos de sair já. Não ha tempo sinão de tomares o cavallo.

— Minha mãe sabe para onde vamos ?

— Sabe tudo ; já me entendi com ella. Neste momento dirigiu-se a Bujary a fazer companhia á sra. d. Damiana. Não te demores, que já me parece ouvir o rumor surdo dos passos da tropa, que vem em busca de mim.

—E' já, seu sargento-mór.

Não tendo meios de guardar o papel em lugar seguro, elle o atou por dentro da camisa na cintura, envolto no mesmo couro que o tivera illeso debaixo da terra.

Antes de anoitecer tomaram a direcção de Tracunhaem.

Ficava o famoso ponto de resistencia, estabelecido e sustentado ahi por Falcão d'Eça, perto do rio que deu o nome á liga, cerca de um quarto de legua. Guarnecido de matos por todos os lados, só se podia ir ter alli por um caminho occulto que começava entre duas pedras quasi unidas na beira do rio. Para tomar a entrada entre essas pedras era preciso seguir um bom pedaço rio acima, de verão com agua pela barriga, e de inverno a nado. Sem isto o ponto era inacessivel, porque pelo lado do Tracunhaem os matos vinham morrer quasi dentro das aguas, entre talhados que não deixavam nenhum espaço á passagem nem de cabras ; e pelos outros lados, arvores seculares, que dois homens não poderiam abarcar, serviam de natural palissada, impossivel de romper. João da Cunha, que tinha todas as indicações necessarias para entrar no pouso, mandadas pelo proprio Falcão d'Eça muito antes, chegou sem novidade ao coração do segredo.

Perto de cincoenta fidalgos, tendo á sua frente Falcão d'Eça, arrostavam nesse magestoso escondrijo todos os rigores da sorte adversa.

O rigoroso inverno que caiu sobre Pernambuco em 1713, um anno antes começara a mostrar o que havia de ser. Em agosto estavam os rios ainda muito grossos, os caminhos cortados de atoleiros, as terras baixas convertidas em vastos pantanos.

Em uma das noites mais asperas de 1712, Lourenço entrou nas matas de Tracunhaem.

Já muito lhe custara atravessar o rio, e como não offercesse este passagem, sinão arriscada, para o ponto onde se escondiam os nobres, julgou aquelle prudente pernoitar por alli mesmo. Em certo fechado ao pé de um cedro colossal, em cujo tronco se via uma grande fenda na altura de um homem, poz abaixo a carga de mantimento e roupa que levava do engenho para o sargento-mór.

— Si vier por ahi alguma *trovoada*, — dissera elle

comsigo — metto-me dentro deste ôco onde ninguem me ha de ver.

O enfado da jornada trouxe-lhe somno que depressa o prendeu, não obstante a chuva. Pela madrugada acordou, ouvindo soar tiros ao longe; e comquanto estivesse certo de se terem ordenado diligencias contra os nobres escondidos, recuperou o somno, e dormiu até o raiar do dia, que foi fresco e bello. A chuva cessara inteiramente. O sol dardejava raios horizontaes por entre as folhagens, que se esclareciam tomando differente aspecto.

Apenas de pé, quando tratava de buscar o cavallo para continuar a jornada, ouviu ruido de passos e vozes perto. Os passos e as vozes foram aumentando pouco e pouco. Dentro de algum tempo aquelle ruido já era acompanhado do de retintim de muitas armas. Emfim, viu o rapaz com espanto e confusão, desfilar por diante das arvores, que o encobriam, grande partida de soldados.

Affiguraram-se estes aos seus olhos vultos patibulares, visões pavorosas como demonios em que elle acreditava.

Tinham calças arregaçadas e enlameadas, as jaquetas pegadas no corpo, os chapéus ainda humedecidos e demudados, nas faces estampado o somno, o cansaço, a fome e a maldade, nas mãos armas sinistras e ameaçadoras.

Grande parte desta força, passante de duzentos homens, era composta de caboclos; no restante havia de

tudo — negros, curibocas, mestiços, semi-brancos e até brancos.

Formava o todo uma grande mó, em cujo centro se destacavam onze membros da nobreza. No couce da tropa mostravam-se a cavallo os coroneis Manoel Gonsalves Tunã-Cumbe e Sebastião Pinheiro Camarão, chefes do bando. A um lado delles, seguiam-nos o capitão-mór de Iguarassú, Antonio da Silva Pereira, e o de Tracunhaem João Cavalcante de Albuquerque que por ordem do governador auxiliaram com gente sua os dois primeiros na importante busca. O semblante destes caudilhos accusava sinistra vaidade; o daquelles tinha a expressão alvar do delator.

Quando menos esperava, impressão mais violenta deixou o rapaz attonito: descobrira entre os prisioneiros João da Cunha. Uma corda ligava-o com outro nobre pelo braço direito. Trazia elle a physionomia decomposta por afflicção intima, por desgosto mortal, antes vergonha filha do desdouro em que se via posto.

Em toda a sua vida, Lourenço nunca sentira dor tão atroz. Affeito desde menino a ver no sargento-mór representada uma instituição, que elle não sabia explicar, mas que impunha a seu espirito a força de lei fatal e quasi divina — a instituição da nobreza, foi com verdadeiro assombro que testemunhou agora aquelle claro pulso aviltado pelo instrumento destinado aos réos vulgares, que só despertavam compai-

xão. A philosophia da vida dava pela primeira vez a ler ao bisonho almocreve uma das paginas tristes, que o homem versado em lettras encontra aos milhares no immenso livro da historia.

Passada esta primeira commoção, uma como revolta interior operou-se de repente em todo o seu ser.

Impulso irresistivel atira-o para diante electricamente.

Por entre os ramos que o occultam, a mão direita armada com a faca livre da bainha, mostra-se em attitude de descarregar golpe cruel. Mas a voz da consciencia soou mais alto que a da paixão no animo do almocreve. Elle tinha diante de si duzentos homens armados.

—Será possivel,—disse consigo—que eu não possa valer nesta amargura seu sargento-mór! Desgraçado que sou! Fraco e só, diante de tanta gente forte. Triste foi a hora em que fiz esta viagem.

Subito o assalta um pensamento que elle realiza inconscientemente, mecanicamente. Põe o pé sobre a borda do grande ôco, e sobe-se ao páo. Ganhando posição elevada, atira dentre a folhagem a faca que empalmará, quando se lhe deparara a estranha vista. O movimento foi rapido. Como faisca electrica, a arma, descrevendo uma eliptica no vacuo, foi bater contra o alvo. Um grito quebrou a mudez dos bosques: soltara-o o Tunda-Cumbe em cujo braço esquerdo a faca se cravara.

No mesmo instante sentiu o rapaz forte pancada contra os quadris, semelhante a que produz o bote de alentada cobra; e logo força descommunal o puxa para baixo. Mal seguro, não pôde resistir á força que o alcançara, e teve de cair, não ao pé da arvore, mas no interior do ôco, onde a escuridão era profunda.

Então, uma voz abafada mas conhecida d'elle, segredou-lhe aos ouvidos:

— Estás doudo, Lourenço? Queres que os malvados te matem?

— E' vosmecê, seu Falcão? inquiriu o rapaz aturdido da descida rude, que lhe lançara grande confusão no espirito. Vosmecê quer desgraçar-me? Eu não sou bom, e não gosto que me tratem deste modo. Porque não me deixou matar aquelle *puça*, aquelle infame Tunda-Cumbe?

— Cala-te, menino, retorquiu o capitão. Tu não tens juizo; és um tolo. Que seria de ti si elles chegassem a ver-te?

— Verdade é que estou desarmado. Mas tenho muita força, Deus louvado. Era capaz de quebrar os ossos do *marinheiro* si o apertasse entre os braços.

— Guarda a tua força para quando fôr tempo.

— Vosmecê atirou-me aqui dentro, quando eu já ia salvar seu sargento-mór. Estou zangado. Não me faça mais disso.

— Ias perder-te. Por ver a tua loucura foi que te puxei para aqui. Não sejas criança. Que farias tu, só,

sem armas, sem uma faca ao menos ? Alli vão amarrados parentes e amigos, que muito me merecem ; mas nem por isso praticarei asneiras .

Lourenço ia responder, quando sentiu sobre os labios a mão do capitão querendo dizer que não falasse. Ao mesmo tempo ouviu surdo rumor de passos acima de sua cabeça. Eram varios soldados que haviam corrido a ver si descobriam o autor do attentado contra o coronel.

Neste momento, o Tunda-Cumbe, rangendo os dentes, clamou inflammado na paixão que o tomara:

— Has de pagar-me, Falcão d'Eça, has de pagar-me o que ora fizeste. Hei de cortar-te as orelhas para dar de presente ao meu cão. Si estes matos têm ouvidos, elles que ouçam a tua sentença de morte, que se ha de realizar no futuro, pois tão cobarde és que não te apresentas, e sómente me feres á traição.

Ditas estas palavras, o Tunda-Cumbe, como si reconhecesse os perigos de dar busca em dominios encobertos, alheios e desconhecidos, voltou immediatamente ao ponto onde fizera alto a tropa, que elle ordenou seguisse a marche-marche.

— Não é nada, disse como para tranquillizar os seus. Já não vertem sangue as minhas veias ; o da estúpida nobreza de Pernambuco, descendente de Caheté com Moçambique, esse sim, não vejo atadura que o faça tão cedo estancar.

— Não o matei, mas sempre lhe dei um ensino —

disse Lourenço a meia voz debaixo da terra, sentindo serenada, com as palavras do capitão, parte da sua grande colera. Assim foi bom. Os nobres precisam da tua vida, miseravel peixeiro, para tomarem a vingança que mereces. Havemos de ver qual dos dois sangues deixará primeiro de correr em Pernambuco, si o teu sangue de bicho da outra banda, si o da nobreza de minha terra, o sangue azul daquelles que te mataram a fome e agora cobres de lama e desaforos.

E voltando-se para o capitão accrescentou :

— E que faz vosmecê, seu Falcão d'Eça, que não mostra ao governador e ao ouvidor dos mascates para quanto presta o seu brio? Será possivel que tanta gente, tanto fidalgo limpo, tanto homem rico e que sabe onde tem as ventas, esteja a soffrer as ousadias de labregos sujos, que deviam ser botados para fóra a peia?

— Veremos agora o que se ha de fazer — disse o capitão.

Os pernambucanos mettidos entre a escolta, tinham sido presos por occasião da diligencia, que vem apontada nas chronicas daquelle tempo com a denominação de *caçada geral*.

O fim principal desta caçada para cujo bom resultado os bandoleiros do Camarão e do Tunda-Cumbe até amestraram cães a pegar gente no mato, era destruir pela prisão de Falcão d'Eça, que por suas grandes faculdades naturaes, se tornara o apoio da

nobreza, e um dos que mais davam que pensar ao governador, aquelle asylo onde se encastellavam muitos e importantes cavalheiros.

Falcão tinha direito a esta distincção que deixou seu nome tão conspicuamente inscripto nos annaes pernambucanos.

Tanto que, pelas primeiras prisões, a nobreza começou a procurar os matos, ou ausentar-se para fóra da capitania, Felix José Machado a quem não é licito recusar animos excepçionaes, considerando-se inatacavel, entregou-se a passeios, banquetes, divertimentos, digressões pelos arrabaldes, e até a grandes jogos e largas crápulas.

Nas chronicas se lêem os nomes dos que frequentavam a banca de jogo armada em palacio, e os das meretrizes que tinham ahí entrada franca.

Um dia disse-lhe Manoel Carneiro:

— Breve teremos uma tinguijada, sr governador.

Tanto bastou para que este se dêsse por convidado, e no dia aprazado se achasse em casa de Carneiro com o ouvidor, o juiz de fóra, d. Francisco de Souza, e outros importantes membros do partido dos mercadores.

Não era a primeira vez que elle compellia Manoel Carneiro a augmentar os pratos da sua mesa. Mezes antes um grande jantar se realizára alli por occasião da *botada* do engenho, ao qual compareceu Felix José Machado.

Mas nenhuma festa deu tanto que falar como a da *tinguijada*. Foram tres dias gôrdos. « Só em ovos sessenta patacas se despenderam », diz admirado o principal chronista da guerra dos mascates.

Chegado o momento da apanha do peixe, o governador encaminhou-se para a beira do Capibaribe.

Não deixando o rio pôços, duas tapagens tinham sido feitas com palmas de coqueiros. Entre as ditas tapagens ficava o espaço talvez de vinte a trinta braças. As aguas estavam alli dentro em um como remanso. Tirados antes os grandes ramos que por muitos dias haviam ficado sobre ellas afim de chamar os peixes para aquelle ponto, convidados pela sombra, viam-se ainda a *meladinha*, o *melão de s. Caetano* e o *tingui*, que depois de machucados tinham sido lançados dentro da tapagem. As aguas nesse ponto estavam esverdeadas, e grandes camorins, prateadas carapebas, e tantos outros habitantes do rio mostravam-se boiando por entre as crostas venenosas, embriagados pelo forte narcotico dos cipós; outros enchiam os *giquis* enfiados nas cercas.

Felix José Machado entrou na canôa que devia percorrer o ambito da tapagem, e com outros convidados de porte começou a apanhar com a mão o peixe que boiava possesso da mortal tontura.

Olhos attentos e perspicazes haveriam notado que, por entre o prazer, os risos, os gracejos, os banhos involuntarios e outros mil incidentes naturaes de semelhantes patuscadas, o governador não tirava as vistas

da parte superior do rio. Havia nos seus lances d'olhos indícios de inquietação e receio. Eis os fundamentos deste dois sentimentos, que aliás não se compadeciam com as alegrias e a confiança que costumam reinar em semelhantes reuniões.

Um mulato do capitão-mór de Tracunhaem dirigira-se ao governador em principios de junho e lhe dissera que si seu senhor, cunhado de Falcão d'Eça, e que muitos serviços prestara no primeiro levante contra Sebastião de Castro Caldas, não fosse incommodado nem sua familia, elle revelaria um grande movimento que estava planejado. Tendo a promessa não só de ser poupado o dito capitão-mór, mas tambem de se lhe dar um premio pela revelação do segredo, disse o mulato que consistia aquelle plano em um levante contra o governador, assentado entre Falcão d'Eça e outros nobres que com elle se tinham homiziado nas matas. Os conspiradores aproveitando-se da festa da *tinguijada* no engenho de Manoel Carneiro, por occasião da qual o governador ficava distante da capital e sem meios promptos de resistir com vantagem ao assalto, deveriam sair do escondrijo com todos os sequazes, embarcar em certo ponto em canôas, com anticipação preparadas para este fim, descer pelo rio, e surprender o governador no meio da folgança. O que se seguiria não pôde o mulato dizer, mas Felix Machado comprehendeu que semelhante surpresa não

podia ter um termo que lhe não fosse fatal. E porque o capitão-mór fazia parte da conspiração, visto que, temendo ser preso, se recolhera ao mato com Falcão d'Eça, mandou o governador chamal-o pelo mesmo mulato á sua presença, ao que se não esquivou o capitão-mór, tendo sómente cuidado de comparecer ás escondidas. Felix José Machado confirmou a promessa feita ao mulato, mas exigiu, como principal condição do ajuste, que o proprio capitão-mór guiasse as forças encarregadas da *caçada geral* ao escondrijo não sabido. Esta infame condição foi aceita, e a traição teria sortido todo o effeito, si Falcão, havendo dado pela falta do cunhado na vespera do projectado assalto, não se prevenisse em tempo.

Como conhecesse a capacidade do parente, e dêsse todo o valor á responsabilidade que a si proprio cabia como principal membro da *Liga de Tracunhaem*, congregando os companheiros, communicou-lhes francamente os seus receios.

— Não vos assusteis, porém, concluiu Falcão d'Eça. Retiros não nos faltam neste mundo virgem para nos occultarmos do traidor. Proponho-vos que desamparemos já este pouso. Amanhã talvez já seja tarde.

Alguns dos nobres, não querendo acreditar na possibilidade de ser traídos por parente e companheiro tão qualificado, hesitaram indecisos. Deste numero foi João da Cunha.

— Que diria de nós Albuquerque si viesse a saber,

não se verificando a vossa suspeita, Falcão d'Eça, que havíamos formado delle conceito tão incompativel com os homens de bem ? inquiriu João da Cunha. Considero imprudente o passo que aconselhaes, e não estou resoluta a dal-o, para não me arriscar a cair no justo desprezo de um homem da nossa igualha. Demais, temos armas e munições. O ponto em que nos achamos póde reputar-se inexpugnável. Desta banda está o rio de nado, das outras, grossos páos que se amparam uns aos outros em muitas ordens á roda de nós. Porque havemos de abandonar tão seguro abrigo ? Por uma simples suspeita ? Por isso somente não o deixarei.

Fixando a vista em João da Cunha :

— Sois livre, sargento mór, — disse Falcão; podeis ficar ; eu porém não ficarei. Oxalá não se verifiquem as minhas previsões ; mas o coração leal annuncia-me que, si ainda hoje pernoitarmos neste recesso, a nossa liberdade e vida correrão perigo. Podeis ficar, e comvosco os que o quizerem. Deixo-vos grande parte das munições de guerra. Até a primeira vista.

Falcão deu o andar. Alguns dos nobres seguiram-no immediatamente, outros pouco depois. Elle era a alma da resistencia ; a sua ausencia enfraquecia os mais fortes. Com João da Cunha ficaram perto de vinte que tinham o mesmo pensar que elle. Este procedimento cravava as raizes na nobreza dos seus corações.

Mas, bem depressa tiveram a prova do quanto a sua grandeza moral se enganara. Antes do amanhecer

despertou-os do somno a perfidia. Défrente da entrada algumas balsas, vencendo a força das aguas, atracaram entre as duas pedras; vinham carregadas de bandoleiros. O Camarão dirigiu o assalto. Exercitados na vida do mato, os seus caboclos penetraram no pouso sem grande custo, não obstante ser preciso, para chegar ahi, dar muitas voltas onde havia grandes fojos com estrepes aguçados, habilmente dispostos por baixo de camadas de folhas seccas. Os nobres sómente tiveram tempo de dar alguns tiros a que os aggressores responderam com vantagem. João da Cunha, comquanto muito animoso, teve de render-se ao grande numero, depois de ferido. Os bandoleiros saquearam o pouso, derribaram arvores, e deslocaram pedras para o abrir e patentear.

Ao amanhecer, alguns espias vieram referir a Falcão o que se havia passado. Então, tomando escusa vereda, o chefe da liga penetrou na manga subterranea, e foi parar no cedro ôco donde esperava ver a tropa, e pela vista avaliar o destroço.

A' hora em que se deu começo á tingujada, nada constava ainda a Felix José Machado sobre o resultado da diligencia ás matas. Seu espirito por isso vacillava inquieto entre o bom e o mau exito; e seus olhos não cessavam de volver-se para o lado donde deveriam vir as canôas inimigas si acaso a tropa não tivesse dado sobre os conspiradores a tempo de frustrar-lhes o plano.

A tingujada durou até depois do meio dia. Da beira do rio levaram peixe para o engenho em caçuás, tão grande fôra a pescaria. O vinho, a aguardente, a viola, a toada, a dansa, começaram a reinar com toda a sua força. Calculando que, visto não apparecerem as canôas, deveriam estar na corda todos os conspiradores, o coração e o espirito de Felix José Machado expandiam-se gradualmente á proporção que o dia ia subindo.

Passando pela casa onde estava a balança de pezar o assucar do engenho, o governador, cujo corpo era de proporções herculeas, teve o pensamento de se fazer pezar. Pezou dois quintaes e quatro libras. (1)

Quando chegou a hora da refeição poz-se a comer tão alambasadamente, que a todos metteu assombro (2).

Sobre a tarde recebeu a communicação do resultado da diligencia. Sentiu então grande desgosto por saber que Falcão d'Eça não havia caído no trama ordido.

— Mas, sr. governador, disse o capitão-mor, vieram entre outros o capitão Antonio da Silva, o capitão Miguel Lopes, os irmãos do padre Antonio Jorge Guerra, o alferes Diogo de Carvalho Maciel, o sargento-mór João da Cunha, e um escravo de Eça, que é o seu braço direito.

O governador respondeu :

— Pois bem. Façamos conta que o escravo vale o

(1) Historico.

(2) Historico.

senhor Dae ordem, sr. ouvidor, para que esse vil
captive seja hoje mesmo tratado, hoje mesmo, sem
falta ; ouvistes, sr. ouvidor ?

A ordem foi rigorosamente cumprida. A' noite
soube-se na Varzea que o padecente não pudera sobre-
viver aos tratos sinão algumas horas.

— Falcão d'Eça — disse Felix José Machado,
ha de chegar a tua vez.



A cavidade onde estavam Lourenço e Falcão. d'Eça terminava, com a fórma de funil, em abertura entre certo bamburral enredado, obra de vinte braças distante do cedro: por essa abertura difficilmente passava um homem. Rastejando um atraz do outro, chegaram os dois á extremidade, e esperaram que cessasse inteiramente o ruido dos passos dos soldados e animaes.

— Segue-me — disse Falcão a Lourenço. Nada temas. Quasi todo o dia transitopor estes logares onde, para bem dizer, me nasceram os dentes.

Lourenço trazia o espirito preso a certa ordem de idéas que o envolvia como em cipoal mais inextricavel do que o bamburral por onde iam. Pensava em livrar o sargento-mór, ainda que para o livramento lhe fosse preciso sacrificar a propria vida. Pensava em castigar atrozmente os inimigos que tinham levado

a audacia ao ponto de prenderem o illustre senhor de engenho, como si fôra um dos seus negros: Lourenço estava quasi fóra de si, arrebatado nas azas do desespero, da vingança e do odio.

— Seu Falcão—disse elle ao saírem do estreito—, si vosmecê não pensa em um meio de prender, açoitar, matar, queimar os infames *camarões* e *tunda-cumbes*, escusa de estar com estes atalhos e estas voltas. Eu não sirvo para isso, não senhor; eu queria morrer mesmo entre elles, comtanto que matasse esse cachorro que tem feito tantos latrocínios por ahí além.

Ouvindo estas palavras, o capitão parou e encarou o rapaz como quem queria ler-lhe o intimo através da face.

— E que cuidas tu, Lourenço? inquiriu a modo de offendido. Cuidas que não é o meu pensamento de todas as horas, de todos os instantes, tomar uma vingança dos nossos inimigos? Não sabes que estava tudo prompto para darmos hoje um assalto ao engenho de Manoel Carneiro, e tirarmos dahi o governador e o ouvidor, e enforcar depois *um nas tripas do outro*? Mas em toda a parte ha traidores; Christo teve um Judas para o entregar: eu tive um cunhado. Si não fôra a infame traição, podíamos ter a esta hora nossos principaes carrascos, promptinhos para um sarapatel no meio destas matas.

— Mas—disse Lourenço—por uma vez mentir fogo

a espingarda a gente não deixa de lhe pôr nova es-corva e fazer pontaria outra vez sobre a caça.

— Miséria, miséria sem nome ! Ajustaram a minha cabeça com o governador. Venderam-me ao ouro portuguez. Denunciaram o abrigo de cincoenta patriotas, cincoenta bravos, que representam nestas matas seculares a nacionalidade brazileira. Pernambucanos degenerados, villões ruins que lançam com esta acção infame uma mancha eterna sobre a nossa historia rica de paginas verdadeiramente immortaes.

— E não poderemos ir tomar aquelles presos ?

— Como ? Poderíamos fazer uma surpresa, mas não empenhar-nos em luta mais seria. Falta-nos exercito ; só temos commandantes. O povo não está connosco, porque o governador o não importuna, antes o chama para seu lado fingindo-se amigo d'elle. Por ora contamos apenas meios de defesa, e estes mesmos escassos ; meios de aggressão não temos nenhuns. Talvez para diante possamos compor tropas regulares, que estejam no caso de fazer frente ás infantarias de Felix José Machado. Mas não ha razão para desanimarmos. Tenho cá um pensamento que si fôr posto em pratica, a victoria ha de ser necessariamente nossa. Vamos vêr o que diz da minha idéa o padre Guerra.

Eram chegados ao novo pouso, que não se distinguia por nenhuma feição particular, a não ser um embastido de arvores colossaes, que formavam com

sua basta folhagem um asylo sombrio. Nenhuma arvore fôra abatida, nenhuma cabana fôra levantada. Viam-se apenas algumas redes armadas, alforges pelos pés dos páus, trouxas, malas e armas.

No momento em que chegaram Falcão d'Eça e Lourenço, havia no pouso de quinze a vinte foragidos, entre os quaes estava o padre Antonio Jorge Guerra.

— Que noticias nos trazeis ? perguntou o padre a Falcão.

— Tristes, muito tristes. O Tundacumbe apanhou sempre onze dos nossos companheiros. Que lhes disse eu ?

— Grande desgraça !

— Mas não nos deixemos desanimar, senhores, por este revez. Tratemos da desforra, e eu chamo a vossa attenção para o que vou dizer-vos. Si o bispo se dirigir por uma pastoral aos povos da capitania, declarando-lhes que está em campo, e pedindo o seu auxilio contra o governo de Felix José Machado, exclusivamente empenhado em acabar com os pernambucanos, fio que o povo acompanhará o seu prelado ; e si o acompanhar, a victoria ha de ser nossa.

— Toda a difficuldade está em resolver o bispo a fazer a guerra—disse Martinho de Bulhões.

— Não a fará, não a fará nunca— disse o ajudante Bernardo Allemão.

— Si quando elle exercitava o governo, faltou-lhe animo para dirigir a guerra, como tomará hoje a sua

conta esta obrigação? inquiriu o coronel Duarte de Albuquerque.

— Mas senhores, tornou Falcão— reflecti que si o não fizer, elle próprio será preso, e talvez correrá risco a sua cabeça. Ignoraes o odio que lhe votam os principaes dos mascates? Ignoraes que já foi entre elles ponto resolvido tirar-lhe a vida? Tão fraco será d. Manoel que nem ao menos se defenda? Não é possivel. Chegou a occasião de fazermos o Brazil grande e feliz. Não sou pela guerra de um partido contra outro, guerra pessoal e local; sou pela guerra inspirada num motivo verdadeiramente nobre— o de tornarmos nossa terra independente de Portugal. Senhores, até quando havemos de ser colonia de portuguezes? Não poderemos prosperar enquanto não nos pertencerem os nossos proprios destinos. E' chegada a occasião de quebrarmos a pesada cadeia que nos encorrenta. Não deixemos para mais tarde uma obra grandiosa, que podemos realizar hoje com algum esforço e sacrificio. Si ha dois annos, por occasião da fugida de Castro Caldas, tivéssemos levantado bem alto a bandeira da independencia braziliense, conforme o propuzeram Bernardo Vieira de Mello, Silva e outros patriotas insignes, não estáriamos agora derramados por estas matas, separados de nossas mulheres e filhos, curtindo magoas e dores, comendo o sobresaltado pão do homizio. Padre Guerra, padre Guerra, que fazeis, vós que sois amigo particular de d. Ma-

noel, que fazeis, que não pegais já da penna para o convidardes a vir collocar-se entre nós, ser o nosso general, levantar connosco o pendão da liberdade do meio destas solidões, que por si sós aterraram a tyrannia ?

Nas palavras do capitão havia o quer que era magestoso e pathetico. O sentimento nacional subira-lhe até aos labios, e d'ahi se derramava, communicando a todos que o escutavam os tons desta paixão excelsa.

— Não creio que d. Manoel aceite esta posição; elle não viu a luz no Brazil. Mas, não obstante, escrever-lhe-hei. Tendes portador seguro para lhe levar a carta ?

— Quanto a isto, não vos inquieteis—respondeu Falcão d'Eça.

Então o padre, tirando de uma malêta um frasco com tinta, uma penna e papel, escreveu sobre um tronco derribado a carta seguinte :

« Rv.^{mo} sr

« Do seio destas matas, refugio franco e largo contra a tyrannia, sou obrigado a enviar a v. rev.^{ma} nestas regras escriptas sobre tosco madeiro a supplicá de pernambucanos exules e perseguidos.

« Rv.^{mo} sr.: Ninguem melhor do que v. rev.^{ma} póde ajuizar das nossas desgraças, porque dellas tem sido, como nós, illustre victima.

« As armas, as algemas, as injurias ainda não cessaram contra nós o seu odioso officio. Nossos inimigos não escolhem meios de aniquilar-nos.

« Tendo por elles o governador e o ouvidor, não ha offensas que destes desnaturados ministros não consigam contra nossas pessoas, nossas familias, nossas propriedades, nossas proprias vidas.

« A caçada geral, ordenada pelo parcial governador, apanhou onze dos nossos mais estimados amigos, e illustres pernambucanos.

« Neste momento tivemos aqui noticia da prisão dos meus dignos irmãos, João Alves Guerra e Miguel Lopes. Para levarem a effeito este intento, não hesitaram ante o sangue e a morte ; pelo crime de tomar a defesa de seus senhores um escravo fiel foi assassinado.

« Do nosso seio os bandoleiros de Camarão e Tunda-Cumbe acabam de arrancar tão importantes amigos e patricios, e sobre a cabeça destes está pendente cruel sentença de morte.

« Emfim, de toda a parte levantam-se aos céus clamores contra a tyrannia de Felix José Machado e Marques Bacalháo, instrumentos dos mascates do Recife.

« A' vista de tantos e tão violentos attentados, rev.^{mo} sr., estamos deliberados a lançar mão das armas para defesa da patria e de tudo o que nos pertence.

« Essa defesa nós a imaginamos grande, forte, tenaz. O que nós queremos é a independencia de Pernambuco, e antes que v. rev.^{ma} nos pergunte qual o meio de realizar essa independencia, apresso-me eu a declaral-o : esse meio é a revolução.

« Aos que nos disserem, rev.^{mo} sr., que, não procedendo de el-rei mas de seu governo os males que padecemos, haveria excesso no recurso indicado, responderei que não se podendo comprehender sejam bons reis aquelles que sustentam mãos governos, não ha excesso, antes ha justiça na projectada providencia.

« Não é de hoje que na separação do Brazil do reino de Portugal, eu vejo o unico remedio para os nossos males.

« Quando em 1710, em Olinda, reunidos o senado da camara e a nobreza, se tratou da eloição do governador, por ter fugido covardemente para a Bahia Sebastião de Castro Caldas, antes que fosse foita a escolha tão honrosamente para a patria, por ter recahido na pessoa de v rev.^{ma}, largamente se discutiu a idéa « de sacudir com os mascates o jugo do Portugal.» V rev.^{ma} sabe de certo, que a independencia de Pernambuco era « ponto decidido e concertado pelo venerando ancião Bernardo Vieira de Mello, heróe talhado pela natureza para libertador da patria, » com seu mestre de campo, o famoso João do Freitas da Cunha, e o capitão-mór Antonio Pedro Ribeiro da Silva.

« Nesse ajuntamento, rev.^{mo} sr., votei com estes eximios patriotas para que nos « declarassemos em Republica *ad instar* dos venezianos »; e si então os nossos votos não prevaleceram, por entender a maioria do ajuntamento que o nosso projecto era de « alta audacia e magnitude, » e que, com a mudança do odiado governador, volveriam a Pernambuco ditosos e serenos tempos, não pensam mais assim esses mesmos que illusoriamente acreditaram na efficacia dos meios incompletos, e ao menos, todos os que nos achamos no seio destas matas seculares, não temos por efficaz nenhum outro remedio senão a independencia do Brazil, seja qual fôr a fórma do governo que possa elle vir a ter.

« Cheguei ao ponto essencial desta carta, rev.^{mo} sr.

« Somos por ora trinta os que nos achamos aqui: amanhã seremos talvez mil. Dos presentes não ha um só que não prefira perecer honrosamente no campo da batalha, pelejando pela liberdade da patria, a finir-se

obscura e ignominiosamente nos subterraneos das Cinco-pontas, servindo de ludibrio a estrangeiros, que nunca jamais hão de ter para nós sentimentos benevolos.

« Que é que nos falta para realizarmos a magna idéa da libertação do Brazil, ou pelo menos de Pernambuco? Falta-nos um chefe querido do povo da capitania, rev.^{mo} sr., um chefe que reuna em si altas virtudes particulares e publicas, que seja de egregias tradições, de illustre consciencia e illustrada razão, que commungue connosco amigavelmente aos pés do altar da liberdade, que francamente, como nós, queira a revolução, por bem da felicidade dos brazileiros.

« V. rev.^{ma} preenche satisfactoriamente as condições exigidas no chefe de que necessitamos. V. rev.^{ma} é victima, como nós, da sanha dos mascates ; por ter sido desde o começo da guerra o primeiro esteio da nobreza, é alvo das iras inimigas e está exposto á prisão e á morte ; por suas altas virtudes e respeitabilissima posição, póde melhor do que nenhum outro, occupar o logar mais elevado e conspicuo no movimento libertador. E logo que proclamar aos povos da capitania, todos se levantarão para o seguir, como um só homem, ao caminho da gloria.

« Eis-nos por todas estas razões, a pedir a v. rev.^{ma} que salve a nossa patria, aceitando o logar que está por preencher-se na frente das phalanges pernambucanas.

« E' esta a nossa supplica, rev.^{mo} sr.

« Vosso humilde servo e respeitador, padre *A. Jorge Guerra.*»

Em menos de cinco minutos Lourenço estava de caminho para Olinda, e dois dias depois entregava a resposta do prelado que foi desanimadora. « Que nos

resta sinão curvarmos a cabeça aos decretos da providencia ? » Assim concluia elle.

Passado um momento, Leão d'Eça perguntou aos seus companheiros de infortunio :

— Que havemos fazer, meus amigos ?

— Si havemos de errar expatriados, famintos, sem socego de noite e de dia, e por fim cair no poder dos nossos oppressores, melhor é que, poupando tantas inclemencias e padecimentos, nos entreguemos em suas mãos. Teremos por esta fórma feito jus ao perdão d'el-rei, e salvado com as nossas vidas parte das nossas fortunas.

— Entregue-se quem quizer, disse Falcão ; eu não me entregarei jámais. D'aqui não sairei sinão morto ou livre. Ainda que todos me abandonem, não abandonarei eu estas solidões e espessuras protectoras. Até á ultima gotta de sangue resistirei á oppressão.

— Tambem nós resistiremos — disseram alguns dos foragidos.

— Resistiremos todos, Falcão—disse o padre Guerra. Não ficareis só. Trinta homens dentro de uma fortaleza batem um exercito aguerrido, quanto mais dentro de um mundo immenso e desconhecido, como são estas matas intrincadas.

— Tendes razão, padre Guerra.

— O que devemos fazer agora é alargar e augmentar os meios de defesa e aggressão.

— Isto corre por minha conta.

Eis como finalizou o congresso dos fugitivos após a leitura da carta do bispo.

O espirito de resistencia em todos dominava ; a firmeza de seus animos ; a coragem ; a fé ; a convicção de que por seu numero que tendia a augmentar, e pelas condições da defesa não havia forças que os podessem bater, fizeram voltar-lhes aos corações o socego, um momento interrompido.

Não tendo mais que fazer alli, Lourenço que ouvira as ultimas palavras profundamente commovido, despediu-se de Falcão d'Eça, e tomou para Goyanna.

Ia descontente e desanimado. Não lhe restava a mais pequena esperanza de salvar o sargento-mór. A ultima carta tinha sido jogada, e perdera-se a mão.

— Sempre pensei — dizia consigo — que seu Falcão faria alguma cousa ; mas toda a esperanza está acabada. Vejo que não posso ser bom em nada. E como terei animo para contar em Goyanna a sinha d. Damiana, e a minha mãe esta grande desgraça ? Oh ! que tempos, meu Deus, que tempos ! A gente não sabe meios nem modos de fugir á adversidade.

E para matar as idéas tristes que lhe iam na cabeça, começou a cantarolar as letras de uma chula popular :

Tenho minha cachorrinha,
Que minha Yáyá me deu ;
Tenho um só desgosto della :
E' ser filha de europeu.

Toda moça que é briosá,
Não casa com marinheiro ;
Espera para casar
Com os *quindins* dos brasileiros.

Bravo, patusco,
Patusquinho, patuscão,
Marinheiro pé de chumbo,
Comedor e bebarrão.

Lodo impuro que o exclusivismo partidário, revol-
vendo os corações, trazia à luz como arma de guerra,
e collocava à frente da família, primeiro santuario do
povo .

João da Motta chegou com a tropa a Goyanna no dia seguinte ao da partida de João da Cunha para as matas.

Faltam-me expressões para pintar o estado de agitação da villa desde as primeiras horas do dia. Soubera-se da fugida do sargento-mór, e não fôra preciso mais para que os que eram pelos mascates se considerassem absolutamente invencíveis e irresponsáveis, e os que pertenciam ao partido opposto se sentissem mortalmente desanimados. Não havia então em Goyanna os dois partidos que antes lutavam para aniquilar-se mutuamente. Agora ella mostrava-se dividida em um campo vencedor e outro vencido; neste dominava o terror, naquelle exercia poder absoluto a vingança sedenta de escandalo e sangue. Os nobres de grande representação na villa, que antes da

chegada do governador, tinham, á frente de uma parte da população, batido o pé á outra parte que lhes fazia face, esses desappareciam do dia para a noite, por não serem victimas. Ficava o povo fraco e desamparado, e em cima delle caía o peso da desforra.

Das dez para as onze horas da manhã foram presos Jorge Cavalcanti em seu sitio da Conceição, e Manoel de Lacerda quando saía da sua propriedade do Tanquinho.

Antes disso, já se soubera em Goyanna a prisão do sargento-mór Jorge Camello de Valcacer, e dos capitães Antonio Rabello e José de Barros Cavalcanti na Parahyba, para onde se haviam retirado, logo que em Goyanna, onde, pela sua longa residencia, contavam contra si muitos dos principaes mercadores, se teve conhecimento das prisões no Recife.

Jeronymo Paes e os filhos, que chegaram com João da Motta, ao saberem que, além de João da Cunha, puderam escapar-se os irmãos Cavalcantis, lastimaram tão importantes perdas. Por sua conta procederam immediatamente a indagações afim de averiguarem onde paravam os fugitivos. Os segredos, por mais bem guardados, acham sempre reveladores. Tanto indagaram elles, que, por bocca de um famulo, vieram a ter certeza de estarem os Cavalcantis no Assú, onde possuíam fazendas de gado.

Jeronymo Paes, vencido do odio que votava a Cosme, offereceu-se a João da Motta para ir, pelo Ceará,

prender os tres expatriados. Aceito este offercimento, expediram-se as necessarias ordens ao governador Manoel da Rocha Lima ; e Jeronymo partiu a seu destino.

A ausencia destes ardentes sequazes dos mascates, moderou, mas não fez cessar inteiramente a agitação, que, como febre, dominava o povo da villa. Belchior, Manoel Rodrigues, Manoel Gaudencio, Romão da Silva, e até o preto Lauriano alentavam a effervescencia publica, ora percorrendo as ruas, em vociferações, ora commentando em adjuntos nas esquinas e adros os acontecimentos que se davam ; agora soltando vivas e morras, agora penetrando nas casas onde se achavam as mulheres e filhas dos nobres para as insultar e desacatar. A medida da desforra era como o tonel das Danaides: não se enchia nunca.

Nos semblantes desfigurados desses homens que as bebidas alcoolicas, larga e gratuitamente fornecidas por taberneiros sem fé nem moral, tornavam mais malvados do que na realidade eram, liam-se baixos sentimentos e paixões indignas que a policia do tempo, em vez de açular como fazia, visto que era connivente nas desordens e motins, devia refrear e punir.

Quando constou a prisão do senhor do engenho Bujary, subiram á altura de delirio as demonstrações de regozijo com que os inimigos a festejaram.

A' frente de um espesso magote de que faziam parte os mais afamados vultos da gentalha, Belchior correu ao condemnado engenho, alvo das mais entranháveis

animadversões villãs. A casa grande mereceu as honras da primeira victima: apedrejaram-na, tomados de brutal sanha. Os insultos praticados foram tanto mais aggravantes, quanto augmentaram a dor de uma senhora illustre que no resignado martyrio buscava remedio contra a saudade. D. Damiana teve, por fim, de suster as lagrimas para cuidar da sua defesa. Afigurou-selle, não sem razão, que o engenho passaria pelo mesmo transe de que fôra victima um anno antes como o sobrado do pateo do Carmo. Poucos eram os escravos restantes, e estes mesmos em sua maioria velhos. Marcelina estava ao seu lado. Por conselho della trancaram-se todos, afim de ver si quebravam a furia da canalha por esta demonstração de fraqueza. Os exaltados que capitaneavam a partida desordeira, tiveram um momento de senso commum, e dando-se por satisfeitos com o apedrejamento da casa, a gritaria da plebe, as injurias atiradas á *Escopeteira*, voltaram á villa onde repetiram o que nos dias precedentes haviam feito — o insulto ás familias, a violação do lar domestico, destruindo o que não tentava a sua cobiça, e levando aquillo em que ella se comprazia.

Dias depois da feroz romaria ao engenho, novo ensejo ofereceu-se ao espirito de perturbação para prolongar o seu estúpido enthusiasmo — a noticia da prisão de Cosme Cavalcanti, André Cavalcanti e Luiz Vidal. Parecia que a villa vinha abaixo, tamanha foi a vertigem das turbas sem freio.

Era situada a fazenda de gado de Cosme Cavalcanti na comarca do Assú, á margem de um rio. Receiando ser ahi mesmo perseguidos, não obstante estarem muitas leguas distantes dos rancores e vinganças pessoases, resolveram occultar-se, não na casa da fazenda, mas em uma palhoça em que os vaqueiros se recolhiam por occasião da ajunta do gado. Para mais segurança, somente tomavam a palhoça de dia; as noites iam elles passal-as n'uma catinga.

Cosme pouco ou nada podera fazer para a formação do corpo de milicianos que planeava. Todos os vaqueiros e creadores tinham sido chamados, antes de sua chegada, pelo governador Manoel da Rocha Lima a pegar em armas; a maioria delles occupava-se em proceder a diligencias contra a nobreza. Depois de esforços incomparaveis, reconhecendo que somente lhe restava como unico recurso, encobrir-se ás vistas dos que tramavam incessantemente o seu aniquilamento, chamou para junto de si os poucos sertanejos que pôde reunir, e os escravos fleis. Mas esta resolução quando foi tomada, já não podia sortir o effeito esperado. Era de todos sabido que elle estava no lugar, e o governador já apparelhava uma expedição para dar no rancho, quando chegou Jeronymo Paes com as requisições do governador de Pernambuco. Então não houve mais demora. Rocha Lima encarrega o coronel do Assú, João de Barros Braga, de prender a todo o custo os emigrados pernambucanos. Um vaqueiro encontrando-se com a força

deitou a correr para prevenil-os. Fizeram-lhe fogo pelas costas, e elle caiu com uma perna quebrada, morrendo-lhe o cavallo. Ao estrondo dos tiros o mulato Barnabé de um dos homiziados, acode com uma espingarda que dispara contra a tropa. O tiro emprega-se em um dos soldados e prostra-o morto por terra; mas immediatamente dão uma descarga contra o escravo que cái atravessado de balas. Dando-se estas tristes scenas quasi defronte da palhoça, não tiveram os homiziados tempo de fugir. Perdido este recurso, trataram de combinar os meios de defesa.

— Não vejo nenhum, a não ser a fuga—disse Luiz Vidal.

— A fuga? inquiriu André Cavalcanti. Mas por que modo? A tropa ahi está.

Cosme cortou a discussão com estas palavras decisivas:

— Cosme Bezerra Cavalcanti, quando tem pela frente o inimigo, não sabe dar-lhe as costas. Para que nos hão de servir as armas e munições que trouxemos de Goyanna? Lutemos como homens até morrer, mas não fujaamos jamais, como fracas mulheres, quando está com as vistas em nós o inimigo que atiraria contra nós pelas costas como se faz aos covardes, si usassemos esse meio indigno.

Não tinha ainda acabado, quando rompeu o fogo de fóra sobre a fragil cabana.

Eram doze a dezeseis homens os que havia dentro,

doze a dezeseis para um troço de cincoenta a sessenta, bem municidados, tendo comsigo a força da autoridade. Travou-se desigual, porém fortissima luta; mas a victoria, ainda que demorada, não podia caber a quem estava cercado, e recebia balas por todos os lados, cada qual mais exposto ás aggressões. No medonho conflicto Cosme chegou a matar um dos aggressores, e ferir dois mortalmente. E porque, não obstante a superioridade em numero da tropa sobre os da casa, a resistencia se prolongava tenazmente, lembrou-se o coronel Braga de um recurso trivial e covarde contra os que de dentro combatiam como heróes—o de pôr fogo na palhoça. Então a defesa tornou-se de todo o ponto impossivel. Logo que as chammas começaram a invadir o ambito, André e Luiz Vidal, depondo as armas, entregaram-se á prisão. Cosme não fez outro tanto; os seus animos não se compadeciam com esta solução de prudencia extrema: resistiu até onde foi humanamente possivel. Quando as labaredas, cercand-o por todos os lados, o ameaçavam com mais furia que os inimigos que, aliás, de fora não cessavam de ajudar o terrivel elemento com tiros sem conta, saltou por uma janella resolvido a abrir ainda assim caminho por entre as chammas e os aggressores, intento que se frustrou.

— Isto não é nada, é a vossa hora derradeira, sr. Cosme Bezerra—disse um dos da escolta, levantando-o do chão onde o nobre caíra por occasião do salto.

Cosme, ainda aturdido da queda, volvendo as vistas ao que lhe falara, reconheceu Jeronymo Paes.

Trazia este na mão uma catana desembainhada. Dos olhos fuzilavam-lhe brilhos indescritíveis. O rancor, a colera, a vingança satisfeita nunca tiveram mais fiel e completa expressão.

— Eu contava com o assassinato como termo natural desta perseguição—respondeu Cosme. Quando saltei pela janella para não morrer pelo fogo que a vossa covardia poz na casa, escapuliu-me a arma da mão, e caindo em baixo desloquei um pé. Estou que nem posso andar ; valho menos que uma criança. Não é pois de admirar que me assassineis.

— Não vos façais de fraco e innocente. Ha algumas horas que resistis com as armas nas mãos, ferindo o matando gente. Alli estão tres camaradas a quem tirastes a vida ; vêde aqui quanto sangue derramado de outros tres que nem se podem mexer. Como é agora que vos pondeis n'uma cruz dizendo que somos assassinos?

Cosme nada respondeu. Tinha nesse momento os olhos voltados para André e Luiz Vidal que, no centro da escolta, recusavam entregar os pulsos ás cordas com que por ordem do coronel Braga, pretendiam maniatá-los.

— Somos nobres, e não temos nenhum crime, dizia Luiz Vidal. Não nos sujeitaremos jamais á infamia de nos deixar amarrar como captivos ou villões.

— O tempo da nobreza acabou—respondeu um, chateando.

— Falas ainda em nobreza, *mazombo*? Tu e teus irmãos não passais de rebeldes. Havemos de pôr as cordas em todos vós. Haveis de pagar-nos o novo e o velho.

Foi frustrado todo o esforço dos vencidos. No meio dos maiores improperios, seis robustos ilheus que acompanharam a força, ataram os tres irmãos com os vaqueiros, e, o que é mais, com os proprios escravos que não haviam caído na luta. Quando Cosme, passada a exaltação, reconheceu, que sem forças, sem armas, sem um braço livre que o defendesse, não era mais que um reu no poder de verdugos apaixonados, pensou em diminuir a humilhação; e valendo-se do momento de vir o coronel fazer-lhe certas perguntas sobre os bens que possuia, dirigiu-lhe estas palavras:

— Não sei, sr. coronel, si alguma vez vos offendi. A minha consciencia apressa-se a dizer-me que nunca dei motivo ao vosso desagrado, quanto mais ao vosso odio. Mas si não é esta a verdade, peço-vos me declareis a minha culpa, que talvez possa convencer-vos da sem razão.

Braga respondeu:

— Sr. capitão, de vós nunca recebi a menor offensa. Apenas vos conheço.

— E porque então procedeis tão atrozmente com-nosco?

— Cumpro ordens. As instrucções do governador que me foram transmittidas são positivas e rigorosas. Parece-me que, si, por qualquer circumstancia, o que Deus não ha de permittir, viesseis a escapar de meu poder, a minha cabeça pagaria esta desgraça.

— Não penseis que estranho a parte que tomastes em nossa prisão; o que estranho é a descortezia que tendes com presos a quem a adversidade não pôde ainda, nem poderá nunca, fazer esquecer a nobreza natural do seu character. Uma vez presos, coronel, nem Cosme Bezerra Cavalcanti, nem André Cavalcanti, nem Luiz Vidal Cavalcanti, fugiriam jamais, ainda que lhes fosse facil a fuga. A sua palavra honrada tornaria dispen-saveis cordas e algemas.

— Sr. Cosme, eu não acredito na honra, na nobreza e ainda menos na palavra de rebeldes— respondeu o coronel. Haveis de seguir amarrados até ao Recife. As instrucções que me foram dadas, não me permittem logar a outro procedimento.

Cosme sorriu com amargura.

— Enganais-vos, coronel, si pensais que vos peço misericordia. Podeis, em logar de cordas, mandar pôr em nossos pulsos pezadas algemas; podeis pôr-nos á ração de pão e agua: com isso não farieis mais do que anticipar os tratos que nos esperam na semi-tumba das Cinco-pontas. Não vos peço que mandeis afrouxar as cordas que estão cortando os meus braços, tamanha foi a força com que Jeronymo

Paes os amarrou. Seriamos indignos da causa que nos faz soffrer si vós pedissemos brandura em vez do rigor a que temos direito.

— Não sei então o que quereis dizer.

— Quero saber si nas vossas instrucções vem determinado o itinerario, como vem ao que parece, o modo de sermos levados presos.

Depois de reflectir por alguns instantes, Braga respondeu :

— Quanto ao itinerario, nada se me determinou.

— Portanto, uma vez que nos leveis ao Recife, tereis preenchido a vossa obrigação?

— Certamente.

— Pois bem. E' agora que vos peço um favor.

— Qual é?

— Imaginai que em vez de sermos vossos prisioneiros, ereis vós nosso; e que, em vez de seguirmos para o Recife, teriamos de ir a um ponto além do Assú, donde sois natural, onde vistes correr a vossa mocidade, onde tendes representação. Qual dos dois caminhos preferiríeis—o que passa por dentro do lugar do vosso nascimento, ou o que rodeia por fóra?

— Compreendi já o que desejais, disse Braga.

— Em Goyanna, coronel, nasci eu, e nasceram os meus irmãos, que estão presentes. Sou ahi juiz ordinario e capitão de ordenanças; tenho ahi familia e amigos que me prezam com todas as veras. Meus amigos e parentes, vendo-me passar por dentro da villa neste

estado lastimoso, sentiriam o mais acerbo desgosto. Para poupar-lhes este golpe, peço-vos que ordeneis outro caminho, onde só encontremos inimigos ou indifferentes. Eis o favor

Braga respondeu :

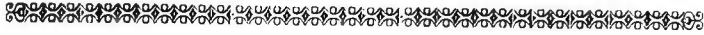
— Estais servido. Passaremos por fóra de Goyanna.

— Prometteis então que não passarei por dentro de Goyanna, coronel ?

— Podeis ficar tranquillo, que ha de ser satisfeita neste ponto a vossa vontade.

— Coronel, perdôo-vos a parte que tendes tomado nos meus males, e desde já vos agradeço tamanha graça. Eu tinha-vos por um villão, mas agora reconheço que sois nobre. Beijo-vos as mãos.

Cosme fez uma inclinação de cabeça em signal de reverencia a Braga.



Não tinha cessado ainda, si não augmentara, a agitação em Goyanna, quando Lourenço chegou ao Cajueiro de volta de Tracunhaem:

Vinham com elle varios almocreves com quem se juntara algumas leguas atraz. Iam todos áquella villa, e eram antigos conhecidos de Lourenço, que uma hora por outra se encontrava com elles nos caminhos e ranchos.

Uma circumstancia muito contribuiu, pouco antes de chegarem ao Cajueiro, para estreitar cada vez mais as relações de sympathy que já ligavam a maioria delles ao rapaz. Foi o caso que jornadeavam muito tranquillamente, quando de improviso lhes apparecê pela frente uma partida de bandoleiros. Apenas avistam o comboio, o chefe do bando, e mais tres que o seguiam de perto, foram ao seu encontro; e sem mais nem mais

intimam-lhes que entreguem os animaes por ordem do Tunda-Cumbe, para que o bando podesse realizar certa diligencia, de que estava incumbido. Naquelles tempos o terror dominava todos os que não pertenciam á classe elevada do partido do governador. O povo não tinha direitos. Qualquer bandido julgava-se autorizado para apoderar-se da propriedade do pobre, e fazer delle o seu moço de recados. Innumeraveis paes de familia, pertencentes á classe desfavorecida, perderam muitos dias de serviço, por se occuparem na conducção de officios ou outro qualquer objecto a pontos longinquos por ordem de agentes subalternos. Por isso a intimação foi ouvida pelos almocreves como uma sentença de que não havia para onde appellar.

Não estavam os bandidos acostumados a declarar as suas vontades sem as verem immediatamente cumpridas: O chefe, que vinha a cavallo, atirou-o com a força que pôde sobre o matuto que mais proximo estava, dizendo arrogantemente:

— Ainda estão montados ? Não ouviram o que lhes disse ?

Seus olhos tinham a expressão da insolencia brutal que caracteriza o poder nos agentes subalternos.

— Montados estão e estarão — advertiu a este tempo um grito que viera ecoando por sobre as cabeças dos almocreves parados na frente.

Subito, por entre elles, rompe o que soltara aquellas palavras. Era Lourenço.

Logo que se achou diante do chefe, o rapaz proseguiu assim :

— Então vosmecê entende que quem comprou um cavallinho com o suor do seu rosto, e d'elle precisa para seu meio de vida, ha de entregal-o a quem quer andar montado a custa dos outros?

— Que desaforo ! gritou o chefe em brazas. Atraves-te a fazer-me observações, confiado ?

— Este pé-rapado precisa de uma *roda de pau* — disse um dos da tropa, approximando-se de Lourenço.

Este já tinha o facão desembainhado na mão.

— Desaforo é o seu — respondeu elle ao chefe. Nenhum de nós está resolvido a entregar o seu animal. Ainda quando todos entregassem o seu, eu cá não entregarei o meu castanho. Si os senhores andam em diligencia, sigam o seu caminho de vagar, para não serem presentidos ; agora, si andam fazendo cousas que não devem, então peor um pouco.

Soava ainda o vehemente protesto, quando um dos bandoleiros fez menção para pegar no cabresto do *castanho* ; mas antes que a mão tocasse a corda, já o braço se retraía á dôr de uma forte pancada que sobre elle vibrara Lourenço, o qual, voltando-se aos almocreves, lhes falou com gesto imperioso :

— Para diante, para diante, camaradas !

E deu o exemplo, esporeando o castanho, que tão depressa sentiu a espora como rompeu caminho, aos pi-

notes e aos couces, por entre a tropa, debaixo de um chuveiro de pancadas.

A tropa tratou então de impedir a passagem dos outros almocreves; mas já foi tarde: o exemplo de Lourenço levantara os espiritos. Não houve um só d'entre aquelles que não desse mostras de grande valor. Aos golpes dos bandidos respondiam com chicotadas e pranchadas. Estando a maioria dos bandidos a pé, não foi difficil aos almocreves escapar-lhes. O chefe e dois ou tres, quando muito, que estavam cavalgando cansados animaes, ainda tentaram atalhar a fuga, descarregando as armas de fogo que traziam sobre os que fugiam. Mas, assim que viram Lourenço seguido de tres ou quatro mais animosos torcer para traz, e, de facão em punho, fazer-lhes frente, sobreestiveram, espantados de tanta coragem, e receiosos de ser victimas delles.

— Havemos de encontrar-nos muito breve — disse o chefe.

— E' quando quizer. Ando sempre por estas estradas a qualquer hora do dia e da noite — retorquiu Lourenço.

Assim falando, voltou com os quatro a reunir-se aos outros, que livres do empate, já corriam a brida solta pela estrada fóra.

Começaram agora as reflexões sobre o que poderia acontecer-lhes. Fracos homens do povo, sem o menor amparo, porque o unico que tinham eram os senhores-

de-engenho, por então ainda em mais estreitas condições do que elles mesmos, levaram algum tempo, não a mostrar-se arrependidos do seu procedimento, mas lastimando-se por ter a sorte creado para elles tão perigosa alternativa. Lourenço porém tratou de tranquillizal-os, o que lhe não custou muito, porque a sua energia impuzera os seus sentimentos aos outros, que, si já o estimavam antes, agora não só começaram a respeitá-lo, mas até a achal-o digno da sua confiança.

— Não tenham medo destes assassinos, destes ladrões do alheio, que só têm valentia para as mulheres que vestem saia, para os poleiros de gallinhas, as estrebarias de bestas velhas mal guardadas, e os chiqueiros de porcos.

— Elles são capazes de esperar-nos na villa e prender-nos.

— Pois então, em vez de tomarem vocês o rancho, façam a sua pousada no mato. Mas agora me lembra uma coisa. O rancho é na entrada da villa, e eu moro muito para cá no Cajueiro, como vocês sabem, e a minha casa, que por ora é uma palhoça, está sem gente, porque minha mãe foi fazer companhia á senhora do engenho Bujary. Podem vocês arranchar-se na minha palhoça, que fica da estrada muito para dentro, e de noite não se vê; amanhã de manhãinha seguirão então para Goyanna. De dia e dentro da villa já elles, si ahi ainda se acharem, não farão o que lhes vier aos narizes; porque, ainda que os mascates estão de cima,

sempre nos povoados ha alguem que fala pelos perseguidos.

Este alvitre de Lourenço foi aceito com reconhecimento por todos os almocreves, e ainda mais accrescentou o seu vulto, já desenhado em grande téla na imaginação delles.

Quando chegaram á palhoça era quasi noite. Lourenço apenas lhes deu os esclarecimentos necessarios, continuou a jornada até Bujary onde não se demorou, e mais tarde, com o intento de saber si o encontro com o bando já era conhecido na villa e si tomavam providencias contra os desobedientes, dirigiu-se até lá.

Goyanna estava cheia de uma noticia unica mas de estrondo—a prisão dos irmãos Cavalcantis.

— Quero ter o gosto de vel-os entrar aqui amanhã com as cordas nos pulsos— dizia um mascate. Quero chegar-me ao Cosme, que de todos elles é o mais *peitudo*, e perguntar-lhe: « Onde está a tua fama, pérapado mofino? »

Outro dizia:

— Hei de dar-lhe uma bofetada e ameaçal-o de dar outra si elle não disser em altas vozes: — « Viva quem me deu. » Só assim me pagará o pouco caso em que sempre me teve esse ruim e arrogante mazombo.

— Cá as minhas contas são com o André, que ainda pela ultima quaresma teve para mim gestos de desprezo por lhe parecer que estavam mal pesadas umas caixas de assucar, que mandara para o meu armazem. Che-

gou a chamar-me ladrão. Hei de lhe perguntar quem é mais ladrão — si o que está solto e livre, tratando do seu negocio, ou si o que vem amarrado, e em pouco tempo ha de subir á forca ?

É impossivel dar uma idea aproximada da angustia de Lourenço quando soube a cruel noticia, e da afflicção, que o possuia, por não poder dar em continente o castigo a quem o merecia, quando nos adjuntos pelas ruas, e nas portas das tabernas e das boticas ouvia semelhantes projectos de villãs vinganças contra os nobres em quem se acostumara a não pôr as vistas sinão com respeito.

— Que desgraça, meu Deus! Parece que não ficará um fidalgo que não seja preso. Mal pensa seu Cosme o que está para lhe acontecer.

Cosme Bezerra entretanto, confiando na promessa do coronel Braga, poz o espirito ao largo, e da grandeza do infortunio tratou de tirar forças e resignação maiores que o mesmo infortunio para o vencer com dignidade.

— Estou preso como um captivo, mas no meu crime ha um protesto em favor da liberdade dos pernambucanos. Demais, desobedecer ao despotismo, á violencia, em logar de crime é direito. Poderão matar-me, porque são assassinos; poderei subir á forca, e outro fim não espero, si antes disso não me assassinarem por estes caminhos, sob qualquer pretexto, para se verem logo livres de mim. Mas meu nome passará com meu animo,

ao grande quadro da historia de Pernambuco, onde se vêem desenhados vultos tão illustres, que basta occupar um logar ao pé delles para ter seguro o respeito dos posteros.

Mal acabara este soliloquio, quando, erguendo as vistas á roda de si, sentiu que o espirito se lhe abatia repentinamente. Conhecera os logares que o dia, ao romper, lhe ia mostrando aos olhos. Estava na estrada de Goyanna.

Mas o abatimento foi rapido; a antiga energia correu de novo pelas veias do brioso goyannista; o espirito ergueu-se-lhe fresco, forte diante das paisagens nataes, alentado pela sua gentileza em que se deliciara nos bons tempos da mocidade.

— Vamos entrar em Goyanna, disse elle a Luiz Vidal.

— E' verdade, respondeu este tristemente.

Neste momento passou por junto dos presos o coronel.

— Sr. coronel, disse-lhe Cosme, quer ter a bondade de ouvir uma palavra?

Brága aproximou-se.

— Si me não engano, este caminho vai dar á villa de Goyanna.

— E' verdade.

— Mas vós me promettestes que passaríamos por fóra.

A estas palavras, Jeronymo Paes, que se aproximara tambem dos prisioneiros, disse:

— O sr. coronel fez esta promessa, é verdade, mas mudou de resolução por eu lhe lembrar uma circumstancia. Como extremosos filhos, segundo inculcais, da terra que vos viu nascer, seria grande crueza cortar, para não vel-a pela ultima vez, por escusos atalhos e rodeios.

— Eu não me dirijo a ti, villão immundo, retorquiu Cosme.

— Sr. Cosme Bezerra! advertiu o coronel Braga.

— Dirigia-me a vós, coronel, que aliás sois tambem um villão ruim, um homem infame, um soldado cobarde que outros nomes não cabem a quem falta a palavra dada a um nobre prisioneiro.

— Os cães encorrentados ladram com mais furia, do que soltos, replicou Braga.

E deu o andar, enquanto Paes, achegando-se mais da mó formada pelos prisioneiros, ia talvez erguer o chicote para flagellar Cosme na face, quando foi compellido a voltar-se para inquerir com as vistas a causa de um ramalhar violento, que de um dos lados do caminho se fizera sentir.

E volver as vistas, ao ponto, foi o mesmo que ver uma partida de cavalleiros armados com facões e pistolas correr sobre a tropa. O coronel deu immediatamente ordem para que a força cercasse os presos e disparasse as armas contra os assaltantes. Poucos tiros

soaram ; com as humidades da noite as escorvas da mór parte das armas haviam esfriado e muitas destas mentiram fogo. Não se viu depois disso outra coisa sinão um torvelinho medonho e indescrível. Os cavalleiros caíram sobre a tropa, e a patas de cavallo começaram a atropellar os que não lhes davam passagem. Braga, que descavalgara momentos antes de falar com Cosme Bezerra, não teve tempo de tomar o seu animal. Jeronymo Paz, porém, homem de lutas desabridas e de valentia, tivera tempo de saltar sobre sua cavalgadura, e com a espada investia, em defesa dos que formavam um circulo à roda dos presos como possesso do genio do mal.

Esta luta durou poucos momentos, porque um dos assaltantes correu acceso em valor ao circulo, e expondo-se a dezenas de golpes, pôde romper o cordão, e chegar até aos prisioneiros.

—E's tu, Lourenço, és tu, Lourenço ! clamaram os nobres admirados de tanta bravura, e satisfeitos com a nova face que a sua sorte apresentava, um momento depois de ter para elles uma das mais feias carancas.

—Sou eu mesmo, eu mesmo, seu Cosme. Em poucos instantes, seu Cosme, havemos de mostrar a estes safados mascates para quanto prestam os pernambucanos.

O facão de Lourenço cortava já os ultimos nós da corda passada à roda dos braços de Cosme, quando

uma pranchada vigorosa fez o rapaz sobr'estar. Com este novo estímulo, o homem mudou-se em fera. Perdida a serenidade, que o momento exigia, deixou a obra da salvação em mais de meio, e voltou-se para investir contra o seu offensor. Inexperencia da idade, que frustrou a grande obra quasi terminada.

O offensor era Jeronymo Paes. A sua coragem, si fosse ajudada de força tão extensa como ella, seria, talvez digna de competir com a de Lourenço; mas só este, de todos os que ali estavam, trazia os dois thesouros reunidos. Descarregar um golpe sobre Jeronymo foi o mesmo que prostral-o; mas quando ia acabar com este inimigo, teve de volver a sua attenção para outro ponto, donde um dos da tropa dissera aos camaradas:

— Não esmoreçam, minha gente, que ali vem o Tunda-Cumbe.

João da Motta, receiando que os nobres, que andavam foragidos pelos matos, se reunissem e tentassem tomar os presos trazidos do norte, dera ordem para que o Tunda-Cumbe que já voltara do Recife onde deixara os outros presos, fosse reforçar com gente fresca e descansada a que trazia tantos dias de jornada passando rios cheios, fomes e outras inclemencias naturaes de uma longa digressão pelo sertão. E porque tinha recebido informação do coronel Braga sobre a hora da entrada na villa, muito cedinho fizera partir o Manoel Gonçalves com trinta homens do seu sequito.

Tunda-Cumbe caiu sem piedade com os seus sobre os assaltantes, e não obstante terem estes já do seu lado a victoria, pôde a golpes e a tiros dispersar* os que não morreram no meio da luta.

Os assaltantes não eram outros sinão os matutos a quem Lourenço dera pousada em casa a noite anterior. Eis o que tinha havido. Voltando á palhoça com grande magua pelo que vira e ouvira nas ruas e tabernas onde se tratava da recepção hostil a Cosme e aos irmãos :

— Trago o coração negro, como tinta de escrever— dissera. Meu desgosto é tão grande que, si não tivesse pae e mãe ainda vivos, eu me atiraria por ahi além em busca da morte.

— Ora, deixe-se disso, Lourenço. Não vejo razão para esta zanga.

— Olhem vocês : Emquanto eu não tomar uma desforra desses mascates , e dos ladrões que andam ahi prèndendo a gente limpa da terra, eu não fico bom, nem tenho socego. Estou em termos de arre-bentar.

Então lhes referiu o que ouvira e presenceara na villa.

— Mas porque não tiras a desforra ? Que te falta ? A occasião não podia ser melhor. Vamos tomar os nobres do poder da força.

— Este é o meu intento, e si vocês me ajudam....

— Ora ! disse um. Somos tão somente nove, mas assim mesmo havemos de dar que fazer.

— A minha birra é com o ladrão desse peixeiro desprezível, o desavergonhado Tunda-Cumbe, que traz galões dourados nas mangas, quando devia trazer algemas.

— Pensa você então em se pegar com o Tunda-Cumbe que, além de não ser pêco, valha a verdade, traz comsigo tanto cabra matador, e tanto negro feio mandingueiro ?

Lourenço sorriu em ar de mofa e impaciencia.

— E porque não me hei de pegar com elle, Manoel Felix ? Eu só sou capaz de lhe dar com a bainha da minha faca nas ventas, quanto mais si vocês fizerem uma perna. O *marinheiro* bem me conhece, e tem-me *ronha*. Em um *samba* que houve o anno passado, em casa do defunto Victorino, o Tunda-Cumbe bem viu o páu da minha canôa. Ha pouco tempo mesmo elle sentiu no braço o dente da minha faca ; si as folhas dos páus não estivessem tão embrenhadas, havia de sentir o gosto della, não no braço, mas no coração, que foi para ahi que eu a atirei. Eis ahi. Vocês bem sabem a cantiga que eu canto:

Não tenho medo de homem,
Nem do ronco que elle tem,
O besouro tambem ronca,
Vai se ver, não é ninguem.

— Está bom, basta, Lourenço.

— Você também parece que está com medo, Antonio Luiz. Ora não seja mofino, que um homem quando come carne e farinha é para ser duro.

— Eu não tenho medo. Por mim está já assentado que tomaremos os presos das mãos dos malvados.

Os matutos escorvaram algumas armas de fogo que traziam, examinaram os facões e as facas, e puzeram-se a espiar o momento do assalto. No outro dia de manhã apontou a escolta na extremidade do caminho. Foi então que, por entre as folhagens que lhe serviam de graciosa e natural moldura, caíram os almocreves sobre os soldados.

Lourenço lutou até não poder mais, até ficar só em campo, e seria victima debaixo do peso do grande numero do bando, si Cosme Bezerra que chegara a ter um braço livre, não descarregasse uma arma contra o coronel Braga. Suppondo que este ia morrer, as atenções dos bandidos e soldados dividiram-se entre os prisioneiros e o ferido. Neste momento pôde Lourenço escapar-se. O chão estava juncado de cadaveres.

Das onze horas para o meio dia, um homem, que entrara gacheiro, afastando os matos aqui, unindo-os acolá para passar sem ser visto, metteu a cabeça por entre as estacas do cercado do engenho Bujary, e correu para a casa grande.

Quando o desconhecido, cujas roupas se mostravam rasgadas em alguns pontos, cobertas de sangue em

outros, penetrou na sala onde somente se achavam mulheres—D. Damiana, Marcellina, Joaquina e Marianinha—algumas dellas, amedrontadas da inesperada visão, chegaram a procurar os quartos para se trancarem, suppondo que estavam com um malfeitor em casa. Marcellina porém, reconhecendo logo com magua o filho, correu ao seu encontro, e tomou-o nos braços.

— Minha Nossa Senhora do Rosario, Virgem Santissima ! Que te fizeram, Lourenço ?

Este respondeu por uma interrogação :

— Não passou por aqui seu Cosme com os irmãos ?

— Não fales nisso, Lourenço,—observou Marcellina. Tem piedade daquella senhora que mal pôde enxugar as lagrimas de tantas que são. Nem tu sabes o que disseram, o que praticaram os malvados. Elles ahi vão ainda. Quasi nos matam. Olha para aquellas urupemas. Não vês como estão quebradas e esburacadas ? Não vês as paredes como estão ? As balas e as pedras dos endemoniados chuveram aqui dentro. Parecia que o mundo ia acabar-se, tamanho foi o estrondo, o estrago, o desatino. Com as balas e as pedras chegavam aqui tambem os desaforos e as poucas vergonhas que elles diziam. A canalha do Tunda-Cumbe foi quem teve maior parte nisso. A outra gente ia occupada com seu Cosme, seu André e seu Luiz, e pouco se demorou à porta da casa. Sinha d. Damiana ainda quiz abrir a urupema para falar a seu Cosme.

Si não sou eu, ella fazia esta asneira, e talvez já não vivesse. Mas quem foi que te poz neste estado ?

— Quiz ver si podia livral-os das mãos dos malvados, minha mãe ; mas Deus não quiz. Quando já estavam quasi soltos, chegou o Tunda-Cumbe com a quadrilha, e não houve meio de vencer. Os meus camaradas morreram quasi todos ; e eu fiquei jurado pelo Tunda-Cumbe de morrer mais cedo ou mais tarde ás suas mãos. Talvez que hoje mesmo elle ainda venha correr esta casa, ou vá á palhoça para ver si me encontra.

— Santo Christo de Ipojuca ! Valei-nos , minha Nossa Senhora da Conceição !

— Olhe, minha mãe, tenha paciencia ; porque o peor é o que eu lhe vou dizer agora. Eu não tenho medo do marinheiro, mas elle tem muito quem o acompanhe. Por isso, acho bom ganhar o mato por alguns dias, até ver si as coisas tomam outra cara.

— Filho de minh'alma, queres deixar-nos ?

— Lourenço, Lourenço, não nos desampare— disse Marianninha.

— Que resolução é esta, Lourenço ? perguntou d. Damiana, quasi soluçando.

O rapaz não soube o que dizer. Calado, impassivel, confuso, lançava olhares estupidos de uma para outra das mulheres que assim recebiam a triste declaração da sua ausencia..

— Mas , minha mãe... sinha d. Damiana....

Marianninha . . . Si eu ficar aqui, ainda pôde ser peor. Si elles me prenderem, si me levarem para o Recife, o que será de vosmecês? Eu não vou desamparar esta casa por uma vez, minha mãe; Deus me livre disso; nem tenho coração para fazer semelhante ingratição. Andarei por aqui mesmo em roda da casa, mas dentro do mato. Si os negocios forem ficando muito feios, irei para Tracunhaem; irei reunir-me a seu Falcão, que já deve ter muita gente junta.

As mulheres ouviram attentas, no maior silencio, estas palavras, nascidas do sentimento da prudencia que era aliás obra de Marcellina no coração do corajoso joven.

— Valha-me Deus! disse Marcellina, como quem comprehendia que era absolutamente necessario resignar-se á ausencia d'aquelle que, com ser filho de outra mulher, se tornara objecto dos seus maternas affectos.

— Elle nos queira valer, Marcellina — accrescentou d. Damiana. Longe estava eu ainda ha bem pouco tempo de pensar neste novo revez da minha infeliz sorte.

— Hontem era seu Francisco, hoje é Lourenço que vai deixar-nos — disse Joaquina. Será o que Deus quizer.

— Já não ha corda em meu coração que não tenha estalado — accrescentou Marcellina. Mas, já que Deus assim ordena, vai, Lourenço, mette-te no mato, es-

conde-te bem dos facinorosos ; e por nosso respeito não te percas. A Virgem Maria, na tua ausencia, ha de ser a nossa advogada, ha de proteger-nos.

Esta scena de dôr foi interrompida pela chegada de um negro que acompanhara João da Cunha ás matas, e com elle seguira para a prisão no Recife. Vendo-o coberto de suor, offegante de cansaço de longa jornada, d. Damiana foi a primeira que lhe falou, não sem grande sobresalto.

— Que novas nos trazes, José?

O escravo fiel e respeitoso, por unica resposta, entregou-lhe um papel que ella, inquieta e nervosa, desdobrou rapidamente. Era uma carta de seu cunhado Amador Cavalcanti, senhor de engenho residente em Jaboatão.

Eis o que continha a carta :

« Prezada prima.

« Escrevo-lhe estas regras quasi ás escuras, porque estou na semi-tumba das Cinco-pontas, onde me recolheram hontem por ordem do governador, depois de soffrer os maiores vexames da quadrilha do Camarão, que me prendeu.

« Vim aqui encontrar meu irmão e seu marido João da Cunha.

« Mal poderá imaginar em que estado o encontrei. Ferido, enfermo, maltratado pelos nossos verdugos... não tenho animo para lhe dizer tudo ; mas o parentesco e a amizade não permitem furtar-me a este penoso dever.

« Hoje, pela manhã, elle chamou-me para junto de si; os seus ferimentos tinham-se aggravado. Mal pude entender o que me disse; digo mal: não entendi uma só das suas palavras.

« Abraçou-me, e inclinou a cabeça sobre o meu peito. Não a levantou mais, sinão, talvez, para comparecer perante o Creador, que nos ha de julgar e vingar.

« Resigne-se.

« *Amador Cavalcanti* »

D. Damiana caiu quasi sem sentidos nos braços de Marcellina. Os soluços queriam arrancar-lhe a vida.

A este tempo, Cosme Cavalcanti e os irmãos atravessavam a rua principal de Goyanna no meio do mais publico espectáculo cujo unico objecto eram elles.

Para que fosse esplendida a recepção das illustres victimas, os principaes mercadores da villa tinham ordenado comedias e cavalhadas.

Fogos do ar estouraram de todos os cantos e alguns sinos repicaram em signal de alegria, logo que os presos se aproximaram. Na rua das Portas de Roma armara-se um tablado pelo modelo do que se tinha levantado em Olinda, para festejar a chegada do governador, a 7 de dezembro de 1711. Ahi appareceram cinco figuras, ricamente vestidas; quatro representavam as quatro partes do mundo, e a outra, Goyanna.

O tablado ficava como o de Olinda, debaixo de uma « parreira agradavel na fôrma, e abundante de uvas, com passarinhos que as depinicavam. »

Quando os presos passaram pela frente do tablado, a figura que representava Goyanna fez signal que parasse o troço, e com emphase dirigiu « em romance curioso » uma allocução a Jeronymo Paes que exaltou como benemerito do povo e da realeza. A rua não tinha mais onde se pôr um pé de pessoa. A villa em peso, uns por satisfação, outros por natural curiosidade, assistia ao estrepitoso espectaculo.

Os mercadores mais dinheirosos distribuiam aos soldados peças de ouro e bebidas finas ; a plebe atirava insultos e injurias aos algemados.

Estes nunca haviam mostrado tanta nobreza no gesto e no porte. Tinham a serenidade de martyres. O silencio dava-lhes gravidade, e a elevação da face deixava manifesto que os seus espiritos, longe de rastejarem, se sustentavam na altura do seu nome e posição.

A um insulto, que lhes dirigiu o taberneiro Joaquim Rodrigues, Cosme Bezerra retorquiu :

— Insulta os nobres que vês presos, marinheiro ; mas fica sabendo que si não podermos algum dia ajustar as nossas contas contigo, ajustal-as-hão com os teus *malungos* que para cá vierem os nossos filhos, os nossos netos, emfim a nossa geração : odio eterno a tua raça é a primeira herança que ensinaremos e deixaremos aos nossos descendentes.

— Toma lá que te dou, propheta sujo — retorquiulhe em ar de zombaria o taberneiro.

E atirou-lhe uma moeda de cobre.

Receioso de encontrar-se com algum bando inimigo, Lourenço que, ao deixar o engenho, tomara a margem direita do Tracunhaem, pela qual passava o caminho por onde se saía de Goyanna, atravessou, não sem risco, o rio com bastante agua pelas chuvas torrencias do inverno, e metteu-se n'uma capoeira que, ao cabo de um quarto de legua, do nascente para o occidente, vinha morrer na margem esquerda.

Era quasi noite, e desde a saída a chuva não cessára ainda, antes augmentara.

Em todas as paragens circumvizinhas não se descobria uma só habitação. O rio entrava aqui pelos matos, saía acolá por entre lagedos, espraiava-se além em varzeas cobertas de buritizeiros. De verão, a região que Lourenço percorria agora silencioso e pezaroso, tinha aspecto risonho ; era um lindo painel, não ob-

stante ser deserta e quasi virgem. Actualmente vêm-se já por ahi casinhas de almocreves, quadras de terra cobertas de roça, partidinhos de cannas que alegam a vista e communicam ao espirito a sua graciosa fluctuação illuminada e colorida. Por esse tempo só se avistavam ahi aguas, matos e ceu, que o verão enchia de limpidez, verdura e azul. Aos olhos de Lourenço porém não eram estas as tintas offerecidas pelas paisagens feiticeiras. Com o inverno ellas haviam tomado feições espessas e sombrias. As aguas barrentas, em varios pontos encachoeiradas, ennovellando-se com arbustos e pedras, semelhavam terras diluidas por forte ebullição, mostrando todas as fezes e lia deixadas no seu seio pelo curso de muitas idades; as folhagens inclinadas para o chão quando as aguas do ceu caiam sobre ellas sem sopro de tormenta, ou revoltas e confusas quando a tempestade as açoitava com a sua violenta colera, apresentavam o semblante da tristeza ou do desespero; o ceu cor de cinza tinha communicativa morbidez que penetrava nos corações ternos. Emfim, longe de despertar pensamentos e sensações gratas, essa região demudada não offerecia ao hospede perdido no seio della outros presentes sinão o tédio, a ingratição e a aspereza do deserto.

Ao anoitecer, saindo de uns paúes perigosos onde quasi se havia sumido com o cavallo, ouviu, sorpreso, o bater de uma *caçula* por alli perto. Guiado por este signal, ganhou um alto onde deu de rosto com

uma casinha de barro, coberta de palha. Alongando as vistas, descobriu na baixada que ficava do outro lado da eminencia, uma como aldeia de indios. Contavam-se talvez de quinze a vinte palhoças. Quasi todas estavam fechadas, e somente da que ficava mais proxima da casinha do alto se levantava aos ares, sem embargo dos pesados pingos da agua, que no momento caiam, uma fumacinha azulada indicando que havia moradores na palhoça.

— Já tenho, graças a Deus—pensou o rapaz— onde passar esta cruel noite de inverno.

E tirou para a casinha donde lhe chegava aos ouvidos o som levantado pelo alternado bater das mãos de pilão sobre o milho.

Faziam a *caçula* uma rapariga e uma mulher já de idade. Aquella podia passar por branca, e não era mal parecida ; cabellos negros e cacheados emmol-duravam-lhe o rosto jovial e franco ; fórmulas bu-leadas sem carencia de gentileza, acusavam thesouros que se perdiam occultos ou mal apreciados no ermo. A outra mulher tinha feições e fórmulas vulgares que nenhum traço particular tornava distinctas, a não ser o olhar suspeito e a grossura corporea : ambas trajavam saia de chita e cabeção de renda. Estavam de pé, na sala posterior da casinha, perto de um banco largo, especie de porta deitada sobre quatro pés cravados no chão, a qual, pelos indicios, preenchia o officio de estrado, mesa de jantar e cama de dormir.

Sobre o banco via-se um alguidar de barro de bom tamanho contendo certa quantidade de milho pilado; junto do alguidar um rapa-côco de ferro e alguns pratos ordinarios. Dentro de um destes estava o côco, partido já em duas bandas, destinado a dar as rapas de que se devia extrahir, pela espressão, o leite grosso e saboroso. O leitor entendido nos usos do norte ha de ter comprehendido, por estas particularidades domesticas, que as duas mulheres se occupavam em fazer o popular e apreciado *mucunzá*. Ficava de permeio entre uma e outra o pilão que lhes dava pela cintura.

A quantidade de milho quebrado que se via dentro do alguidar, e o suor que aljofrava o rosto e as espaldas das mulheres não obstante o tempo frio, revelavam que a *caçula* já ia puxada, ou antes estava perto de acabar.

Lourenço, rodeando a casa, foi parar defronte da janella da sala onde se entregavam áquella occupação culinaria as duas mulheres.

— O' de casa ? disse elle.

Apenas estas palavras resoaram dentro, as moradoras fizeram uma pausa, e cessou o *batecum*.

— O' de fora—respondeu a mais velha, emquanto a mais nova, que estava occulta por traz da parede, estirou o pescoço, e com os olhos procurou ver quem era o hospede. Tão depressa porém o viu como, deixando a sua mão de pilão mettida no milho, deitou a correr

para a camarinha, unico aposento encoberto que havia na casa .

— Tenha vosmecê muito boas noites, minha senhora —disse Lourenço, chegando o cavallo mais para junto da janella .

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas—respondeu a matuta .

— Minha senhora—proseguiu o rapaz—venho pedir a vosmecê um rancho por esta noite . Com semelhante chuvada, que vosmecê bem está vendo, é impossivel a gente andar por dentro de lamas que querem engolir homem e animal .

— Meu senhor . . balbuciou a mulher com evidente embaraço .

E como não passou dahi, Lourenço, compreendendo estar ameaçado de imminente recusa, accrescentou :

— Quer vosmecê acredite, quer não, o que eu lhe posso dizer é que ainda hoje não comi nem descansei . Estou resfriado desde os pés até a cabeça . Não sei bem em que alturas ando . Além disso, com rios cheios, e de noite pelo escuro não se póde viajar .

— Meu senhor . . retorquiu a mulher sempre hesitante, eu não teria duvida em lhe dar o rancho ; mas o dono da casa não está em casa, e não é de bem . . . vosmecê bem sabe . .

— Sim, si o dono da casa não está em casa, nem aqui por perto, elle é verdade, vosmecê tem razão . Mas

tambem quero dizer-lhe uma cousa: eu com pouco me satisfaço. Basta que vosmêce consinta que eu me recolhha debaixo deste alpendre, ao menos emquanto boto um punhado de farinha e um pedaço de carne na boca, e o meu cavallo descansa.

A mulher não disse uma palavra; continuou indecisa. Estava sem saber determinar-se.

Passado um momento, como visse Lourenço que não cessava a indecisão, disse o seguinte:

— Minha senhora, eu não sou nenhum malfeitor. Pela cara dou logo a conhecer.

— Não digo menos disso—retorquiu ella.

— Metto-me allidebaixo do puxado, e póde vosmecê ter certeza de que não arredarei dahi o pé sinão para ver o meu cavallo, ou tratar da jornada quando as barras vierem quebrando.

A mulher ia reforçar a recusa com outras razões, mas a um signal feito de dentro da camarinha pela moça, mudou de rumo, e respondeu sem os escrúpulos de ha pouco:

— Está bom. No alpendre póde vosmecê ficar.

— Deus é que lhe ha de pagar este favor, disse o rapaz, criando alma nova com a resposta.

E sem mais esperar tirou para o pequenino alpendre, onde descavalgou.

Quando estava para soltar o cavallo com a peia, como é costume, ouviu dizer da janella:

— O' meu senhor? O' meu senhor?

Pela voz reconheceu a mulher, e immediatamente botou-se para aquelle ponto, onde a encontrou, tendo em uma das mãos uma cuiá.

— Si vosmecê não tem o que dar ao seu cavallo, aqui lhe offereço este bocado de milho que sempre ha de chegar para elle ir roendo durante a noite.

— Aceito o favor, e muito agradeço a vosmecê a sua lembrança. Eu já ia soltar o animal ahi ao campo sem esperança de que elle comesse qualquer cousa, porque tudo está debaixo de agua.

Pouco depois, sob a folhagem de uma gamelleira proxima do alpendre, o cavallo quebrava com estrepito o presente da hospitalidade, e o seu dono, de uma rede que armara, fazia-lhe companhia, comendo, com appetite devorador, da matalotagem que trazia em um sacco de couro onde a agua da chuva não podera penetrar.

Alli mesmo, rendendo-se ao enfado da jornada, Lourenço, recostado na rêde, adormeceu. A noite fechada, a chuva, o silencio, o ermo convidavam ao repouso.

Por volta de oito horas, não obstante estar no melhor do somno, foi despertado pelo ladrar do cachorro da casa contra o cavallo. Logo depois ouviu abrir uma porta, rumor de alguém que saía, e as palavras seguintes :

— Não me demoro, não. Vou levar a Joanninha esta tijella de *mucunzá* para ella ceiar, e dizer-lhe que eu venho hoje fazer companhia a você.

Comprehendeu Lourenço que a mulher era dalli mesmo das vizinhanças, e viera ajudar a moradora no serviço da *caçula*. E como levantara a cabeça, deram seus olhos com suave claridade no alpendre. Era produzida por um fogo que havia sido feito não muito distante da rêde onde elle estava.

Esta fineza com que elle não contara, deu-lhe grande satisfação

— Boa gente é a desta casa, disse, levantando-se, para atiçar o fogo, e ver o cavallo que com os latidos do cão, se afastara um pouco da gamelleira. Pois não me pareceu assim, quando cheguei logo.

Fizera-se uma estiada, o que permittiu a Lourenço ir sem repugnancia até o logar onde estava o cavallo, que elle tocou para junto do alpendre.

Já ia sentar-se novamente na rede, afim de retomar o somno do ponto em que fôra interrompido, quando enxergou, á claridade do fogo, um vulto que se encaminhava para o seu lado. Era a dona da casinha. Mostrava-se cautelosa, olhando para um lado e para outro.

Quando não faltavam sinão alguns passos, Lourenço quiz levantar-se; mas antes que se puzesse de pé a rapariga estava sentada com elle na rêde, e apertava-o entre os braços com phrenezi de allucinada.

— Lourenço, Lourenço, você não me conhece? perguntou ella em voz baixa.

— Estou reconhecendo a sua voz, disse o rapaz, to-

mando posição conveniente para ver o rosto da rapariga.

— Sou Bernardina, disse ella.

— Bernardina ! Bernardina ! exclamou Lourenço.

Então, affirmando a vista, reconheceu, de feito, com indescrível prazer, a filha de Victorino que fôra raptada por Tunda-Cumbe, por occasião do ataque contra o engenho.

Bernardina não parecia a mesma que estivera de tarde na caçula com a outra mulher. Substituíra a saia caseira por um vestido de chita impregnado dos cheiros do *corador* campestre. Entre os cabellos anelados, que o pente alisara momentos antes, um galinho de alecrim rescendia suavissimo aroma. As faces estavam animadas de irradiação rosea ; os braços e as espaldas acusavam recente ablução.

Ninguém diria, em presença daquelle asseio modesto, unico talvez que está ao alcance do pobre, ninguém diria que o suor do trabalho humedecera, algumas horas atraz, pelle tão fresca e limpa. O que a primeira vista se adivinhava, era que a galante cachopa havia posto particular cuidado em apparecer sem vexame ao seu camarada da meninice.

— Meu Deus ! continuou elle. Como são as coisas ! Quem havia de dizer que eu teria hoje este encontro ? Eu bem ouvi cantar, pouco antes de chegar a este logar, um pitiguari no olho de um catolé.

— E' verdade — disse ella. Eu reconheci você, logo

que o vi chegar á janella, ainda que você está muito differente. Está um moço alto e bonito de fazer a gente ter ouira de gosto só de vel-o.

— Mas porque se escondeu de mim? Porque fugiu tão depressa, tanto assim que a não pude ver sinão pelas costas, e por isso não pude saber que era você?

— Fugi para lhe poder falar mais tarde. Si eu me desse logo a conhecer á vista da mulher que saiu d'aqui ha pouco, ella não nos deixava sós, e eu não podia abrir-lhe o meu coração, como estou fazendo. Ella é boa mulher, mas não havia de consentir que nos avistassemos, nem eu quero que ella saiba da minha vida.

— E que faz você por estas alturas, Bernardina?

— Ora! Foi a minha desgraça. Mas porque não se deita como estava ainda ha pouco? Deitemo-nos, para não parecer que estão aqui duas pessoas. Metta o seu braço por baixo do meu pescoço. Falaremos baixinho. Direi assim tudo o que lhe quero dizer. Você não sabe quanto estou satisfeita com a sua presença. Não tenha vergonha de mim. Faça de conta que ainda somos meninos.

A rapariga foi a primeira a deitar-se transversalmente na rede : o rapaz imitou-a. Os seus halitos confundiram-se. Os negros cabellos de Bernardina espalharam-se, em ondas voluptuosas, pelas faces nédias e afogueadas de Lourenço, que parecia estar numa fascinação parva.

Perto da rede jazia atirado um tronco secco destinado ao fogo. Bernardina, tomada de phrenesi irresistivel, alcançou com a ponta do pé a cabeça do tronco, e firmando-se nella, deu balanço á rêde. Caiu-lhe então a chinella, e com o movimento enfunou-se-lhe parte da saia arrendada, apparecendo, como uma tentação, o pé pequenino e metade da perna de perfeição incomparavel.

Mas Bernardina não attentou no seu estado. Era outra a ordem de idéas que lhe andava no cerebro. Fervilhava-lheahi a serpente do remorso eda saudade.

— Quando eu não quiz falar com você diante daquella mulher, foi justamente porque os meus segredos não eram para ella ouvir. Mas antes de tudo, não se demore: dê-me noticias dos meus. Minha mãe e Marianninha como estão? Ha quasi dois annos que as não vejo. Só Deus sabe a minha dor, as lagrimas que tenho derramado, longe dos meus, com saudades delles.

— Ellas estão boas, Bernardina.

— Não houve nenhuma novidade?

— Houve somente a morte de seu pai.

— Desta já soube. Meu pae era tão bom para mim ! . . .

— Mas que vida é a sua, Bernardina ?

— Não me fale, não me fale, Lourenço. Nem sei como me deixei desgraçar, em vez de morrer; antes tivesse morrido. Lá não souberam que eu fui roubada por seu Tunda-Cumbe, quando entraram com elle no

engenho os malvados que lhe dão força para fazer tudo o que lhe vem às ventas ?

— E que está você fazendo aqui ?

— Aqui é que eu moro. Não sabe que este é o *Rancho do Sipó* ?

— Pois é aqui o *Sipó* ? Aqui é que o ladrão do Tunda-Cumbe tem os seus malfeitores ?

— Aqui mesmo. Ahi adiante na baixada moram elles. Só eu moro aqui com seu Tunda-Cumbe, neste deserto por onde não passa ninguem, com medo de ser atacado e assassinado.

Lourenço estava admirado do que ouvia. Nunca pensara em tal.

— Eu sou mulher — continuou Bernardina ; mas assim mesmo, não tenho medo d'elle nem dos seus malfeitores ; e mais de uma vez tenho feito tenção de deixar este degredo, dê no que der.

— Pois este é o falado rancho do Sipó ? inquiriu Lourenço pela segunda vez, parecendo não ter o seu pensamento preso a assumpto differente, ou fingindo-se alheio do que na realidade puzera alerta todos os seus sentidos. Ah ! é verdade. Eu vi, quando vinha, as taes casinhas lá embaixo. Em boas estou mettido. Venho fugindo do malvado, e cáio dentro do seu *giqui*.

Em poucas palavras referiu Lourenço os acontecimentos em que andara envolvido de manhã, a luta com o Tunda-Cumbe, o juramento que este fizera de vingarse d'elle, emfim, as circumstancias que davam

a sua posição actual um character melindroso, pelos muitos perigos que a cercavam.

— Para um homem da sua coragem, Lourenço, não ha perigos, disse Bernardina. Eu tenho tanta confiança em você que, si você quizesse tirar-me d'aqui, eu não punha a menor duvida.

Dizendo isto, a rapariga roçava a face pela do rapaz, que, embriagado e offegante, devorava com os olhos accesos em estranho anhelos aquella imagem provocadora.

— Você diz o que eu tenho no juizo. E fique sabendo que, ainda que eu houvesse de cair, traspassado de balas alli adiante nos atoleiros, eu a levava commigo para entregar-la a sua mãe. O ajuste de contas com o ladrão do *marinheiro*, si não pudesse ser antes, ficaria para depois. O principal era tirar você do poder d'elle, que é um ladrão muito desaforado.

— Que está dizendo ? Pois você tem esta idéa ? Não sei como agradecer a Deus esta mercê.

— Mas presentemente, Bernardina—observou o rapaz, pegando-lhe de uma das mãos—eu não a procurava. Nos primeiros tempos da sua ausencia, andei com Saturnino pelos matos a ver si a achava ; não foi uma nem duas vezes que fizemos isto, foram muitas que não têm conta ; e si nunca viemos ao rancho do Sipó, foi porque nunca pensamos que o Tunda-Cumbe a tivesse trazido para viver junto dos negros e cabras

safados que compõem a sua quadrilha. Mas desta feita o meu destino era outro.

— Eu estou aqui desde que elle me roubou do Bujary. Não viu você a mulher que estava commigo, e ficou de voltar? E' a caseira do Pedro de Lima, que elle encarregou de me espiar.

Lourenço ficou silencioso um instante, como quem reflectia.

— Agora, disse depois, a occasião não é das melhores para ir commigo, porque não vou para o Cajueiro, vou até fugindo d'elle.

— Não me diga isso, Lourenço, tornou Bernardina pezarosa. Não o deixarei sair sem me levar em sua companhia. Ainda que vá para o inferno, irei com você, porque tão cedo não se ha de offerecer outra occasião.

Depois de novo instante de silencio, disse o rapaz:

— Quer tomar um conselho? Deixe-me ir primeiro a onde tenho de ir, a Tracunhaem a ver si sedá algum geito para livrar-se da prisão seu Cosme Bezerra e os irmãos. Na volta, passarei outra vez por aqui, e então você irá commigo.

— Ora, Lourenço! disse a rapariga ainda mais maguada. Você está com isto para se livrar de mim. Sou uma desgraçada.

Os olhos da gentil matuta, ha pouco tão cheios de alegres brilhos, inundaram-se de tristeza e lagrimas.

Lourenço, reparando na mudança, sentiu-se comovido.

Para consolar a moça, apertou-a contra o coração com ternura e meiguice infantil.

— Para que diz isso de mim, Bernardina? Você bem me conhece, e sabe que eu não sou de prometter uma cousa e fazer outra.

Nisto o cão, que ha pouco ladrara, começou a ladrar de novo. Ouvindo os latidos, Bernardina sentou-se na rêde.

— E' sinha Manuela que volta. Não posso mais demorar-me.

— Talvez não seja ella. Fique ainda um instantinho só, Bernardina.

— Não; adeus, adeus. Si não nos virmos mais, leve este abraço para mamãe, e este outro para Marianninha.

Assim falando, a rapariga, de pé, inclinada sobre a rêde, suspendeu e apertou por duas vezes o rapaz aos seios com quantas forças tinha.

— Este agora é o seu—disse por fim.

Lourenço, que já estava tambem de pé, foi o primeiro a tomar entre os braços Bernardina, cujas fórmas, com o ardente contacto da despedida, lhe deixaram no corpo deleitoso quebranto.

— Dou-lhe este abraço, para que você não se esqueça de mim.

Foram estas as suas ultimas palavras. Correu para dentro rapidamente, e desapareceu.

Pouca era já a claridade espalhada no alpendre. A fogueira estava metade extincta. O frio da noite invadia o informe aposento. Lourenço, porem, não precisava de calor externo para se sentir aquecido. Tinha o fogo interior, o fogo das paixões, o fogo dos dezoitos annos que as provocações quasi ingenuas de Bernardina, tão moça como elle, haviam deixado no maior gráo de intensidade.



Os abraços de Bernardina, antes irresistível manifestação de estima e contentamento sem malícia, do que indicio de paixão deshonesta como se pôde afigurar ao leitor menos entendido na singeleza dos costumes do campo, deixaram Lourenço n'um estado de excitação nervosa que não revelava a mesma simplicidade, nem o mesmo puro incentivo. De feito, Lourenço via as cousas por outro lado. Das duas filhas do finado Victorino, fôra sempre Bernardina a que, por muito saída, merecera a sua particular attenção. Demais, havendo tantos mezes que a não via, o vulto da seductora rapariga téve para elle, com o tom mysterioso que lhe davam as condições da actualidade, o encanto das visões inesperadas, frescas e gentis, dessas que matizam os sonhos apaixonados da juventude. Bernardina, na phantasia estreita de Lourenço, limi-

tada ao horizonte dos bosques, dos rios, dos engenhos, das asperas jornadas e dos sambas rudes, surgiria como a estrella boeira nas madrugadas de verão. A rapariga illuminara-se com o fogo dos dezoito annos, cujo reflexo revelava nos olhos o calor da alma. Não obstante a vida, não raro orvalhada de lagrimas, que ella arrastava na solidão agreste da sua desgraça, tinha o seu corpo ganhado formas esbeltas, as suas feições distincta vivacidade. Ao clarão da fogueira vira elle nesse vulto do natural elegancia o quer que fosse que lho descobriu novos mundos até então perdidos na vacuidade do seu espirito mais positivo, que sonhador.

Depois que Joaquina fora morar junto de Marcellina, e para assim dizer á sua sombra, quasi todos os dias offereciam-se ensejos de Lourenço conversar a sós com Marianninha, impressionar-se da sua belleza fresca e rosea, e commover-se da brandura do seu natural. Muitas provas de estimação dava-lhe a filha mais nova de Joaquina e elle, si bem que não se havia ainda entregado inteiramente a este amor, porque a juventude raras vezes se deixa captivar das paixões modestas, da ternura pausada ainda que pura e immensa, sentia já por Marianninha doce affeição que começava a encher-lhe o coração, como o aroma do manacá sylvestre povóa as abobadas formadas pelas ingazeiras nas margens dos rios.

Ainda na manhã daquelle dia, depois da scena de

dôr e prantos à que assistira na sala do engenho, quando Lourenço desceu à cavallariça, seguiu atraz d'elle Marianninha trazendo os olhos arrazados de lagrimas. Era a dôr da separação que lhe arrancava aos sentimentos aquella triste homenagem.

« — Lourenço, Lourenço — perguntara ella — você se esquecerá de mim ? »

« — Não me esqueço, não, Marianninha. Olhe. Quando não esperar por mim, ha de ver-me bem juntinho de você, de todos de casa . »

« — Eu não deixarei nunca de esperar por você ; esperarei sempre, de dia e de noite, a todo momento. Não se occupa com ninguem, senão com você, a minha lembrança, a minha imaginação. »

Quando o rapaz estava para tomar o cavallo, Marianninha aproximou-se, cada vez mais commovida.

« — Tome esta oração. Ella serve para você se lembrar de mim, e para o livrar dos perigos. »

Era uma oração prodigiosa, um *breve*, cosido dentro de um saquinho de setim, e preso a um rosario de contas tão limpidas como as lagrimas que se deslissavam pelas faces da moçoila .

« — Reze todas as noites, e todas as manhãs á Nossa Senhora do Rosario esta corôa. Ella ha de protegê-lo. »

Com as proprias mãos, hesitantes e tremulas pela commoção, a filha de Victorino lançara ao pescoço do rapaz o talisman popular, mixto de fetichismo e catholicismo, tão conhecido das gentes do campo. Lourenço

agradeceu-lhe a lembrança, o presente da despedida, e, para retribuir a fineza, apertou a rapariga ao peito, com vontade de a levar ao sertão, ao deserto, ao desconhecido, onde necessariamente devia precisar de uma companhia, ou antes de uma companheira que suavizasse os rigores da peregrinação.

As despedidas exercem grande influencia na vida. Durante a jornada, Lourenço só pensava em Marianninha chorosa e meiga por occasião de lhe entregar o rosario e o brevesinho. Não foi uma nem duas vezes que teve vontade de chorar de saudade, lembrando-se da menina, da mãe, do engenho, lembrando-se de tudo o que deixara, e que não sabia quando havia de tornar a ver. Foi assim, enternecido por lembrança tão grata e commovente, que elle chegou ao rancho do Sipó.

Mas Bernardina, apparecendo-lhe de improviso como uma alma bemfazeja, filha do mato, creada na solidão, uma alma nova, não obstante ser sua conhecida da infancia, apparecendo-lhe assim, quando elle menos esperava, entre uma fogueira — symbolo da paixão, e uma rêde — symbolo do gozo, por uma noite de inverno — estação propicia ao conchego, e sem outras testemunhas que os elementos mudos posto que traiçoeiros e irritantes, apagou com a sua imagem rica de estímulos sensuaes, a doce scena de amor innocente em que se deixava entrever a irmã com o recato da alma candida, como apaga o pintor com o pincel enso-

pado em tintas vivas, brancas virgens retratadas em quadros ainda mais brancos de que ellas.

Depois de um instante de vacillação, o rapaz correu em busca da fugitiva moça. Esta já estava dentro de casa fazendo que repousava. Nem sombra restava de tão encantadora visão. Affigurou-se a Lourenço um momento ter-lhe ido a vida com ella. Fôra um enganoso egoismo que o provocara, que o exacerbara, e que o havia esquecido, fugindo rapidamente quando elle mais desejava tel-o unido ao peito. Levava comsigo todas as fôrmas da seducção; todas? Não; uma tinha ficado no alpendre, talvez contra a vontade daquella tentação revestida em contornos ondulantes como os das serpentes; era o galhinho de alecrim, que Bernardina trouxera entre os cachos dos cabellos.

Lourenço achou-o pouco antes da porta, no chão, e reconhecendo-o, apanhou-o, aspirou-lhe o brando cheiro, e metteu-o entre a camisa e o corpo. Penetrando ahi, a sua mão tocou involuntariamente em outro objecto que lhe veio immediatamente á lembrança—o talisman que lhe dera Marianninha, o qual, pendente do rosario, nadava sobre o peito do rapaz. Lourenço estremeceu, sentindo o contacto do breve; e seria capaz de affirmar que as paixões se lhe haviam mitigado repentinamente com esse contacto. Toda idéa que tinha de forçar a fragil porta da palhoça, varreu-se-lhe do espirito. Poderoso condão aquelle, Marianninha, aquelle que déste a Lourenço! Poderoso, porque lhe

acalmou por um instante os ardores infrenes que o atiravam para imprevistos abysmos, poderoso, porque o fez volver à rede quando já ia passando de tempo. De facto, não se metteu um momento, que atravessou o terreiro, encaminhando-se à porta, que abriu, uma sombra em quem Lourenço reconheceu a grosseira Manuela.

Lourenço não dormiu mais. Em seu espirito travou-se então uma luta fratricida— a luta das duas irmãs— uma que resurgira depois de apagada, outra que perdera metade da sua grande força, logo que se achou defronte da primeira.

Que seria delle, solicitado por duas attracções iguaes? Ficou sem dar um passo nem para um lado, nem para outro. Tinha a inercia de um corpo pequeno, entre dous maiores de igual grandeza. Mas si a vontade caíra nessa indecisão passiva, indecisão da criança, que, vendo ao alcance dois quadros seductores, não sabe por qual delles se ha de decidir, o seu espirito parecia inclinal-o para aquella que, a poucos passos de distancia, ouvindo talvez o rumor dos seus movimentos, lhe havia despertado no coração alvoroços que se assemelhavam a chammas.

Perto do amanhecer a chuva cessou inteiramente. A' claridade do dia, as condições do estado do almocreve modificaram-se consideravelmente. A realidade, erriçada de perigos, resurgiu-lhe de novo aos olhos. Volvendo-os à baixada, avistou lá a rua de casinhas que

lhe avivou a idéa da quadrilha e do chefe, a que elle ia fugindo. Era tempo de deixar a ameaçadora pouxada, por algumas horas tão hospedeira e carinhosa.

Mas partir sem ver Bernardina, sem lhe protestar estima recente, cujas raizes vinham do passado, sem receber, talvez, na despedida um daquelles sorrisos feiçoeiros que, quando a menina cantava e dansava nos sambas, deixaram tantas vezes corações atravessados de desejos mais agudos que pontas de espinho, isto affigurou-se-lhe um tormento, um impossivel. Ainda esteve um instante para bater á janella sob qualquer pretexto ; mas, receiando-se de não ter forças para ausentar-se, si a rapariga lhe apparecesse, quando a sua salvação exigia rapidez no apartamento, dominou o desejo, e partiu.

Não tinha ainda perdido de vista a casa, quando, ao emparelhar-se com umas arvores sombrias e fechadas, virando-se para traz, viu ir descendo a rua do rancho a mulher que fizera companhia a Bernardina. Foi o caso que Manuela, tanto que percebera, pelo rumor das pisadas do cavallo, que Lourenço deixava a casa, se despediu de Bernardina, e encaminhou-se à sua cabana.

Este incidente, com que o rapaz não contava, reacendeu-lhe o desejo de voltar. Sobresteve um instante pensando. As arvores occultavam-n'o inteiramente. Elle podia reflectir por quanto tempo quizesse sem receio de ser notada a sua presença.

— Estou quasi voltando — disse consigo, ao cabo de alguns minutos de reflexão.

Pouco depois, tomada a resolução, accrescentou :

— Ora ! Aconteça o que acoutecer. Para os perigos é que são os homens.

Não se demorou mais. Com pouco, estava junto da janella que se abriu tanto que elle chegou, para deixar apparecer o rosto da gentil rapariga, mais seductor do que nunca, porque se mostrava agora orvalhado de lagrimas, como as florinhas do campo estavam nadando entre as aguas da noite.

— Eu logo vi que você não havia de se ir embora de uma vez sem me dizer adeus, Lourenço — disse ella, recobrando, com a vista do rapaz, o fulgor da sua natural expressão. Lourenço aproximou-se mais, e perguntou-lhe, a meia voz :

— Bernardina, você ainda está no parecer de me acompanhar?

Como si ouvira a voz da sua salvação, a rapariga, erguendo-se sobre as pontas dos pés, inclinou-se para fóra, e, estendendo os braços como quem queria prender o almocreve, respondeu n'um assomo de entrega, filho de absoluta confiança :

— Pois ainda pergunta, Lourenço ?

— Então, venha depressa antes que chegue alguem — tornou elle. Eu bém sei que vou correr grandes perigos; mas por seu respeito, commetto tudo. Que

espero mais? Acabemos já com isto. O que chegar chegou. Commigo ninguem póde.

Em poucos minutos o cardão passeiro e passari-
nheiro, que Lourenço tirara da estrebaria do engenho para se metter na jornada, tomou sobre o dorso o rapaz e a rapariga; e não obstante esta dobrada carga, atravessou com pés seguros os atoleiros, e ganhou outra vez o caminho sem mostrar o menor enfado, antes lesto e fôrte, graças ao milho que comera de noite.

Por toda a parte foram encontrando riachos cheios que se assemelhavam a rios, campos inundados que se assemelhavam a lagos, valles que se assemelhavam a correntes encachoeiradas, emfim as provas evidentes do inverno que se prolongou em Pernambuco de 1712 a 1713.

Mas Bernardina, na sua qualidade de mulher, tinha animo inexcedivel. A sua organização parecia de ferro. Nada a fatigava.

Quanto mais se afastavam da colonia de malfeitores, mais animada e contente se mostrava a fugitiva.

— Estou vendo que você é muito forte, Bernardina — observou uma vez Lourenço.

— Ora! retorquiui ella com disfarce. Neste cortado vou até o fim do mundo. Estou tão contente, como você não avalôa. Vou achando tanta graça nos matos que eu aborrecia ainda hontem. . . . Que bonita manhã, não é, Lourenço? Eu vou achando tudo tão bonito, porque me soltei da prisão.

Passados momentos, accrescentou :

— Que prazer vou ter, meu Deus! Ha tanto tempo que não vejo minha mãe e minha irmã. Chegaremos hoje a Goyanna?

— A Goyanna! Pois eu não lhe disse que a nossa viagem não é para Goyanna? Si eu voltasse ao Cajueiro ou a Bujary, era o mesmo que ir metter-me na boca da onça.

— E para onde vamos nós?

— Vamos. vamos para o sul—respondeu Lourenço, com voz hesitante. Eu estava me lembrando agora mesmo de um logar onde podemos demorar-nos algum tempo sem grande risco. Vou cortando para Jaboaão. Ahi mora seu Amador, irmão do defunto João da Cunha: Deus se lembre de sua alma. Os *Camarões* deram-lhe no engenho, e elle, coitado! está preso no Recife; mas como ninguem nos conhece nem a mim, nem a você em Jaboaão, podemos ficar ahi mesmo pelo engenho, ou em alguma casinha por perto, até vermos tudo isto em que dá.

— Ora! disse Bernardina. Estava já tão satisfeita de ver os meus de hoje para amanhã!

— Mas que lhe parece, Bernardina? Não acha que o meu plano é bom?

— E' bom, Lourenço. Que havemos de fazer? Para mim, tendo saído do poder do Tunda-Cumbe, todo logar me serve para moradia, emquanto não chega occasião de reunir-me outra vez com minha mãe.

— Muita raiva tem você do Tunda-Cumbe.

— Nem na hora da morte lhe hei de perdoar o que elle me fez contra a minha vontade.

— E porque você não fugiu logo? Nunca achou uma occasião?

— Nunca. Nos primeiros tempos o Tunda-Cumbe deixava sempre no rancho muitos espiões. Eu não era senhora de sahir no terreiro sem ser acompanhada. Fui pouco a pouco perdendo a esperança de voltar para a companhia de minha mãe. Além disso, o Tunda-Cumbe disse-me uma vez que ella se tinha mudado de Goyanna, e estava em outra terra muito distante. Então tive paciencia. Quando reconheci você hontem de tarde, Lourenço, estava longe de cuidar que você havia de apparecer por estas paragens.

— Elle nunca lhe falou em se casar com você?

— Casar-se commigo? quem? o Tunda-Cumbe? Malvado! Depois de ser parteiro na sua terra, e vendedor de peixe cá, está fidalgo. Elle havia de casar-se com filha de gente pobre?

— E si houvesse quem o obrigasse a casar com você, era do seu gosto o casamento?

— Eu não quero casar-me com semelhante diabo. Renego d'elle! Quem quizer que o tome para si, que eu passo muito bem sem elle. Um diabo que matou meu pai!

Lourenço deixou correr um instante em silencio, e tornou depois:

— E commigo quer casar-se, Bernardina?

A rapariga, como si não ouvira a pergunta, ou como si fizesse que a não ouvira, nada respondeu.

— Diga, diga, insistiu Lourenço, sentindo rapido calafrio percorrer-lhe todo o corpo.

— Pois você ha de querer-me para sua mulher, Lourenço? respondeu ella emfim, a modo de quem via um impossivel na idéa do rapaz.

— Faça de conta que eu quero, e responda então — tornou elle, cada vez mais empenhado em obter resposta decisiva.

O logar onde estas coisas se passavam, tinha uma belleza suave, plana e ampla. De uma e outra banda estendia-se um varjado, coberto de cajueiros novos, mangabeiras, e araçazeiros bravos. Abaixava-se para o lado do occidente, mas não perdia a sua natural decoração. O sol, que nascera havia pouco, lançava sobre a face dessas milhares de arvores, quasi todas do mesmo tamanho, uma neblina de luz, que, dando, nas gottas da chuva ainda espalhadas nas folhas lisas, fazia sair dahi uma immensa esteira de reflexos crystallinos. Dir-se-ia que a maior prodigalidade conhecida atirara por cima daquelle extenso arvoredor todos os brilhantes que têm saído das minas do mundo. Era uma região nova, nitente, alegre, fresca, paradisiaca. Lourenço parou o cavallo, e voltou-se para encarar a rapariga, que com um dos braços lhe cingia o corpo. Todo o sentimento dos dezoito

annos, vivaz como a natureza circumstante, havia acordado, ora tremulo e timido, ora affirmando a sua pujança nos impulsos mal refreidos. Longe ia a imagem de Marianninha, peregrina na vastidão daquelle mundo, apropriada sómente á vida do lar onde não se querem commoções vertiginosas, indomaveis, mas mor-nas como a familia, despertadas pela ternura, não pela paixão. Quem Lourenço sentia junto delle era a mulher ardente, de vigorosas fórmas, de inebriante contacto, mulher que o acompanharia ao coração dos sertões mais adustos, ás margens dos rios mais arrebatados, aos braços dos valles mais ingratos ou mais estreitos, emfim era a mulher que exigia a vida do deserto com todas as suas impressões mordentes, agudas e atrozes.

Mas— a physiologia humana é um enigma indeci-fravel— Bernardina, ordinariamente desembaraçada, guardou silencio. A sua mão esquerda tremia no corpo do cavalleiro. Este, impaciente, pegou-lhe da outra mão, e levou-a aos labios. Em vez de quente, estava resfriada, não pela temperatura, senão por sobresalto invencivel.

— Diga, Bernardina—instou elle. Você sabe que seus olhos sempre me renderam, que suas dansas e cantigas sempre me captivaram.

E porque, ainda com isto, a rapariga continuou te-nazmente calada, Lourenço accrescentou:

— Ora, deixe-se de vergonhas. Ninguem nos vê,

ninguém nos ouve; estamos sós neste deserto, e podemos fazer o que quizermos.

— Eu só me casava com você, Lourenço, si tivesse certeza de uma cousa.

— O que é ?

— Só me casava si você jurasse nunca mais voltarmos ao Cajueiro.

— Mas porque não havíamos de voltar ?

— Porque ? Pois você acha que eu teria cara para apparecer como sua mulher diante de minha mãe e de Marianninha ? Si jura que não havemos de voltar lá nunca mais, então sim.

No primeiro momento, Lourenço não soube o que dizer. Compreendeu e achou, além de naturaes, muito louvaveis os escrupulos da sua camarada de infancia. Desde pequeno na casa do pae, na de Victorino, nas vizinhanças o seu casamento com Marianninha considerava-se cousa assentada. Francisco affiançara muitas vezes que esta união havia de realizar-se.

Mas logo depois a paixão, fustigando-o com mais vehemencia, poz-lhe no espirito estas interrogações: Porque não havia de sujeitar-se á condição indicada pela moça ? Esta condição não estava tão concorde com o tempo ? Não ia elle fugindo para bem longe, sem saber quando poderia voltar ? Marianninha não ficara solteira, quasi certa de não ver realizados os seus sonhos ? Emfim, o que Bernardina propunha, não era quasi a realidade das cousas na actualidade ?

O juramento acudiu aos labios do rapaz. Si tomasse para a Parahyba, o Ceará ou Piauhy, quem saberia mais delles em Goyanna? E porque não havia de seguir para um desses logares estranhos e desconhecidos? Estava assim elle, como ella, na flôr da mocidade; ambos tinham grandes energias para o trabalho e a vida; metter-se-iam n'um retiro ignorado, onde gozariam a existencia satisfeitos.

O espirito, ou antes o animo de Lourenço oscillava entre estas idéas de um lado, e aquellas do outro, quando uma lembrança, rompendo como faisca electrica o nebuloso céu do seu cerebro, o fez empallidecer. Lembrou-se de Marcellina e Francisco, seus bons paes, tão ricos de meiguices para elle. Lembrou-se especialmente de Marcellina no momento da despedida, tendo as faces banhadas de lagrimas, rogando aos santos que o protegessem, rogando-lhé que não se esquecesse della, que esquecel-a era "matala", não porque precisasse do seu arrimo para viver, mas porque na sua ausencia, o coração 'della' ficava sangrando de saudades delle, e de sobrasalto pela sua conservação.

Sairam-lhé immediatamente dos labios estas palavras:

— A troco de semelhante cousa, Bernardina, já não quero aquillo que ha pouco tanto cubiçava. Deus me livre de não acompanhar minha mãe de perto, afim de a defender quando ella precisar de ter quem a defenda. Ella fez tanto por mim—você bem sabe—quando eu era pequeno; e estava no mau caminho; que a minha pri-

meira obrigação é dar por ella a vida, si tanto for preciso.

Ouvindo palavras tão consoladoras, Bernardina respirou livremente, e sentiu-se aliviada do grande peso que a opprimia.

— E pensa você muito bem, Lourenço, pensa muito bem. Era isto mesmo o que eu queria e esperava que você dissesse.

— Mas, observou o rapaz voltando ao estafado assumpto, que tem que vamos viver casados no Cajueiro, na mesma harmonia com todos?

— Está bom, está bom; vamos para adiante. Logo falaremos sobre o que você propõe.

Tinham elles descido o declive da planicie, e estavam perto do rio Tracunhaem. No logar onde iam, o rio apenas se dava a perceber pelo medonho fragor das aguas. Si não fôra este, ainda que por alli se notavam pedras espalhadas, ninguem diria que o tinha a poucos passos de distancia mais embaixo. Ficava encoberto por uma orla de arvores espessas, de cujos galhos caiam largos pannos de sambambaias a que um poeta chamaria barbas ou guedelhas daquelles monges seculares. De um e de outro lado appareciam pés de manacá de cujos ramos pareciam namorar a manhã as flôres ora rôxas, ora brancas que lhe matizavam a copa.

O cavallo deu alguns passos, e atravessando, por uma lamacenta trilha, a rustica paragem, achou-

quasi de repente á beira do Tracunhaem. Do embastido passara ao descampado.

Descobriram então os dois fugitivos na vasta margem, em sua maior parte alagada, tres sujeitos armados. Haviam elles passado o rio pouco antes, e estavam apertando as cilhas das sellas, e experimentando os lóros, como quem se aparelhava para apostar carreira. Do outro lado, seis *tangerinos*, tocavam para dentro da agua uma boiada, passante talvez de cem cabeças.

— Meu Deus! disse baixinho Bernardina, tomada de sobresalto, e buscando o mais possivel esconder o rosto por traz do corpo de Lourenço. Que homens serão esses?

— Si não me engano, Bernardina, vamos ter caldo derramado; quem alli está é Pedro de Lima, Manoel Hilario e Chico Andorinha. Mas você não esmoreça, que é peor.

A rapariga quasi cæe do cavallo abaixo, tamanho foi o terror que estas palavras lhe causaram; mas Lourenço, depois de lhe dirigir outras palavras de animação, seguiu para diante na marcha em que ia.

— Lourenço, pelo amor de Deus, voltemos.

O rapaz já não tinha ouvidos para rogativas. Todos os seus espiritos estavam concentrados em um ponto— o grupo dos malfeitores.

Logo que Pedro de Lima reconheceu Lourenço, voltou-se para os companheiros, e disse-lhes :

— Chegou a occasião de tirar uma desforra deste pé-rapado. Metto-lhe a peia, e tomo-lhe a camarada.

Assim falando, o cabra, que já sabia de quanto o almocreve era capaz, em vez de pegar da peia a que se referira, segurou o bacamarte, e examinou com attenção si a escorva estava enxuta.

A esse tempo achavam-se os inimigos a dez passos de distancia.

—Tire já o chapéu, e apeie-se para passar por baixo da barriga do meu cavallo, pé-rapado de bôrra — gritou o bandido, pondo as pernas ao cavallo, e indo esbarrar com violencia e arrogancia em frente de Lourenço.

A resposta não se demorou :

— Tu não sabes com quem estás falando, cabra ruim. Era preciso que eu me chamasse Pedro de Lima que já apanhou com uma bainha de parnahyba na cara, ou Manoel Gonçalves que já levou *Tunda* da mão de escravos no engenho *Cumbe*, para obrar esta acção de negro cambado.

Pedro de Lima não esperou por mais nada ; levantou com a mão direita o bacamarte até á altura dos peitos de Lourenço, e ameaçando-o com uma tabica que trazia na outra mão, replicou alvoroçado :

— Si queres morrer, patife, repete o que ahi diseste.

— Negro, eu te direi já com quem é que estás metido.

Firmando-se nas cordas da cangalha em que se estribava, Lourenço deu um salto para agarrar Pedro de Lima, e com a mão procurou tomar-lhe o bacamarte. A esse tempo um tiro soou, e o cardão, em que se empregara toda a carga da arma, do bandido, rolou por terra em sangue, estrebuxando.

Immediatamente Lourenço voltou-se, temendo que debaixo do cavallo agonisante ficasse Bernardina. Pôde então ver que um dos companheiros de Pedro de Lima tinha agarrado a rapariga pelos braços, e afastava-a do lugar da luta como quem queria pô-la a salvo de qualquer golpe perdido.

Quando encarou novamente Pedro de Lima, estava este desmontado, e tinha uma espada de ponta direita na mão. O bacamarte descarregado pendia-lhe a tiracollo, pela correia. A seu lado estava também armado com uma catana Manoel Hilario, mameluco reforçado, cuja cara por si só era uma provocação de metter medo. Ambos os malfeitores caíram immediatamente sobre o rapaz decididos a fazel-o em postas.

Pedro de Lima não era fraco, Manoel Hilario era assassino de profissão, Lourenço era a coragem e a força no mais alto grau. A vista dos outros, poder-se-ia dizer delle que era uma criança. As suas feições correctas e finas, a côr branca, que parecia indicar mais sentimento de paz e indole branda, a juventude, phase

da existencia em que se desconhecem ainda os recursos que a experiencia e o traquejo do mundo suggerem e aperfeiçoam, deviam tornal-o inferior na luta de vida e morte com os dois malvados, mais velhos que elle, mais experimentados, e inteiramente familiarizados com o sangue humano pelo assassinato. Quem os visse antes de travada a briga assombrosa, pouco daria pelo joven, tudo pelos maduros matadores ; mas em pouco tempo de assistencia e observação, cousa diversa selhe afiguraria ; porque a intrepidez, a temeridade, a energia muscular, a agilidade mais flexivel postas em acção por Lourenço lhe davam inquestionavel superioridade sobre os dois contendores, ainda que apostados a destruil-o e aniquilal-o.

Como conhecessem, logo nos primeiros golpes com que Lourenço respondeu aos delles, a sua incomparavel habilidade no manejo da arma branca, trataram de mettel-o entre elles dois; Lourenço, porém, alcançando a estrategia, encostou-se ao tronco de uma ingazeira, conseguindo, por este meio, impedir que qualquer delles o podesse atacar pelas costas, fito principal de Pedro Lima.

A luta prolongar-se-ia por mais tempo, si Chico Andorinha não corresse a augmentar a aggressão, fazendo frente a Lourenço, emquanto os outros dois bandidos o tomavam pelos lados. Andorinha amarrara Bernardina pelas mãos com um cabresto a um tronco para que não fugisse. Elle conhecia-a do rancho do Sipó,

sabia que com ella estava amaziado o Tunda-Cumbe, e para prestar serviço a este, por baixa adulação, resolvera leval-a á casa.

Em vão Bernardina estorcia-se e forcejava para romper a sua cadeia; em vão carpia, arrastando-se pelo chão, a sua desgraça extrema; em vão pedia soccorro, em altas vozes, rogando que não matassem Lourenço, e protestando a innocencia d'elle.

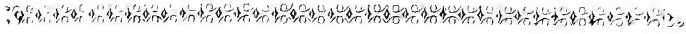
Desta tribulação veio arrancal-a um estrupido vasto, medonho, após um tiro que resoara na immensa solidão. A larga margem do rio estremeceu, com uma onda sonora no interior: os terremotos devem produzir o som cavernoso, que saiu naquelle instante do chão rudemente percutido. Quem não soubesse o que era, julgaria que um cataclysmo, revolvendo as entranhas da terra, ia abrir covas profundas, guellas tenebrosas que immediatamente se illuminariam, deixando passar fogo e lavas abrazadoras. O tiro tinha sido dado por Andorinha contra Lourenço; o ruido subterraneo não fôra produzido sinão pela corrida da boiada que arrancara da beira do rio, espancada pela detonação do tiro.

Foi então tudo confusão e borborinho. O facto de arrancar uma boiada é vulgar para os que conhecem a vida sertaneja; mas sempre infunde pavor, ainda nos que melhor sabem esta feição daquella vida. Quando uma boiada arranca, uma boiada de duzentas a tresentas cabeças, pouco depois de ter

deixado o pasto usual, isto é, quando está em quasi todo o vigor, e não tem ainda perdido, pelo cansaço, parte das forças ganhas na vida livre do sertão, não fica incolume e illeso o que encontra a sua frente. O chão arrasa-se, porque as moitas desaparecem, e os arbustos acamam-se torcidos ou quebrados sob os seus pés. Os espinheiros ficam lisos. Onde não havia nem uma trilha, nem uma aberta, mostram-se depois entradas novas, que o homem aproveita algumas vezes. As longas cortinas de cipós pendentes das folhagens das grandes arvores, esfrangalhadas, despedaçadas, ou deslocam-se das alturas donde as suas flores namoravam o sol e o azul ethereo, e vem alcatifar confusas e revolvidas o chão, ou, partidas ao meio, oscillam dalli em retalhos que resistiram á invasão das centenas de cabeças bicornes que, atravez desses floridos cortinados com que a natureza decora os tectos e as abobadas dos sombrios paços da espessura, abriram improvisa passagem, no desespero do panico bruto. Tudo leva de rojo a mole ambulante na disparada. A tempestade muitas vezes não produz tantos estragos, não muda tão promptamente os aspectos da solidão.

Bernardina cosera-se com o tronco da arvore, para não ficar debaixo dos pés dos bois. Quanto a Lourenço, os seus dias parecia estarem contados. O tiro cobardemente desfechado, ferira-o gravemente em um dos hombros. O facão fugiu-lhe da mão, as pernas cambalearam, o sangue envolveu-lhe o corpo em rubra

mortalha. Enfim, caindo quasi sem sentidos, sómente elle dentre os lutadores, ficou exposto a acabar sob o peso da vaga bravia que assolava a paragem, porque os outros, não tendo podido montar os cavallos que correram espavoridos, se haviam suspendido a galhos superiores de arvores proximas, e dahi aguardaram que passasse o vertiginoso soão.



Por alguns momentos ouviu-se, agora perto, depois mais longe, o rude bater dos chifres das rezes, uns contra os outros, o som soturno que despedia de si o chão violentamente contundido pelas patas daquelles animaes unidos, conchegados conforme sóem correr em semelhantes occasiões, o estalar dos ramos, o rechinar das folhas, o espadanar das lamas por onde iam elles rompendo, sem empate nem medida, no varjado esplendido.

Restabelecidos o silencio e a immobilidade do ermo, os assassinos desceram-se das arvores, em busca do ferido. Cobardes, faltara-lhes coragem para fazerem frente aos animaes alvoroçados e infrenes; tiveram-n'a, porém, de sobejo para correrem ao troneo de uma arvore que, com um galho baixo e curvo, sob o qual se metterá Lourenço, e que os bois na corrida haviam saltado, o protegera e salvara.

— Já conheceste para quanto presto, *cancelado*, molleirão, que só tons parolas o desaforos? disse Pedro de Lima, arrastando por uma perna Lourenço ao meio da trilha onde a lama quasi o afoga. Eu bom disse que este cabra não servia para nada.

E porque, atravez da mutilada camisa do rapaz tomado de mortal deliquio, lhe descobriu o cinto em torno da barriga, immediatamente o cortou, suppondo que trazia dinheiro. O que encontrou foi a luva de couro dentro da qual estava o papel de doação. Indignado por ter sido illudido em sua cobiça, ia cravar o facão no peito de Lourenço, quando sentiu o braço preso por uma vigorosa mão. Viu então ao seu lado um homem, calçado de botas, vestido de preto, com um chapéu do palha na cabeça; era o dono da boiada. Junto d'elle estava um dos tangerinos e um negro, quo minutos antes haviam passado o rio.

Logo que deu com os olhos no primeiro dos novos personagens, Pedro de Lima abrandou a raiva e a arrogancia, mostrando-se outro que ninguem diria ser o mesmo.

— Vosmecê me perdôe, seu João Matheus—disse, em tom respeitoso ao fazendeiro. Ha muito que eu tinha umas contas que ajustar com este pé-*rapado* que sempre foi muito confiado, e parecia não fazer caso de ninguem. O peor é que, cuidando que elle trazia algum *gimbo*, só encontrei no cinto magro este papel mettido num pedaço de couro velho. Parece

que é um *patud* para livrar de arma e de prisão ; mas o cabra não tem fé, que o *patud* não lhe valeu, e elle fica bem castigado.

Assim falando, Pedro de Lima passou o papel da doação ao fazendeiro que, como si vira nos caracteres ahi traçados, uma escriptura cabalística e maldita, deu um grito—mistura de espanto e consternação, volvendo rapidas vistas a Lourenço. Pedro de Lima e Manoel Hilario, a quem este gesto não escapara, puzeram os olhos em cima do fazendeiro, em ar de quem interrogava.

— E' uma oração.. Não, não é uma oração... São palavras diabolicas as que estão aqui escriptas, disse-lhes o fazendeiro. Si vosmecês soubessem ler, haviam de reconhecer que este papel tem coisas infernaes. Coitado de quem o trazia !

E com gesto nervoso despedaçou o papel, dando mostras de forte commoção que augmentava de instante a instante.

— Mas — acrescentou logo — que querem ainda vosmecês fazer deste infeliz ? Está moribundo, si ainda não morreu. Deixem-no commigo. « Não matarás » disse Deus, por bocca de Moysés aos Hebreus ; e esta sentença é hoje um dos primeiros preceitos da christandade. Quererão vosmecês ainda matar a quem já está quasi morto ?

O semblante do fazendeiro tinha adquirido feições tão particularmente severas e tristes, que não só os

dois assassinos, mas até o tangedor companheiro daquelle, se sentiram tomados de espanto.

Pedro de Lima não se demorou a responder:

—Eu não o quero mais matar. Ainda quando elle desta se levante, o que eu duvido, não teria eu mais para quem é tão mofo a minha arma, porque o ensino está dado. Só peço a vosmecê que me perdôe.

Teudo dito estas palavras, cortejou o dono da boiada como quem se despelia, e encaminhou-se para o fechado em busca do cavallo. Manoel Hilario acompanhou-o, silencioso e cabisbaixo.

Um quarto de legua distante do lugar onde se deu este encontro, via-se, dentro de um capão do mato que vinha morrer à beira do rio, uma casa de tacaniça, de aspecto quasi claustral que convidava ao repouso. A volta fôra roçado vasto espaço, destinado a pequena lavoura, e a criação de aves e animaes miudos. Entre a casa e o mato, do lado do sul, era um extenso curral de vaccas, e do lado do norte um curral de cabras. Logo á primeira vista, reconhecia-se que naquella situação agreste estava fundada uma fazendola de gado.

O dono desta propriedade era João Matheus, sujeito magro, de cabellos e barbas compridos, que, no meio das brenhas onde se concentrara, logar semi-barbaro, quasi inteiramente inacessivel á luz das lettras, levava grande parte do tempo a ler em seus livros.

Typo mysterioso e incomprehensível, cujo segredo ninguém penetrara. Não era casado, nem tinha família de especie alguma, com excepção de uma negrota, que lhe fazia a comida, uma negra idosa, que lhe lavava a roupa, e um negro de meia idade, que era o seu pagem e confidente.

Levantava-se logo cedo, chamava as aves, e com as proprias mãos dava-lhes a ração de milho ou de arroz. As gallinhas, os patos, os perús, os capotes depinicavam os carochos, escarvavam o chão, soltavam as suas toadas —umas baças, outras argentinas—alegres, domesticos, mansos, amigos do seu senhor em redor do qual se demoravam, como si, presos pela confiança, lhes custasse muito apartar-se de quem era tão bom para elles. João Matheus dirigia-se depois a um e outro curral, e passava as vistas por sobre as rezes ; algumas cabras que andavam soltas do lado de fóra, iam a seu encontro logo que o avistavam, e tomadas de familiar ternura, lambiam-lhes as pernas ou as mãos, na mesma doce entrega da amizade que para o fazendeiro tinha a criação.

Nos primeiros tempos que succederam á chegada de João Matheus, sumiram-se algumas cabeças de gado ; mas depois os ladrões começaram a excluir do numero das suas explorações a propriedade do velho, mudança que tinha natural explicação na caridade com que elle tratava aquella gente sem cultura, mas não sem o discernimento necessario para render homenagem

à virtude, especialmente si lhe devia gratidão. Os pobres, os viajeros, os doentes sem encosto encontravam em casa de João Matheus abrigo paternal e piedoso.

A sua fama, porque a fama dos bons homens vai a grandes distancias como vão os sons, invadira as cercanias, e impuzera aos que antes o defraudavam respeitosa affeição, que nos ultimos tempos se traduziu em estima de filhos para pai. Os proprios bandidos desenfreados não ousavam mais penetrar na fazenda do *Jatobá*, senão quando tinham de pedir com que matar as suas necessidades, nunca para se apossarem, como d'antes, do que lhes não pertencia. A qualquer hora do dia ou da noite, de verão ou de inverno, a porta da casa do *Jatobá* abria-se para dar agasalho a quem batia nella. Marianua—a negra, e Clara—a negrota inquiriam do hospede si precisava de alimentos ou de remedios ; os primeiros davam-lh'os ellas, os ultimos era o ancião quem os ministrava ; si o caso urgia, levantava-se elle, ainda que fosse fóra de horas, afim de acudir áquelle a quem os seus soccorros deviam offerecer allivio. E porque as molestias, que ordinariamente atacavam as pessoas do povo naquellas circumstancias, eram uma dor, umas maleitas, uma *malina*, quasi sempre a limitada sciencia pratica de João Matheus, e os remedios de que elle dispunha, bastavam a minorar sinão a extinguir o padecimento alheio.

Ao passo que cuidava tão paternalmente dos outros, não se descuidava inteiramente de si mesmo.

De tudo o que havia dentro das suas terras elle vendia a quem estava nas condições de o comprar; estas vendas, porém, eram feitas sem revelar minima cobiça, nem usura da parte delle. O ancião, que diziam ter vindo do centro do Ceará ou Piahy, comprara a fazenda do *Jatobá* nos começos da guerra. Recebendo-a muito estragada e empobrecida, dentro de um anno lhe déra augmento que a todos causava admiração. Quando alguém lhe dizia que o seu antecessor não prosperara porque, por preguiçoso ou desmazelado, não era para andar com semelhante ramo de vida, João Matheus acudia logo, refutando estes Descaridosos conceitos:

— A razão não é esta; a razão principal é porque elle tinha talvez grande familia, emquanto eu não tenho nenhuma; elle despendia talvez com incontáveis credores, doenças graves, ou largas fianças os pequenos rendimentos; eu, graças a Deus, não tenho sentido a unha ou o dente destes males que amofinam tantos pais de familia amantes dos seus, e dignos da consideração de todos. Não devemos fazer maus juizos dos outros, porque não ha réo que e não possa allegar a sua justificação ou as suas escusas.

A verdade, porém, é que João Matheus, que não possuia senão aquelles tres escravos, não sentia faltas, e parecia ir amoedando já alguns lucros de manso e manso. Era isto o que dizia o povo.

Certa manhã, poz-se a caminho para Goyanna com uma grande boiada que alli devia vender por bom

dinheiro. O vaqueiro Valentim ficara na fazenda ; com João Matheus, iam seis tangedores, entre os quaes um de nome Cypriano, rapaz de excellente coração, trabalhador e socegado. Depois que comprara a fazenda, era a primeira vez que arredava d'alli o pé o dono della. Quando chegaram á beira do rio, começavam a atravessar-o os tres malfeitores que sabemos.

Os tangedores tocaram os bois para a agua, e iam estes pelo meio do rio, quando souo o primeiro tiro, o que fôra disparado por Pedro de Lima ; e comquanto as boiadas não arranquem de dentro da agua, ficaram as rezes tão espantadas, que, com a detonação do segundo tiro, quando já estavam da outra banda, deitaram a correr. Quatro dos tangedores seguiram a boiada praticando esforços, gritando aos animaes, afim de os conterem ; dos outros dois, um—sabedor das proezas dos malvados—deixou-se ficar com o negro ao pé do fazendeiro, para o defender si fosse preciso ; o outro — Cypriano — condoendo-se de Bernardina, correrá a salva-la sem que o vissem os malfeitores. Quanto a João Matheus, resolvera ir em soccorro de Lourenço, parte fraca. Posto que o não conhecesse, a nobreza dos seus sentimentos suggeriu-lhe este procedimento ; e foi assim que se achou tão a ponto de livrar o moribundo da furia dos bandidos.

O fazendeiro tomou Lourenço nos braços com especial expressão de dó. De instante a instante escapavam-lhe dos labios palavras repassadas de magua e afflicção :

— Meu Deus! Meu Deus! Quem havia de dizer que seria este o seu destino? Está acabado. Sómente a misericórdia divina o poderá salvar.

Com o auxilio do tangedor e do negro, conduziu o enfermo para um logar mais alto aonde as aguas do rio não tinham podido chegar, e em pannos que trazia na maleta presa á garupa, tomou-lhe os golpes, e enxugou-lhe o sangue.

Alli esteve com elle emquanto o negro e o tangedor improvisavam uma balsa para transportal-os á outra margem. Emfim, antes do meio dia, Lourenço occupava o melhor aposento da casa da fazenda.

Por muitas horas esteve sem fala. João Matheus já sentia desamparal-o a ultima esperanza de salvar aquella vida, quando Lourenço, depois de um ai que lhe arrancara a dor dos ferimentos, perguntou :

— Bernardina? Onde está Bernardina?

— Estou aqui, Lourenço.

A rapariga estava, de facto, á cabeceira do moribundo. Cypriano podera salvá-a, mettendo-se pelo mato, por fugir aos bandidos, no momento em que estes falavam com João Matheus, tomando depois atalhos que lhe eram usuaes, descendo á margem do rio cêrca de um quarto de legua abaixo do logar do conflicto, atravessando as aguas, e emfim levando-a á fazenda onde presumia já estar o ferido.

Junto de Bernardina, João Matheus tinha as vistas presas em Lourenço. Um dos ferimentos era profundo

e mortal; requeria toda a attenção e cuidado. Por isso, aquelles dois entes, que parecia dedicarem igual affecto a o doente, não consentiam em deixal-o entregue sómente a si.

Por volta de meia noite, taciturno, pallido, os olhos encovados, João Matheus mandou que a rapariga o deixasse só com o enfermo. Ella obedeceu, levando os olhos cheios de lagrimas.

Na sala da frente havia um oratoriosinho com alguns santos. Estava aberto; um candieiro de metal esclarecia-o com sua luz amarellenta, quasi lugubre. Bernardina ajoelhou-se diante dos santos, e fez uma promessa a s. Sebastião, que se via preso a uma arvore, tendo o corpo frechado, segundo reza a chronica, por selvagens. Feita a promessa, a rapariga retirou-se, cheia de esperanza e fé, ao interior da casa.

Emquanto esta scena de piedade, que estava no espirito daquelles tempos, e ainda hoje se pratica no seio de muitas familias, se passava na sala, o fazendeiro, levado por identico sentimento religioso, propunha no quarto ao enfermo a confissão nestas palavras:

— Lourenço, poderás confessar-te?

Abrindo os olhos a custo, o matuto respondeu com voz pezarosa:

— Quem é que me ha de confessar?

— O que te pergunto—retorquiu o fazendeiro—é si podes cumprir este dever de todo bom christão.

— Posso e desejo, porque sei que desta não hei de escapar.

O fazendeiro levantou-se, puxou a porta do quarto contra si, deu volta á chave, e tomou por uma portinha que parecia estabelecer secreta communição com o aposento contiguo. Era neste que elle tinha em bom recado os seus livros e outros objectos que muito zelava. Ao cabo de alguns minutos estava de volta á alcova, e dizia ao enfermo :

— Lourenço, os teus desejos vão ser satisfeitos.

Lourenço abriu novamente os olhos. A sua cabeceira achava-se um padre com a vestimenta negra e talar. Procurando com as vistas, á luz do candieiro que alumia a alcova, o fazendeiro que acabara de falar-lhe, não o encontrou. Volvendo-as depois ao padre, e parecendo reconhecer nelle um antigo conhecido :

— Seu padre Antonio ! exclamou espantado.

— Tu me reconheces ? respondeu o fazendeiro, que não era outro sinão o padre Antonio de Mariz.

Lourenço, sem se poder dominar, tentou um esforço para levantar-se. Estendeu os braços como quem queria prender entre elles o sacerdote ; mas, faltando-lhe as forças, recaiu em mortal prostração, banhado de sangue.

O padre, porém, foi em seu auxilio. Inclinou-se sobre o enfermo, e pegando-lhe em uma das mãos, inquiriu brandamente :

— Que queres de mim, Lourenço ?

— Que quero ? tornou o moribundo. Quero agradecer a sua bondade, seu padre. Estou para morrer, mas ainda me lembro do que vosmecê me fez no Cajueiro, do ensino que me deu, e das terras e casa. . .

E como si estas palavras lhe avivassem uma lembrança obliterada inteiramente, procurou, ainda que com dificuldade, na cintura o cinto de algodão que sempre trazia comsigo.

— Os ladrões até me tiraram o papel. o papel que vosmecê, seu padre, deixou em mãos de minha mãe. Roubaram o meu papel. . .

— O teu papel agora, Lourenço, é o que cumpre a todo bom christão. Estou prompto a ouvir-te.

Terminada a confissão, o padre dirigiu estas palavras ao penitente:

— Si Deus se lembrar de ti, e te sarar, imponho-te que a ninguem reveles o meu segredo.

— Seu padre, a ninguem direi quem é vosmecê; mas meu coração estará a dizer-me, a todo instante, que vosmecê é seu padre Antonio, aquelle que me ensinou a ler, que me deu muitos conselhos, que ajudou meus pais a fazer de mim gente, que me deu a casa e as terras do Cajueiro, que tem sido para mim um segundo pai.

— Lourenço, o padre Antonio fugiu, e ninguem sabe onde elle se metteu. Quem está aqui, neste homem que vês, de barbas e cabellos compridos, magro, taciturno, mas conformado com a sua sorte, é o fazendeiro João Matheus. Estás ouvindo?

— Póde vosmecê descançar .

— Agora, pega-te com Deus, e repousa.

Desapparecendo na porta que dava para o aposento secreto , o padre foi dizendo comsigo estas palavras :

— Podes agora comparecer perante o supremo julgador dos homens . O teu dever de christão, e o meu de sacerdote estão cumpridos .

Lourenço, porém, não estava destinado a acabar obscuramente, no seio daquella solidão agreste de poucos conhecida . Dentro de algumas semanas, graças á solicitude do padre e de Bernardina, começou a sair da região da vida que parece pertencer aos dominios da morte, tão confuso e sombrio é o seu horizonte, tão longo o crepusculo, que ahi reina . As forças voltavam-lhe lentamente, por fios tenuissimos ao principio, por mais grossos canaes depois, que lhe traziam ao coração e ao cerebro a riqueza do seu antigo animo .

Uma manhã o padre, que penetrara a forte inclinação de Lourenço por Bernardina, levantou-se muito cedo, como de costume, e encaminhou-se ao curral das vaccas, onde encontrou já o Cypriano tirando leite . Immediatamente mandou chamar Bernardina para ajudar o vaqueiro no serviço .

Logo que chegou a rapariga, disse o padre a Cypriano :

— Dize-me cá uma coisa, Cypriano : que idade tens ?

— Vou fazer vinte e dois annos.

— E' uma idade casadoura, e não sei porque ainda estás solteiro.

— Como me hei de casar? O que eu ganho mal chega para mim e para minha mãe.

— Não seja esta a duvida. Tens-me prestado muitos serviços, e eu não desgosto de ti, porque és bom rapaz. Venho em teu auxilio. Procura uma rapariga que te agrade, que te darei gado e terras bastantes para principiares uma fazendola.

Cypriano, que nesse momento batia no ubre de uma vacca afim de chamar o leite, ergueu-se e poz os olhos no seu interlocutor, como quem perguntava si nas palavras proferidas estava uma promessa real e séria.

— E' o que te digo — retorquiu o padre. Procura uma consorte. Mas parece que em toda esta redondeza não encontrarás nenhuma. Verdade seja — proseguiu — que para este inconveniente teriamos um remedio ao pé de nós. Olha lá. Tu salvaste Bernardina das unhas dos bandidos, atravessaste com ella os matos e o Tracunhaem, expuzeste por ella a tua vida em terra e nas aguas, porque o Andorinha, tanto que deu pela falta, entrou a rastejar a fugitiva, para ver si a descobria. Ora, á vista de tanto risco que correste, de tanto esforço que puzeste em salvar esta menina, justo parece que ella sinta por ti, senão affeição, ao menos qualquer inclinação, que possa vir a ser no futuro um respeitavel amor conjugal. Que dizem vocês?

Não disseram uma palavra sequer o rapaz nem a rapariga.

O padre, porém, conheceu que as suas palavras tinham tido o effeito, que elle calculara.

— Não se vexem com isto — tornou. Pensem no futuro que lhes offereço, e que Deus ha de abençoar. Amanhã a esta hora e neste logar dar-me-ão a resposta.

E retirou-se, deixando Cypriano e Bernardina no trabalho de ordenhar as vaccas.

Tanto que o padre Antonio deu o andar, Bernardina disse, a meia voz:

— Não pensei que seu João Matheus me chamava para me fazer esta entrega.

Cypriano acudiu logo:

— Para que você diz isto, sinha Bernardina? Elle nos quer bem. Si não quizesse, elle não propunha este negocio.

— Mas elle sabe si eu quero casar com você?

— Elle não sabe, nem eu sei. Mas a intenção é tão boa para você como para mim. Lá o você não querer casar commigo, é outro caso.

— Pois eu não quero casar com você, não, seu Cypriano, disse Bernardina com disfarce.

Cypriano não respondeu.

E porque tinham acabado o serviço, cada um se encaminhou para a casa com sua panella cheia de leite.

Logo depois, encontrando-se o vaqueiro com

Bernardina, junto do chiqueiro das cabras, disse-lhe estas palavras:

— Pense no que faz, sinha Bernardina. Olho que amanhã bem cedo tem de dar a resposta a seu João Matheus.

— Eu já sei que resposta hei de dar

— Qual é ?

— Que quer saber ?

— Quero, sim, porque tenho meu interesse ali também.

— Pois amanhã saberá, e talvez o seu interesse tenha a sorte de ovo gôro.

E fugiu para dentro da casa. Mas antes de anoitecer de todo, teve ella de ir ao poleiro a buscar uma gallinha para Lourenço ; e quando se aproximava do girão onde as gallinhas dormiam, viu tomando chegada, um vulto que veio parar junto della. Era Cypriano, que, segundo indicavam as apparencias, não pensara em outro assumpto durante o dia, senão no casamento, e andava rondando a rapariga.

— Então, sinha Bernardina, que decide você ? perguntou elle, pegando, de surpresa, da mão da filha de Victorino.

A rapariga estava triste. Em logar da natural vivacidade, que não perdiam nos mais arriscados transes, tinham seus olhos uma expressão de magua intima. Em seu espirito operara-se uma revolução, cruel e

devastadora. O padre Antonio chamara-a depois do almoço, e tivera com ella uma larga conferencia.

— Menina, dissera elle, seja qual fôr o favor que a sorte lhe tenha guardado no futuro, não se pôde duvidar que o seu casamento com um rapaz de bons sentimentos, e de costumes ainda melhores, fôra a maior felicidade, e você não a devera recusar. Você não conhece Cypriano, mas eu dou testemunho das suas excellentes qualidades. Em toda esta redondeza não ha nenhum que possa hobrear com elle na diligencia, no trabalho, e no bom coração. Não é de hoje que eu o tenho ao meu serviço. Emfim, basta que eu lhe diga que, si Cypriano não fosse digno da minha benevolencia, eu não lhe daria o que prometti. E o que mais deseja você, minha filha? Melhor marido posso quasi assegurar-lhe que em vão procurará no mundo. Demais, minha filha, você teve a desgraça de lhe haverem roubado o unico thesouro que traz como dote a filha do pobre. Aceite portanto a minha proposta. Si Cypriano a quizer para mulher, não enjeite a felicidade.

O vaqueiro não era mal parecido. Bernardina sentia até por elle inclinações vagas, que, si não fossem as condições que a ligavam a Lourenço naquelle momento, poderiam ter-se convertido talvez em amor. Quando o vaqueiro cortou com a sua faca de campo a corda que lhe apertava os pulsos, e a prendia ao tronco da arvore, ella sentiu-se tão grata ao moço por esta

acção, filha da sua coragem e da sua caridade, que não teve expressões para manifestar exactamente quanto ficara captiva delle.

Arrancando-a, para que assim ó digamos, das mãos do perverso, elle não a livrara sómente do Tunda-Cumbe cujo despotismo já não podia soffrer ; elle seguira com ella através de matos, atravessara aguas impetuosas, e sem o menor indicio de a querer aviltar, trouxera-a respeitosamente até á casa da fazenda. Por muito menos tem-se visto accender-se paixões immortaes; e tudo leva a suppor que no coração da matuta alguma dessas sublimes paixões teria origem, si não se interpuzesse entre o vaqueiro e ella o vulto de Lourenço. Este vulto era sympathico á menina por mais de um motivo. Ella conhecia Lourenço desde a sua infancia, e votava-lhe affeição fraternal quando foi roubada pelo Tunda-Cumbe.

O sentimento fraternal não era comtudo o que ella aninhara no coração depois que Lourenço, revelando a sua paixão, dera mostras de lhe dedicar especial affecto. A rapariga pouco e pouco habituara-se a querer bem ao rapaz de modo differente. Em sua longa enfermidade esse bem augmentara. A dor aproxima as almas irmãs. Ella soffria com o soffrimento da victima.

Ao principio escrupulizara amar Lourenço. « Lourenço pertence a Marianninha », dissera-lhe a consciencia em sua linguagem muda, mas imperiosa. Mas

depois, com os cuidados que se julgava obrigada a prestar, e de feito prestara ao rapaz em sua longa doença, a voz intima fôra pouco a pouco abafada pelo sentimento nascente; e este resultado chegara a tal ponto que o sentimento avultara, setornara força quasi invencivel, e a consciencia, posto que nunca inteiramente vencida, transigira por ultimo.

O amor contrariado torna-se indagador e discutidor. Bernardina antes de responder ao fazendeiro, pensara no caso.

— Que interesse tem seu João Matheus em me ver casada com Cypriano? Elle não é seu filho, não é seu irmão, não é seu parente, não é nada seu, d'onde vem este empenho? Eu bem estou vendo que o casamento não é máo, e até não desgosto de Cypriano, que não é feio, é trabalhador, e tem o genio muito brando. Tambem estou vendo que a minha pouca sorte, entregando-me a seu Tunda-Cumbe, augmentou a minha desgraça. Mas quem sabe si assim como fui desgraçada com Tunda-Cumbe não poderei vir a ser feliz com outro homem, que não seja Cypriano? O melhor é dizer a verdade a seu João Matheus, já que elle não comprehendeu ainda que eu gosto de Lourenço e Lourenço gosta de mim. O melhor é dizer-lhe que eu quero bem a Lourenço, e que só com elle me casarei.

De accôrdo com esta ordem de idéas, a rapariga deu ao padre Antonio a resposta seguinte:

— Eu não quero casar-me aqui. Lourenço quando

me tirou do rancho do Sipó, foi para me levar para a companhia de minha mãe. Si estou aqui, é porque tivemos a desgraça de encontrar-nos com os malvados que nos quizeram matar, e a Lourenço deixaram por morto. Esta é a verdade que estou dizendo a vosmecê. Agora si eu me quizesse casar, então seria com Lourenço, que me conhece, e que é meu conhecido desde menino.

O padre, que não contava com esta resposta, poz olhos penetrantes em Bernardina, como quem queria ler todo o passado em seu semblante. Ignorando o como compromisso que Francisco tomara para com Marianninha, ficou suppondo, por estas palavras de Bernardina, que esse amor que elle tratava de extinguir, tinha as suas raizes nos corações dos dois jovens desde os seus primeiros annos. A supposição fel-o por momentos considerar mais difficil, do que ao principio lhe parecera, impedir o consorcio ; mas, tirando argumentos do que acontecera á rapariga, retorquiui:

—Quaesquer que forem as relações que liguem você a Lourenço, minha filha, o seu casamento com elle me parece altamente inconveniente, para não dizer impossivel. Eu tenho amplo conhecimento da vida de Lourenço. Si, pela parte que Lourenço tem tomado pela nobreza, já lhe é muito arriscado, não obstante ser solteiro, viver em Goyanna, agora, que elle foi tirar a menina do poder do feroz chefe dos bandoleiros do norte, a sua estada lá, tendo em sua companhia

a menina, seria a mais directa provocação á vingança desse chefe, e, pelo estado actual das cousas, Lourenço seria irremissivelmente vencido. O homem que a levasse em sua companhia para Goyanna, expôr-se-ia a morrer. Você, voltando á casa de sua mãe, póde ter desde já a certeza de ser novamente tirada por Tunda-Cumbe. Sómente longe dos logares, onde esse bandoleiro do mina despoticamente, poderá ter alguma tranquillida de. Ora, estas paragens estão nesse caso ; mas Lourenço está impossibilitado de procurar abrigo nellas porque a sua familia, as suas amizades, os seus benzinhos lá é que se acham, e póde-se dizer que de lá não podem ser deslocados. Seja, pois, cordata, e não engeite a felicidade que se lhe offerece ; Cypriano é de um natural muito estimavel, eu conheço-o de ha muito, e folgaria de o ter casado aqui, ao pé de mim. Deixe Lourenço seguir o seu destino. Seus pais já não são crianças ; mais dia menos dia, hão de precisar dos serviços e amparo do filho. Estou informado de que a mãe e a irmã da menina vivem com a mãe de Lourenço ; é portanto de presumir que ellas, a quem roubou o unico protector aquelle que a você roubou a honra, participem da protecção que Lourenço tem para a mãe. Dê você uma prova de benevolencia para sua mãe e sua irmã, não sendo causa, quando por outra razão não seja, ao menos em attenção ao bem estar de ambas, para que se aparte da companhia dellas aquelle de quem hoje tudo esperam .

Estas palavras exprimiam tão exactamente a verdade, que Bernardina não teve que retorquir ao padre, em resposta. Inclinou a cabeça, cravou as vistas no chão, e d'alli a pouco as lagrimas começaram a apontar-lhe nos olhos.

— Não chore, minha filha — disse o padre Antonio. Você ficará morando aqui ao pé de mim. Do que eu comer, vocês hão de comer também. Servir-me-ão de companhia neste deserto, e eu guial-os-ei na vida, cujos caminhos são tão difíceis e enredados. Em Deus fio que havemos de ter aqui a tranquillidade de espirito, e paz do Senhor, que em vão se buscaria nessas terras, que o vento da anarchia tem revolvido, e continúa a revolver.

O padre, como si considerasse vencida a difficuldade do lado de Bernardina, encaminhou-se para o quarto onde estava Lourenço ; era preciso destruir alli outro obstaculo, porventura mais forte que o primeiro. Mas, sem desanimar, antes fortificado com a victoria ganha, elle tinha quasi por certo que igual victoria ganharia. Reflectiu alguns instantes em silencio antes de penetrar no aposento do enfermo.

Lourenço estava sentado na cama, quando o padre entrou.

Pensava precisamente em Bernardina, em quem o seu espirito andava absorvido.

Tinha terminado a primeira refeição, e ficara encostado á parede, os olhos voltados para a natureza que,

pela janella, nesse momento aberta, se lhe mostrava fresca, esplendida e magnificente.

— Ha quantos dias estou na cama? perguntou elle ao padre.

— Ha talvez umas cinco semanas.

— Estou doudo por me levantar. Tenho muitas saudades da minha vida do campo.

— E dos teus não te lembras?

— De minha mãe me lembro a toda a hora. Não vá ella cuidar que já morri por ahi além.

— E é natural que não seja outra a sua idéa.

— Coitada. Quantas lagrimas não terá derramado por mim!

— Não te amofines por isso. Vejo-te quasi são; em breve has de levantar-te. Tanto que poderes montar a cavallo, bom será que não retardes a tua volta. Deves encurtar a afflicção da pobresinha e das outras que com ella vivem hoje.

— E' verdade. Sinha Joaquina e Marianinha hão de pensar tambem muito em mim.

— Mas a estas terás uma boa nova que levar. Quando souberem que Bernardina está viva, e fica amparada... E' verdade: devo dizer-te que Bernardina, que parecia estar condemnada a trazer os olhos sempre inclinados para o chão pela sua desgraça, dentro em pouco tempo será digna de entrar em qualquer casa de familia sem sentir o sangue subir-lhe às faces, ou

sem o fazer subir ás faces das donzellas e das damas honradas.

— Que quer dizer com isso, seu padre? inquiriu o rapaz, inquieto e como espantado.

— Bernardina casará dentro de algum tempo com Cypriano.

— Bernardina ! exclamou Lourenço violentamente, como si lhe tivesse caído junto um raio. Pois Bernardina vai casar-se?

— Não te commovas tanto, meu filho. Condoendo-me da infeliz rapariga, procurei-lhe essa união, que Deus ha de abençoar.

— E foi vosmecê, seu padre, quem lhe arranjou esse casamento ? !

— De que te admiras ? Cuidei que esta noticia, em vez de te causar escandalo, fosse origem de muita satisfação para ti. Cypriano tem uma parte nestas terras, e tantas cabeças de gado quantas forem bastantes para situar ao lado desta, outra fazenda. Pareceu-me, Lourenço, que nenhum outro partido tão favoravel se poderia offerecer a essa menina, de quem a sorte tem feito juguete.

— E Bernardina, seu padre, e Bernardina casa-se por gosto ?

— E porque não se ha de casar por gosto ? Em que parte acharia ella tão bom marido ? Em Goyanna, onde conhecem o seu infortunio, e onde não pizará sem

expor a mil perigos a sua vida e a do homem que a levar em sua companhia?

— Meu Deus, meu Deus! como as coisas se arman! exclamou Lourenço, profundamente abalado. Eu cuidei que Bernardina.

Lourenço não pôde acabar.

A luz fugiu-lhe dos olhos. A razão perdeu-se-lhe em um mar de conjecturas. Caiu sem sentidos sobre o leito.

Correndo a soccorrel-o, o padre Antonio dizia, a meia voz, como quem respondia a uma interrogação ou exprobração íntima:

— Antes quero vel-o morto, do que ligado a uma mulher que o não mereça.

direito de chorar, direito vulgar que pertence a todos, até aos que não têm direito nenhum.

Era, ao menos, assim a que em Goyanna, quando na fazenda do *Jatobá* se passavam os acontecimentos que sabemos, invadiu, com surpresa dos moradores, o engenho Bujary, onde haviam feito estada a afflicção e o luto, desde que alli se teve noticia do fallecimento do sargento-mór.

Acompanhado da fêz do foro venal, parcial, ou vingativo, o official publico, incumbido da execução, não chegou á sala da casa trazendo a compostura, ainda que severa, da imagem da lei ; chegou alli, precedido por insultadores canalhas, quadrilheiros afeitos a conspurcar a modesta magestade das familias desamparadas, e a assenhorear-se do que nos lares desprotegidos encontravam agradavel a sua vil cobiça, chegou alli trazendo carranca e esgares pavorosos, pelos quaes se podia afferir a sua brandura, ou antes, a sua intenção. Bastará dizer que faziam parte do sequito o Tunda-Cumbe e o Pedro de Lima, nunca assaz execrados bandidos do rancho do Sipó.

Os insultos ignobeis, as zombarias torpes não tiveram força para vencer o espirito da joven viuva. Em vez de se abater com esta face da sua adversidade, colheu ella novos alentos da aspereza do transe, primeiro tão rude por que passava.

Dois escravos, unicos que no engenho restavam da avultada fabrica, inveja de muitos vizinhos, e que,

vendo aproximar-se o bando, tentaram a fuga, quasi pagam com a vida esta dedicação á senhora de engenho. Animaes, moveis, joias, tudo quanto representava qualquer valor, foi irremissivelmente sequestrado. O sargento-mór, embora fallecido, estava indiciado em crime de primeira cabeça ; todos os seus haveres deviam ser confiscados para a corôa, nos termos da tenebrosa Ord. do Liv. 5.º Era isto o que dizia o executor, era isto o que repetiam, vociferando irados, os sequazes, dignos daquella legislação de sangue e rapina, que os tempos justificavam, mas não ennobreciam.

Logo que recebeu a intimação para despejar o sobrado, d. Damiana, voltando-se ao santuario, que ainda se via em cima de uma meza, poz os olhos na imagem da sua devoção, e, traíndo a amargura que lhe ia na alma, disse:

— Para onde hei de ir, Virgem da Conceição ?

Uma resposta amiga não se fez esperar :

— Para minha casa, sinha d. Damiana, para minha casinha, que ha de ter muita honra em recebê-la.

A senhora de engenho, enternecida, caiu nos braços de Marcellina.

— Bem sei—proseguiu a cabocla—que ella, á vista deste palacio, não merece nem que vosmecê volte para ella os olhos ; está na mesma esteira dos mucambos dos negros fugidos... Mas terá lá uma escrava para olhar por vosmecê, e dar-lhe agua para os pés.

— Havemos de ver—disse um dos da multidão—
havemos de ver até quando durará este amparo reles.

— Ha de durar até quando vosmecês quizerem—respondeu, sem titubear, a cabocla. Eu sei que nada do que é meu me pertence contra a vontade de vosmecês.

— Marcellina, por piedade, cala-te—disse d. Damiana, receiando-se de roubarem aquelle mesmo cantinho obscuro onde podia repousar a cabeça, depois de haver chorado livremente os seus males.

— Pois, já que tem onde se mettam, ponham-se no andar da estrada sem demora. Tudo o que está aqui, pertence a el-rei, tirado antes o que deve caber aos credores do nobre senhor fallecido.

Era, em termos ironicos, a intimação para que saíssem as duas mulheres.

D. Damiana ergueu-se immediatamente. As roupas negras, realçando-lhe a pallidez do rosto, davam-lhe aspecto senhoril em que ainda falava a altivez de outr'ora.

Relanceou os olhos por sobre os moveis que decoravam a sala, e dos quaes ella ia apartar-se para sempre.

Dando as suas vistas, no rapido percurso, com o oratorio, pousaram ahi um momento, e dos labios lhe saíram, sem que as vistas se afastassem, estas palavras:

— E as minhas imagens tambem me são arrancadas das mãos?

— Tudo o que existe no engenho, de porteiras para dentro, pertence á côroa, respondeu o official que dirigia a execução judicial. De tudo o que os rebeldes deixam, as suas viúvas somente herdão a mã fama.

— Vamos, Marcellina, disse d. Damiana, com decisão, voltando-se á cabocla.

E encaminhou-se à porta, por entre a turba, que, sem intenção, se abriu, afim de lhe dar passagem. Por algum tempo aquelles homens, ordinariamente bulhentos, não tiveram uma palavra das suas grosseiras e banaes chacotas com que menoscabarem a solemnidade de tão afflictivo momento.

Chegando em baixo, Marcellina disse á senhora de engenho :

— Si podessemos tirar um cavallo da estrebaria. Daqui ao Cajueiro é longe para vosmecê, sinha d. Damiana. Como é que ha de romper tanta distancia a pé?

—Vamos assim mesmo, Marcellina. Nem elles nos deixariam tirar qualquer cavallo, nem os cavallos me pertencem mais. Vamos a pé. Havemos de chegar lá, ainda que seja com a noite, ou a madrugada. Demais, o Cajueiro não é tão longe, como dizes. Daqui a uma hora, quando muito, estaremos lá.

A vida de d. Damiana no Cajueiro, ao principio passada de amarguras quasi incomportaveis, foi perdendo pouco a pouco os travos des primeiros tempos. Não se demorou a resignação, devida em grande parte ás

consolações ministradas por Marcellina, que fazia tudo por adivinhar os pensamentos da sua nobre hospeda.

Uma vez, depois de certa fineza, a viuva falou nestes termos à cabocla :

— Marcellina, tu não nasceste para viver na pobreza ; tu devias ser muito rica, e viver em palacio, tão nobre és nas tuas acções.

— Quer vosmocê que lhe diga uma coisa, sinha d. Damiana ? Dentro das casas de palha, na gente pobre encontra-se muito bom coração.

Era a voz do povo que se erguia, sem floreios, em linguagem trivial, para responder à voz da nobreza vencida, mas não convencida.

A historia da alludida fineza conta-se em poucas palavras.

Dois dias depois de estar no Cajueiro a viuva de João da Cunha, travou com ella a mulher de Francisco o seguinte dialogo :

— Eu sei—disse Marcellina—que vosmecê não passa bem aqui. A casinha é pequena, e não é digna.

— Muda de conversa—respondeu-lhe d. Damiana. Que é que me falta ? Vim até encontrar aqui a tranquillidade e consolação que haviam fugido da casa grande.

— Vosmecê me perdoe, mas eu bem vejo as coisas. Por sua honra, vosmecê diz que está muito bem ; mas pela minha, tambem eu hei de dizer o que conheço.

— Estou muito bem, sim.

—Pois si está bem, pôde ficar melhor ; e isto é o que eu quero dizer. Vosmecê pôde mudar de casa, sem ir para muito longe ; ficará tão perto daqui que, chamando por mim, eu daqui mesmo ouvirei a sua voz.

—Como ha de ser isso então ?

—Eu estive pensando hontem de noite, e achei o que queria. Lembrei-me que tenho em meu poder a chave da casa de seu padre Antonio, que fica alli, do outro lado da estrada. E' uma casinha bonita, limpinha e bôa. Vosmecê sabe melhor do que eu que ella foi dada a seu padre por seu sargento-mór.

— E está sem morador ?

— Está, sim, senhora. Na vespera de fazer a viagem, que ninguem sabe para onde foi, seu padre Antonio disse-me estas palavras que nunca mais hei de esquecer : « Como é possível que no logar para onde vou, tenha de entregar a alma a Deus, peço-te Marcelina, que olhes por tudo o que é meu, a minha casa, a minha criação, as minhas plantaçõesinhas de que levo tantas saudades. » A estas palavras accrescentou elle estas outras : « Si eu morrer por lá mesmo, pôdem vocês dispor de tudo o que lhes entrego ; sejam meus herdeiros ; mas, emquanto não tiverem certeza do meu acabamentoo, tratem de minha casa como bons vizinhos e amigos. » Eu não tenho certeza de seu padre ter morrido, e Deus queira que elle tenha ainda muitos annos de vida, e muito breve esteja de volta ao Cajueiro a que deu tantos augmentos com a sua

presença ; mas, enquanto elle não chega, si a casa ha de estar enchendo-se de aranhas e de ratos, não é melhor que esteja servindo a quem já foi dono della e das terras onde ella está, e que já morou e ainda ha de morar em ricos palacios ?

D. Damiana achou caminho na proposta, e aceitou-a com reconhecimento. E para que tudo saísse á feição, uma preta idosa, muito pegada com a viuva, e que fugira para o matto, por certo desgosto no engenho, vindo a saber as condições em que estava a senhora, appareceu no Cajueiro logo depois da mudança desta para alli, onde aquella ficou. Com a nova companhia d. Damiana passou-se para a casa do padre, continuando Joaquina e Marianninha a morar junto de Marcellina na palhoça que fôra levantada entre a lagôa e a casa queimada.

Estavam as coisas neste pé quando uma noite, por volta de oito horas, d. Damiana, ainda não recolhida ao seu quarto, sentiu ruido de pisadas por perto da casa. Tinham-lhe dito que, sabedora de estar com ella occultamente a escrava Felicia, a autoridade viria tiral-a ás escondidas do seu poder, afim de adjudical-a, como os outros bens, á corôa. Novos dissabores e novas inquietações para a infeliz viuva.

Era aquelle o unico bemzinho de que estava de posse ; era todo o seu haver. E porque na actualidade os serviços da escrava valiam pelo de cem escravos para a senhora de engenho, a idéa de lh'a tirarem trazia-a sobresaltada e agoniada.

Por isso, ouvindo as pisadas já ao pé da casa, correu à cozinha em busca de Felicia. Esta não se achava alli, e a porta que dava para fóra estava aberta.

Tomada de exaltação momentanea, sem medir a gravidade do passo, a senhora de engenho ganhou o terreiro, resoluta a disputar a preza ao roubador que, valendo-se das trevas e do ermo, viéra, com emboscada, despojal-a do ultimo possuido.

Junto da porta estava, de pé, um homem, que parecia indagar, com as vistas, cautelosamente, si havia alguem dentro. Vendo-o só, a viuva, como si cobrara novos animos, encaminhou-se apressadamente até onde elle estava, e falou-lhe com vehemencia nervosa :

— Senhor, quero a minha escrava, quero a minha escrava. E' o unico bem que me resta ; todos os mais levaram em nome de el-rei ; mas ella, não consentirei que a levem. Preciso de uma escrava para o meu serviço. A justiça deve estar satisfeita com a prata, os brilhantes, os moveis, os bens de raiz e até os santos de que me privou quando eu delles mais necessitava para minha consolação. Faça de conta que Felicia já não existe, ou anda fugida. A unica supplica que faço à justiça de Goyanna é que me deixe a minha negra.

Estas palavras foram um raio de luz no espirito do desconhecido, que, a modo de espantado e confuso, nenhuma palavra dirigira ainda á agoniada senhora. Em logar de afastar-se, correu para ella como quem queria tomal-a nos braços.

Este gesto atemorizou a viuva, que só então pareceu medir o alcance da sua temeridade.

Faltou-lhe inteiramente a coragem para sustentar o seu papel. Quiz correr, mas entrara tanto pelo terreiro, que, quando com os olhos buscou a porta da casa viu, entre esta e ella o desconhecido que se adiantara, e se aproximava cada vez mais, fazendo menção de a querer cingir com os braços.

— Não corra, não corra de mim, sinha d. Damiana.

Foi tarde. Temor panico tomára a gentil senhora, e após o temor viera o deliquio. Si o desconhecido a não amparasse, si a não sustentasse contra o peito, ella daria com o corpo em terra, tamanha fôra a exaltação, que lhe esgotara os poucos alentos deixados pelas adversidades recentes.

O desconhecido era Lourenço. Acabava de chegar da fazenda do *Jatobá*. Deixara o cavallo preso pelas redeas no fundo do sitio, e viera, pé ante pé, cauteloso, para não ser visto, afim de atravessar incolume a estrada e ganhar o lado opposto. Contando com o sitio deshabitado, tomara por elle para maior segurança; mas, vendo aberta a porta da cozinha, e presentindo morador dentro da casa, por curiosidade ficara a espiar, quando sahiu d. Damiana, que de modo nenhum o podera reconhecer, não só porque estava longe de o suppor tão perto della, mas tambem porque era de noite, comquanto esclarecida

por tibio luar, e especialmente porque estava Lourenço trajado muito diversamente do costume, pois trazia chapéu de palha fina, burjaca preta, calças de ganga, botas de polimento, onde retiniam esporas de prata: n'uma palavra, Lourenço não era mais o matuto chão, descalço e vulgar como quando fugira de Bujary para não cair nas unhas do Tunda-Cumbe.

Toda esta transformação, como bem se comprehende, era devida ao padre Antonio que, na hora da partida, brindára o filho com aquelle fato novo, o cavallo mais forte que tinha, o sellim e arreios do seu uso, alguns trajos caseiros que chegavam exactamente no rapaz, e um cartucho de moedas de prata, não sem recomendar-lhe primeiro que fosse tratando de se apresentar mais dignamente para que tivesse a consideração dos homens de bem ; que deixasse a vida errante, e se empregasse em trabalhos estaveis ; que fugisse de bate-barbas com quer que fosse ; emfim que se dêsse a respeito para que qualquer malfeitor não se julgasse no caso de lhe fazer o que os tres malvados haviam praticado com elle semanas antes.

— Si tu não andasses com mulheres dos outros na garupa, não havia de acontecer o que te aconteceu.

Por ultimo disse-lhe o padre Antonio:

— Até aqui tenho sómente tratado de ti; quero agora dar-te umas instrucções que se ligam com o meu interesse. Ainda uma vez te encommendo, Lourenço, que a ninguem, excepto Marcellina, te succeda declarar o

verdadeiro nome do dono d'esta fazenda. Não quero fazer juizos temerarios; mas uma voz intima, talvez a voz de Satanaz, está a dizer-me que, si os frades de Goyanna forem sabedores da minha estada nestas paragens, são capazes de mandar tirar o restante da minha inoffensiva existencia, sómente porque não consenti em prestar-me a auxiliar-os nos seus planos de iniquidade e feroz vingança. Sê prudente e cauteloso. Não tenho grande apego á vida, Lourenço ; mas não desejo que ella me seja tirada por outrem ninguem sinão por aquelle que me achou merecedor de guardar este pesado deposito.

Ainda não de todo restabelecido, Lourenço deixara a fazenda por não poder vencer o desgosto de ver Bernardina casar-se com o Cypriano.

— Está em minhas mãos—dissera elle mais de uma vez—impedir este casamento, que tanto desgosto me tem dado ; era só eu querer ; tomava a rapariga outra vez na garupa, e abalava para este mundo que não tem fim. Mas o muito que devo a seu padre Antonio que foi quem me arranjou tamanha desgraça, prende-me tanto as mãos que eu não posso ser bom em nada.

Bernardina, acommettida de grave enfermidade, ficara em cima de uma cama, ás portas da morte.



A chegada de Lourenço foi uma festa, uma primavera para todos no Cajueiro ; não foi somente uma festa, foi principalmente uma resurreição, uma evocação que reviveu illusões e esperanças mortas, porque elle já era tido alli por perdido para sempre, à vista da sua longa ausencia e do silencio tumular que havia crescido em torno do seu nome.

Passados alguns dias depois da abortada tentativa de tomada de presos, começaram a mostrar-se no Cajueiro, umas vezes á boca da noite, outras ao raiar do dia, nunca em hora certa, sujeitos estranhos de suspeitas cataduras, que alguns vizinhos diziam ser do rancho do Sipó. Mais de uma vez Marcellina havia sorprendido um ou outro rondando-lhe a casa, como quem espiava a vida dos moradores. De uma feita um delles, com todo o desplante, encarando a matuta, perguntou-lhe :

— Que novas me dá você de seu filho, que ha muito ninguem lhe põe os olhos em cima? Pois ora agora occasião de apparecer quem andava por estas beiradas arrotando tanta valentia.

— Eu ia perguntar mesmo a vosmecê — tornou a cabocla — o fim que lhe haviam dado; porque não sei onde elle pára. De todo o mal que aconteça ao rapaz, eu só tenho que me queixar de vosmocês, porque sem razão juraram dar-lhe fim, desde aquella matinada que os homens fizeram para soltar seu Cosme Cavalcanti. Começaram a espalhar que Lourenço tinha sido o autor da tragedia, e quasi que o matam.

— E quem foi sinão elle que metteu os outros na dança? Não foi outro. Você deve saber de tudo, e agora põe-se de fóra, como quem não sabe como se arranjou a historia. Eu só queria ainda encontral-o com vida. E si fosse hoje, que estou com os meus *calundis*, você e elle haviam de ver o bonito.

— Vosmecê não tem razão; o rapaz não é máo.

— Elle sempre foi muito máusinho, não por você mas pelos bofes que trouxe do Pasmado. Pelo gosto de você elle não fazia muita coisa que não era para elle fazer, porque elle não é nada; mas é que elle já lhe tomou o folego, e não leva mais você em conta.

— O que eu sei é que vosmecês deram fim a meu filho; só me parece que nunca mais o tornarei a ver.

Ditas estas palavras, Marcellina poz-se a chorar,

emquanto o espião, como si se commovera, ou vencera, nenhuma lhe voltou em resposta, e deu logo o andar.

Posteriormente espalhou-se em Goyanna que o rapaz tinha morrido. Pedro de Lima dizia a quem queria ouvir, jactando-se da sua proeza, que havia deixado por morto o filho de Francisco á beira do Tracunhaem, por occasião de encontral-o, vindo elle Pedro de Lima entender-se com o Tunda-Cumbe sobre certa diligencia de muita circumstancia.

Ocioso será dizer quanto esta triste nova enlutou as mulheres que por tantos laços, cada qual mais estreito, se achavam ligadas ao joven almocreve. Marcellina, comquanto acostuada a receber más noticias desde que Francisco se ausentara, e que Lourenço dera em fazer frequentes jornadas para fôra; Marcellina que muitas vezes, quando alguém vinha dizer-lhe que seu filho estava preso, que o marido era morto, tinha esta resposta invariavel « Tempo de guerra, mentira como terra », desta vez não pôde suster as lagrimas por muitos dias; e quanto mais tempo se passava, mais crescia aos seus olhos a certeza daquella infausta nova, que o testemunho pessoal de Pedro de Lima e dos dois companheiros, verificado por pessoas serias, viera confirmar em termos que não admittiam replica.

Foi nestas condições que Lourenço resurgiu inesperadamente, vivo, forte, e até mais bonito de feições.

A longa estada à sombra, pela enfermidade, o posteriormente pela convalescença, dera occasião a que as suas formas se desenvolvessem e augmentassem, se lhe afinasse e clareasse a pelle, ennegrecesse o cabello, apontasse a barba. Essas fôrmas, já varonis, adquiriram um novo dom — a gentileza; os olhos, já cheios de brilho, receberam de desconhecido centro de luz novos raios em que se deixava conhecer o reflexo de paixões impacientes. A expressão dessas espheras luminosas, que graciosamente se moviam entre pestanas finas e bastas, era banhada em aureas vivacidades, com uns longes de lampejos lacteos, que um pintor poderia copiar para primor das suas estampas. Demais, — e era talvez esta circumstancia exterior o que mais affirmava a differença — no trajar, Lourenço já não era o almocreve *tu*, desasseiado, e grosseiro; as novas roupas em que appareceu mettido, davam-lhe o aspecto que distingue os homens de boa procedencia e educação. Poucos mezes bastaram para o affecto do pai transformar o filho.

No outro dia pela manhã, reunidos todos na casa occupada por d. Damiana, Lourenço deu mostras de não ter mudado do seu sentimento para Francisco, assim como tinha mudado de fôrmas e trajo.

— Eu vim sómente dizer-lhes, advertiu elle, que não morri, porque nem eu posso ficar por muito tempo aqui á vista de todos, nem, ainda que pudesse, ficaria, antes de saber noticias de meu pai. Eu sempre cuidei que elle já estivesse de volta; mas uma vez que

ainda não veio, uma vez que está sabe Deus onde, devo ir ver si o encontro, vivo ou morto.

— Filho abençoado, tornou-lhe Marcellina, era isto mesmo o que eu te queria dizer. Vai, e não voltes sem trazer Francisco adiante de ti. Não me digas nem por graça que elle morreu, porque assim como tu tornaste cada vez mais bonito, quando todos aqui diziam, e até eu cuidava que já não existias, assim Francisco ha de tornar tambem, gordo, forte e mais moço, que Deus não ha de permittir que meu marido, tão bom, morra por ahi além sem ter quem, na hora da morte, lhe chame pelo nome de Jesus.

Nada, porém, ficou assentado quanto ao dia da partida. Lourenço disse que se sentia cansado da longa jornada; d. Damiana, que ficara muito abalada do susto e commoção por que passara na noite precedente, pediu tempo para escrever, com a devida pausa e meditação, uma carta minuciosa que Lourenço devia entregar a Amador, unico parente que, comquanto preso, a podia actualmente valer e socorrer.

Um ponto negro, que se mostrara logo no horizonte illuminado pela presença do rapaz, começou a avultar de hora em hora — a idéa do perigo que elle correria, si se deixasse ficar no Cajueiro, emquanto não seguia para o Recife. Aos olhos de Marcellina, prudente e prevenida, já começavam a apparecer a cada canto os vultos suspeitos, os espiões sinistros que tempos atraz haviam tido as vistas sobre a palhoça,

ameaçando devassal-a e esmerillal-a, cantinho por cantinho, na intenção de descobrir quem havia incorrido no odio dos mascastes pela sua dedicação aos nobres. Marcellina tinha o coração nas mãos, de sobresaltada e temerosa que andava. Ainda não haviam decorrido vinte e quatro horas depois da chegada de Lourenço, e já a solicitude da cabocla, estremecendo pela segurança delle, não sabia onde o resguardar de emboscadas e delações inimigas.

— Tu não podes ficar aqui por muito tempo, Lourenço. Vê lá como te avens.

Depois de reflectir por alguns momentos, Lourenço, dando mostras de ter achado a melhor solução, tranquillizou os espiritos com estas palavras:

— Não se importem commigo. Os cabras não hão de lamber-me. Tenho um logar que ninguem suspeita, e para mim é o melhor que eu podia encontrar. Irei dormir lá todas as noites; e até de dia, estando eu lá, não ha quem seja capaz de descobrir onde estou.

Passou-se o dia sem coisa de maior. Quando o sol desapareceu por traz da mata do Bujary, deixando cair sobre a estrada as primeiras sombras da tarde, o rapaz, armado com faca e pistola — uma pistola que encontrara em casa do padre Antonio — despedindo-se das mulheres, tomou pelos fundos do sitio do mesmo padre, e alcançou a mata. Logo adiante deu com o cavallo dentro do fechado onde o deixara todo o dia. Em vez de o cavalgar, foi levando-o por um cabresto,

com grande difficuldade, porque não podia dar um passo sem lhe ser preciso antes abrir caminho atravez de folhagens e cipós emmaranhados, que faziam rêdes e tapagens de differentes fórmas.

Depois de andar um bom pedaço pelo mato a dentro, parou para se orientar. Tinha o espirito confuso. Perdêra-se no labyrintho, e não sabia onde estava. Com o rigoroso inverno, as antigas veredas haviam desaparecido, e em logar dellas, e onde suppunha encontral-as, o que achou foram arvores novas, cujos galhos se entrelaçavam, fazendo, com os longos fios e as miudas folhas dos cipós largos pannos que o seu braço por fim já se sentia cansado de mutilar e romper. A cada passo ouvia o sibilar de cascaveis, ouvia os suspeitos ruidos da massa enorme da selva que se não affronta impunemente.

— Por onde ando eu, meu Deus? disse, começando a apoderar-se de inquietação. Estou perdido. Já nada vejo. Escureceu de todo mais cedo do que eu cuidava. Agora não ha outro remedio senão ficar aqui mesmo.

Quando estava neste soliloquio, ouviu, não longe do ponto onde parara, rumor de cavalgada e vozes. Deu mais alguns passos para a frente, e pôde reconhecer, por entre as sombras da noite, que estava, não no seio da mata, como julgara, mas à beira do cercado do engenho Bujary. Obra de cinquenta braças na frente delle passava a estrada, e pouco adiante se

deixava ver, como uma grande lage, escavada e negra, a casa grande do engenho.

— Ora, meu Deus! Como vim ter aqui?

Ficou um momento em silencio, observando o logar, combinando as idéas, buscando uma resolução.

Não tardou muito que lhe ocorreu um pensamento singular, e, na realidade, original—o de ir pernoitar na propria casa do engenho, que, com quanto sequestrada com os demais bens do defunto, nenhum destino se lhe havia dado ainda.

— E' e não é arriscado dormir lá—disse Lourenço como si praticasse comsigo mesmo. Quem é que ha de pensar que eu vou dormir no engenho? Ainda que soubessem que eu já estou em Goyanna, ninguem havia de me julgar com a coragem de ir recolher-me na casa grande, quanto mais não havendo quem saiba que eu cheguei. Em vez de arriscado, eu acho até que é o logar mais seguro que posso encontrar por aqui para estar. Nunca ninguem ha de lá ir em minha procura.

Lourenço quebrou as varas do cercado, para que o cavallo pudesse passar, e, logo que lhe pareceu estar longe a cavalgada, atravessando a estrada, tomou para a casa grande.

Chegando ahi, estranhou quasi tudo o que viu. Nada ha que desfigure tanto os logares destinados a habitação do homem como deixal-os por algum tempo sem habitador, porque tomam conta delles outros habitantes de diversa natureza, tomam conta delles os

matos, os musgos, as parietarias, os bichos peçonhentos: a situação demuda-se: as paredes amarellecem, ou ennegrecem: aqui escalvam-se, acolá embuçam-se nessa vegetação parasita que estende os seus dominios mais depressa pelas regiões onde pisou o pé, ou pousou a mão humana, do que nas regiões virgens em que plantas mais fortes e avultadas não lhe dão logar a invasão.

A' roda da casa nascera um jerohebal espesso, em cujo fechado poderia esconder-se não um só homem, mas muitos homens; dentro d'elle, em caso de aperto, ainda mesmo de dia, Lourenço poderia occultar-se com o cavallo, sem receio de ser descoberto, a não haver suspeita ou denuncia que determinassem busca minuciosa.

O seu primeiro passo foi para a estrebaria.

— Ponho ahi o meu cavallo, e deito-me perto d'elle. Uma noite depressa se passa.

Assim fez. A porta da estrebaria estava encostada, mas não trancada. A invernada tinha esburacado as paredes do lado do norte, e pelos buracos penetrava no interior a escassa luz da lua nova, que mal deixava distinguir os objectos, dando-lhes feições que infundiam pavor.

Lourenço poz o cavallo a comer na longa mangedoura deserta um pouco de milho que trouxera do Cajueiro, e estendeu-se sobre uma taboa velha, junto da porta.

— O ladrão que entrar aqui, ha de primeiro pizar em mim, antes de pegar o cavallo.

Tentou dormir, mas não pôde. As sombras do aposento destinado a animaes, e não a homens, lançavam-lhe vagos temores no espirito. De um e outro lado ouvia silvo de cobras. Pesados sapos saltavam-lhe por cima do corpo, augmentando a intensidade das impressões desagradaveis. O mau cheiro das emanações deletérias que se desprendiam de restos de materias corruptas por tantos mezes retidas naquello pequeno espaço, onde o ar não girava livremente, começaram a produzir no hospede tonturas e nauseas, que o determinaram a mudar de pouso.

Pensou então em pernoitar no sobrado. Mas havia de deixar o cavallo sem defesa? Ainda si a estrebaria pudesse trancar-se..

Levando a mão à porta, deu ahi com a chave na fechadura.

— Ora bem! disse com satisfação. Fechada a porta, já não será tão facil furtarem o animal. Qualquer barulho me despertará, e em dois saltos estarei cá embaixo.

Lourenço deu volta á chave, que tirou. A porta era segura. Não a podiam pôr dentro com duas razões.

Rodeou a casa, não sem as devidas cautelas, e, vencida a escada de tijolo, parou á porta da entrada, entre as tres janellas da direita, e as outras tres da esquerda, que davam ao sobrado o aspecto de um convento. Pela entrada principal não podia abrir

caminho, visto que estava trancada; mas, como com a força das chuvas, ou da ventania fôra aberta a primeira janella da direita, para a qual não erà difficil passar do peitoril de pedra e cal com que terminava o longo panno de parede que ladeava a escada, sem esforço pôde elle alcançar o batente, e saltar dentro.

A sala, onde se achava, era a destinada ás mulheres. Penetrando ahi, sentiu-se tomado de instinctivo respeito, porque poucas vezes em vida do sargento-mór tivera occasião de chegar até o aristocratico aposento de d. Damiana, e sempre que nelle entrava, era seguido de todos os escrupulos que a nobreza e a representação da gentil senhora impunham aos que mais ou menos dependiam da sua casa.

A admiração do rapaz foi ainda maior quando notou que a mobilia nova, comprada por João da Cunha para occupar o logar da que fôra arremessada de cima ao pateo do engenho e ahi entregue ás chammas pelo bando do Tunda-Cumbe dois annos antes, estava no mesmo logar em que a vira pela ultima vez. O santuario, o estrado, o bofete de d. Damiana faziam nascer a illusão de morar ella ainda na sua casa, longe de qualquer constrangimento, e ainda menos penuria. O sequestro parecia não haver tido sinão um fim — o de humilhar a viuva e o nome do orgulhoso membro da nobreza.

Bem depressa porém outras foram as impressões.

A luz do luar, alongando-se pela sala em fôrma de

um vasto lençol da largura da janella, mostrou-lhe a porta da alcova aberta, e lá dentro um vulto de grandes dimensões que apparecia, como uma larga mancha escura, no fundo da parede. Era a cama do casal ausente, do casal que nunca mais se havia de ajuntar allí, cama altaneira, ao paladar do tempo, para a qual se subia por degrãos. Estava nua, mas tinha o estrado em ser.

Lourenço parou defronte della ; contemplou-a por instantes ; chegou a commover-se. Aquella armazão parecia-se mais com uma eça, do que com o tecto de um leito onde a tranquillidade e o repouso deveram ter dado momentos de suave satisfação. Os bons tempos tinham passado por cima daquella arvore de felicidade, tinham-lhe levado os adornos e elegancia filhos das posses e condição dos conjuges, e tinham-lhe deixado os ramos nús, sêccos e desgraciosos. Representava o arcabouço da passada existencia, outr'ora vestido de lençaria, sedas e damascos, agora mal coberto por tecidos de outra especie — os que fabricavam no escuro e no silencio as aranhas, essas industriaes dos bairros despovoados. Era a imagem viva do casal já desfeito em parte pela morte. Figurava a viuva reduzida a extrema pobreza, desataviada, recolhida, em escuro canto e condição. Tudo o que fôra *grandeza* e soberba desaparecera com o finado consorte.

Logo que se desvaneceu esta primeira impressão, que não podia durar muito, porque o momento não era

para reflexões philosophicas, nem o cerebro do rapaz comportava larga meditação, occorreu-lhe a idéa de passar a noite na propria cama diante da qual se achava.

Mas agora eis que lhe surgem novos escrupulos no curto espirito ; nova luta vem ahi travar-se: vem o respeito pueril dizer-lhe que não devia occupar o logar que pertencera a tão nobres e respeitaveis pessoas. Pareceu-lhe que o vulto do sargento-mór surgiria diante d'elle, com a usual arrogancia, para tomar-lhe satisfação da sua ousadia.

— Deitar-me na cama de seu sargento-mór! advertia elle dentro em si mesmo. Dormirei em outro logar, naquelle estrado, ou naquelle canapé.

Antes de se decidir por qualquer dos moveis indicados, chegou-se á janella para ver si havia alguma novidade da banda de fóra. Era tudo silencio e immobildade. Abaixando a cabeça para o lado da cavalariça, e prestando attenção como quem escutava, pareceu-lhe ouvir longe, longe, o estalido do milho quebrado pelos fortes molares do cavallo. A lua estava no horizonte, e mal esclarecia a paragem com a sua luz enfraquecida. A cabo de pouco mais, a escuridão dentro do sobrado seria completa.

Lourenço voltou-se então para a alcova, e ganhou resolutamente a cama.

Por um phenomeno physiologico, que os sensualistas ou os materialistas talvez expliquem facilmente,

em logar do vulto do sargento-mór, o que surgiu na fantasia do rapaz, foi a imagem da viuva, conjuncto de perfeições humanas. Deitar-se na mesma cama onde ella se deitava, afigurou-se-lhe o mesmo que ter a gentil viuva a seu lado. A intimidade com um objecto de pessoa que consideramos acima de nós, parece dar-nos a intimidade com o proprio dono delle: abate as barreiras, enche os abysmos que nos separavam.

Illusão ou phenomeno natural, Lourenço sentiu-se immediatamente outro. Accenderam-se-lhe as paixões, determinando-lhe estremecimentos nervosos. Offegava, como si a imagem da formosa mulher fôra uma realidade, e esta alli estivera com a vida, o calor, a suavidade da pelle, a voluptuosidade do amplexo e do osculo, produzindo nelle a excitação, ou antes estimulando-lhe as suffocantes ambições da carne. Lourenço pensou em tudo o que a natureza põe nas fórmulas da mulher bella para adoçar no homem, por instantes, as agruras deixadas pelo trabalho, que é a sua lei fatal, pela inveja dos outros homens, pelas injustiças da sociedade, enfim pelas miserias da communhão exterior, que, si em certos casos protege e ampara, em outros gela crenças veneraveis, destróe incentivos nobres, desnortéa e avilta affectos que devia encaminhar e ajudar a subir, bafeja ruins paixões que desenvolve indirectamente, communica a bons corações o virus da sua perfidia, ensina máos caminhos pelo seu exemplo,

planta a semente do egoismo onde havia o germen da generosidade natural.

A illusão; casando-se com a lembrança, poz na fantasia do rapaz um quadro completo. Elle reviu, porventura mais vivamente, a scena em que representara vinte e quatro horas antes, perto da casa do padre Antonio, com a orgulhosa senhora de engenho. Sentiu novamente nos braços, desta vez com melhor consciencia, porque em lugar do inesperado de então, tinha agora o conhecimento previo e a sensação anticipada, sentiu o doce contacto do corpo de d. Damiana, inteiramente entregue ao seu corpo. A precipitação com que atravessara a estrada e fôra bater, sobresaltado e afflicto, á porta da palhoça onde já dormia Marcellina, não lhe tinha dado, além disso, occasião para bem apreciar os attractivos daquella que carregara, em desmaio. Esses attractivos desenhavam-se agora, no fundo sombrio do quarto, como si fôra em illuminada tela; e elle via-os distinctamente, um por um, cada qual mais encantador, ou fossem os grandes olhos ternos que ella puzera nelle quando tornou a si, ou fossem os espessos cabellos negros que pelos hombros se lhe espalharam, ora cobrindo, ora descobrindo o collo anhelante, ou fossem as mãos afiladas, aristocraticas, frias em que elle pegara tremulo e commovido, ou fosse, sobre todos os outros attractivos, o corpo, nem muito pobre nem muito rico de carnes, mas muitissimo gracioso, pelas

curvas brandas, pela flexibilidade comparavel à das hastes das plantas novas que, ao mais leve toque da viração, se inclinam, e tornam logo à sua natural attitude.

Lourenço viu tudo isto, ora vagamente, ora permanentemente, sem poder ter diante dos olhos outra visão.

Não dormiu um só instante, posto houvesse levado a noite neste sonho fantastico e ideal.

Quando menos pensava, a primeira claridade do dia penetrou na camara.

Passara toda a noite lidando com a viuva do sargento-mór, no dormir mais original que ainda tivera na vida.

porque elles têm força, porque os seus musculos, os seus nervos, o seu cerebro ainda têm vigor para muitos annos, para muito tempo, e os annos e os tempos mudam as circumstancias, matam inimigos, fazem surgir amigos novos, fazem apparecer outros merecimentos, criam novas recommendações, restabelecem o imperio da justiça, que é a lei em virtude da qual cada um deve adquirir aquillo que vale?

D. Damiana era um poço de desgostos. De uma alta representação na villa onde nascera, caiu na planície da pobreza, afundou-se na obscuridade. A's sedas e aos brilhantes substituíram-se-lhe joias e roupas da viuvez. Os sorrisos que sóiam entreabrir-lhe os labios quando, para commemorar datas distinctas, se reunia em sua casa a primeira nobreza do lugar, haviam desaparecido sob as lagrimas silenciosas e longas, que lhe desciam agora pelas faces cobertas de mortal palidez. E' facil imaginar o desgosto, que lhe acarretara a subita transformação.

Mas uma joia, um thesouro havia ficado com ella, por não lh'ó poder arrebatár a morte do marido, a ausencia dos parentes, as injurias da plebe amotinada e capitaneada pelos inimigos da nobreza, o sequestro, a rapida mudança de uma existencia talvez de fasto para uma existencia que estava ao nivel das que sustenta a caridade particular; essa joia, esse thesouro eram os seus vinte e tres annos; era a saude; era a musculatura nova; eram as carnes rijas, o sangue puro, o

coração sem lesão, a massa encephalica forte, funcionando regular e plenamente.

Para quem está em semelhantes condições, a resignação não tarda, e a resignação em casos taes é o resurgir das esperanças um instante submersas no mar dos contratempos. D. Damiana conformou-se. As fadas amigas, nas quaes se acreditava então, praticando com ella, em mysterioso e secreto dialecto, tiuham lançado no seu espirito estas idéas : — Pensarás que o mundo se acabou para ti, com a morte de teu marido, com a perda dos teus bens? Enganaste. Tens belleza, e estás na flor da vida. Si choras hoje, amanhã poderás ter nos labios sorrisos novos, mais louções talvez que os que perdeste. Si estás agora na miseria, poderás d'aqui a pouco voltar á abundancia, e reergueres o sceptro que te caiu da mão.

D. Damiana acreditou nestas vozes lisongeiras, que não eram vozes de fadas, porque as fadas, como anjos, ou diabos, ou quaesquer influencias de semelhante natureza, nunca existiram senão nas superstições dos tempos ignaros que precederam os nossos, mas, sim, eram a linguagem natural da consciencia, enriquecida e esclarecida pela observação e pelo conhecimento da vida.

Por singular coincidencia, que não é, todavia, difficil explicar, não ouviu ella estas advertencias intimas senão depois de ter visto Lourenço. Não era elle o testemunho vivo e irrecusavel dessa

verdade? De pobre e humilde, que fora, não se ia tornando pouco a pouco outro, quer quanto ás suas posses, quer quanto á sua condição? Não havia achado um protector,—o fazendeiro desconhecido, que talvez fosse seu pai, visto que tinha para elle extremos de affecto e liberalidade pouco commum? Esse desconhecido não poderia dar-lhe mais tarde tudo o que era seu, e definitivamente afiançar a sua completa independencia? Assim como por uma volta inesperada, a sorte se tornara propicia para quem dantes rastejava no pó dos caminhos, porque somente para ella Damiana havia de ser implacavel e immudavel? Não era possivel que dentro de pouco tempo outra revolução rebentasse contra o governador Machado, a exemplo do que succedera ao seu antecessor, Sebastião de Castro Caldas?

« — Quem me diz—ponderava consigo a viuva — quem me diz que de posse novamente dos meus bens, hoje no poder da justiça ou de terceiros, não se me deparará outro marido, que me levante da humildade em que ora jazo?

Absorta nesta ordem de idéas, por entre as quaes o vulto do rapaz se mostrava na vaga recordação da scena do terreiro, estava d. Damiana sentada á porta do sitio, com as vistas embebidas no laranjal verde e florido que o sombreava, quando presentiu que se avizinhava alguem. Voltando os olhos, deu com Lourenço, que vinha chegando do engenho.

Vaga impressão de satisfação sentiu a viuva, descobrindo o rapaz. Durante a noite, sem que ella o quizesse, pensara mais de uma vez nelle. Fôra triste a sua principal idéa. Temia que lhe acontecesse qualquer desastre. Si o prendessem, o que seria della e das outras mulheres ?

O seu semblante, talvez por isto, talvez por nascente interesse que a ia prendendo ao rapaz, traiu o prazer intimo que a vista delle produzira nella. Quanto a Lourenço, trazia no rosto uns longes de pallidez, nos olhos brilho humido e a modo de amortecido, que lhe não eram usuaes.

— Bom dia, sinha d. Damiana—disse elle à viuva.

Esta, sem se poder dominar, já tinha dito antes:

— Graças a Deus, que te vejo, Lourenço.

— Porque diz vosmecê esta palavra ?

— Porque. . . porque estes tempos estão crús. A gente deita-se livre, e acorda na prisão.

— Teriam andado por aqui em busca de mim ?

— Não, porque não sabem talvez que estás no Cajuero. Mas a idéa de que andam nas tuas pizadas, não me deixa o espirito. A cada canto parece-me ver inimigos e perseguidores.

Lourenço mostrou-se satisfeito com estas palavras, que accusavam da parte da viuva solicitude para elle.

E, como sem consciencia, tornou irresistivelmente:

— Eu tambem levei toda a noite pensando em sinha d. Damiana.

— Cuidavas, talvez, que me dariam na casa, que viriam fazer-me novos insultos.

— Cuidei em tanta coisa, que nem vosmecê sabe. Cuidei em tanta coisa, em tanta coisa, meu Deus !..

De repente, acrescentou :

— Vou ver minha mãe como amanheceu. Vou dizer-lhe que os cabras me deixaram em paz por esta noite.

A primeira pessoa que o rapaz viu sentada à porta da palhoça, com os olhos na direcção d'onde elle ia, foi Marianninha. Pouco depois appareceu Marcellina.

— Deitei-me com o credo na bocca, Lourenço. Deus te abençõe. Deixa-me tomar um folego bem comprido, que levei toda a noite com um peso no coração.

Marianninha disse sómente que não era bom Lourenço andar pelas bandas da casa do padre Antonio, porque os mascates que deviam ter os olhos na negra de d. Damiana, podiam vel-o, e prendel-o. Marcellina achou razão no que dizia Marianninha; mas Lourenço dissipou estes receios, observando que quando tivessem de cercar a casa, haviam de vir de noite, e não aquellas horas.

Na manhã seguinte, voltando Lourenço do sobrado, foi sabedor de uma novidade que o abalou : a casa onde residia d. Damiana tinha sido cercada de noite, e haviam arrancado de dentro a negra Felicia.

Para ostentação do pouco caso realizou-se a diligencia a luz de fachos, e com grande acompanhamento; e para melhor fundamento desta publicidade, haviam

feito correr antes voz de fama que naquella casa estavam acoutados, além da negra, todos os escravos que tinham fugido para o mato, logo que a estrella do sargento-mór empallidecera.

Os esbirros varejaram todos os cantos e recantos, não só da casa principal, mas também de todas as palhoças da redondeza. Na de Marcellina a busca foi miuda e paciente.

O troço—já se sabe, mas devo repetil-o, ainda com o risco de me tornar enfadonho—era composto, em sua maior parte, da ralé que formava o esquadrão do Tunda-Cumbe. Informado de se planejar aquella diligencia, tinham vindo expressamente do rancho do Sipó, a pôrem por obra as suas maldades, esses vagabundos organizados em um corpo numeroso, que chegava aos pontos mais importantes da vasta região das matas, isto é daquella região onde se mostravam sitúdos os duzentos e cincoenta engenhos que se contavam então em Pernambuco. Tristes e lastimosos tempos eram estes, em que « a vil e pifia canalha vagabunda tinha permissão de entrar pelas fazendas e moradas destituidas do poder, que as defendesse, a descompol-as, e roubal-as, como por officio, sem respeito á nobreza de seus donos, nem ao decóro das venerandas matronas, nellas assistentes sem armas, sem forças e sem soccorro algum que as amparasse. » (*) Medonhos tempos em que

(*) *Memor. hist. de Pern.*

« mettidos os nobres pelos matos, suas mulheres, suas filhas e familias em triste desamparo, o Camarão e o Tunda-Cumbe roubavam nas campanhas, matando cada qual por sua parte bois, vaccas e criações, e corriam e revolviam os interiores mais reconditos das casas principaes de Pernambuco, sem cortezia nem respeito às suas donas. » (*)

D. Damiana mal pôde resistir ao golpe de lhe tirarem a escrava. Tinha visto, cheia de coragem, ir-se toda a sua fortuna ; mas aquelle pequeno resto, que era quasi metade da sua existencia, attento o estado em que se achava posta, não pôde vel-o desapparecer do seu poder, sem cair de cama.

O desacato, comquanto previsto, e a tristeza em que encontrou a senhora de engenho, suggeriram a Lourenço um pensamento que se deu pressa em realizar. A escrava foi logo arrematada por um senhor de engenho d'alli perto. Com elle entendeu-se Lourenço; e com o dinheiro que lhe dera o padre, e uma pouca das economias destinadas por Marcellina a compra de um sitio, recomprou a Felicia. E' inutil dizer a satisfação de d. Damiana, ao ver entrar novamente em casa a sua escrava de estimação.

— Obrigada, obrigada, Lourenço, disse, sentindo algumas lagrimas humedecer-lhe os olhos. Restituiste-me uma parte da minha tranquillidade, do meu socego.

(*) *Mem. hist. de Pern.*

Este acto foi origem de novas alterações no Cajueiro. Marianninha, que notara grande frieza no rapaz, sentiu augmentarem-se as suas suspeitas e ciumes.

Uma manhã, voltando Lourenço da casa do engenho, onde continuava a pernoitar, porque mais do que nunca se receiava de ciladas, viu na beira da estrada, no ponto que ficava justamente fronteiro á casa de d. Damiana, uma mulher sentada. Era a filha de Joaquina.

— Que está fazendo aqui, Marianninha ?

Por unica resposta, disse-lhe a rapariga :

— Olhe, Lourenço. Ha muito que tenho tenção de lhe dizer os meus sentimentos. Você é muito ingrato para mim.

— Marianninha, você parece que não está em seu juizo desde que cheguei.

— E' verdade que não estou. Vivo triste, sem gosto de nada. Desde que essa mulher veio morar aqui, foi-se embora a minha esperanza. Vejo tudo côr de carvão.

— Que mulher ?

— Que mulher ! Faça-se desentendido. Você bem sabe a quem é que me quero referir.

— Tenha juizo, Marianninha. Você está offendendo com suas palavras uma dona que não é qualquer. Você está dizendo coisas á tôa.

— Estou dizendo o que meu peito sente.

— Mas eu é que não estou para ouvir coisas que não devo. Que tenho eu com o que seu peito sente ?

A rapariga inclinou a cabeça. Não teve outra resposta senão o silencio e as lagrimas.

— Não chore, tornou-lhe o rapaz. Não sei o que querem dizer estas lagrimas.

Esta fingida e calculada ignorancia de Lourenço, irritando os melindres da matutiinha, deu-lhe animo para retorquir, com a cabeça erguida, em attitude de quem exprobrava:

— Querem dizer que a sua ingratidão atravessa o meu coração como faca de matador. Bernardina, desgraçada no principio, vai ter um marido, vai ter sua casa; eu sou mais desgraçada do que ella, porque estou vendo roubarem aquelle que me pertencia.

— Eu nunca lhe pertenci, Marianninha.

Dizendo isto, com mãos modos, deu o andar, deixando a rapariga sem pinga de sangue nas faces, porque todo elle lhe refluira ao coração pela impressão nervosa.

No dia seguinte, Lourenço não a encontrou alli; mas, no outro, ella lá estava quando elle atravessou a estrada, mais tarde do que costumava.

Logo que seus olhos deram na filha de Joaquina, Lourenço encaminhou-se directamente para ella, e, com modos ainda mais rudes do que os da outra vez, falou-lhe nestes termos:

— Marianninha, não faça mais isto, não faça. Devo-lhe alguma coisa, para você ficar aqui a minha espera?

— Não me deve nada, mas quero vir vel-o.

Visivelmente contrariado, tornou-lhe Lourenço:

— Não estou para semelhantes impertinencias. Não quero que me espiem, nem é bonito você ficar aqui, á beira da estrada, onde passa tanta gente.

Mas ella respondeu-lhe com brandura que quasi o enternece:

— Não se zangue, Lourenço. Eu não lhe mereço ingratições, o que eu lhe mereço são outros sentimentos. Nós podíamos ser tão felizes.

— Felizes? Você é que está na obrigação de procurar a felicidade para mim, ou sou eu mesmo que a devo buscar?

— Não se zangue, Lourenço — repetiu ella. O que eu defendo não é a sua, é a minha felicidade, que me querem tirar. Eu a tinha no coração; mas isto não valeu de nada. D'ahi mesmo a estão arrancando.

Passando adiante, Lourenço deixou-a ainda mais chorosa que no outro dia.

No momento em que a rapariga voltava á sua palhoça, Joaquina procurava-a na de Marcellina.

— Já não é esta a primeira vez que Marianninha me deixa só, e vai metter-se não sei onde. A rapariga anda tão triste, que tenho medo de alguma coisa.

— Não adivinha você o que isto é? inquiriu Marcellina.

— Que será?

— Vontade de casar-se.

— Não duvido.

— Marianninha não se esquece de Lourenço.

— Lourenço é uma grande pessoa. Si eu visse miulha filha casada com elle, considerava todos os meus gostos satisfeitos.

— Eu tenho muito desejo de vel-o casado. Na idade d'elle o homem perde-se depressa si não se casa logo. Ora deixe estar que eu hei de falar a Lourenço sobre este negocio. Mas não vá dizer nada á menina. Nestes dois dias direi o que se passar.

Marianninha, ao principio quasi inteiramente desorientada com o que acontecera, tomou, por fim, uma dessas resoluções heroicas que sómente o amor suggere, estimulado pelo ciume.

— Hei de vencer Lourenço pela minha constancia.

Firme nesta resolução, foi esperal-o no ponto onde costumava.

Lourenço tinha passado a manhã mais feliz da sua vida. Os seus colloquios com a senhora de engenho nada offereciam digno de reparo; eram sempre sustentados em termos respeitosos e discretos; a coragem de Lourenço enfraquecia perante a idéa de revelar a sua mais preciosa illusão. Elle e d. Damiana conversavam sobre a guerra, as perseguições, as occurrencias do tempo. O prazer de Lourenço resumia-se em ver a viuva tão graciosa, em ouvir-lhe as palavras

tão bonitas : o rapaz vivia encantado da companhia. A viuva, do seu lado, gostava de ver o rapaz, cujo rosto adquirira grandes attractivos ; gostava de admirar nelle um grande animo.

Tanto em um como no outro o que havia, quando assim se embebiam em mutua e branda contemplação, não era senão amor ; mas este amor não sabia como se declarar ; era um amor original—receio e respeito de um lado, superioridade, altivez, gratidão do outro. Era um amor que ainda não havia amadurecido—eis a verdade.

Lourenço fôra feliz naquella manhã, porque, da conversação com d. Damiana, notara de parte della menos altivez, mais benevolencia, mais intimidade, e certas revelações de ternura, que, comquanto sem a penetração que a educação gera ou aguça, o rapaz interpretou como a confissão tacita de lhe ir dando posse do seu coração.

Vinha elle absorto na consideração de tão grande bem, quando, pela terceira vez, descobriu Marianninha no ponto sabido.

De chofre, passando da satisfação ao dissabor, apressou os passos para aquelle logar. A sua exaltação revelou-se-lhe tão vivamente no rosto, que a rapariga tremeu immediatamente do passo que tinha dado.

Lourenço não pôde dominar-se. Os seus instinctos animaes, tanto tempo adormecidos, acordaram impetuosos, e offuscaram-lhe, por assim dizer, o

discernimento. Com a violencia que tinha, quando lhe chegavam estas temiveis manifestações da indole bravia, pegou no braço da rapariga, como si fôra um galho de arvore que quizesse arrancar.

— Lourenço! gritou ella aterrada. Que é isto, Lourenço?

— Ainda pergunta?

A voz soturna foi um novo motivo de pavor para a rapariga.

— Não lhe disse que não viesse mais aqui?

— Foi o ciume, o ciume..

— Ciume! clamou elle, irando-se cada vez mais. Si para me ver livre de quem tanto me aborrece, fôr necessario fazer uma morte, hei de fazel-a, hei de fazel-a.

— Não me mate, Lourenço! supplicou a rapariga em pranto.

— Mato-te, sim. Não quero mais enxergar-te diante dos meus olhos.

Vendo no mesmo instante luzir a faca na mão do almocreve, Marianinha empregou os esforços que pôde para soltar-se. Lourenço correu atraz della, e chegou a feril-a cobardemente pelas costas. O mais vil assassinio ter-se-ia consummado si a rapariga não alcançasse logo a palhoça.

Lourenço parou á porta, enquanto Marcellina e Joaquina tomavam nos braços a moça banhada em sangue.

— Que loucura foi esta, Lourenço? Dize-me porque fizeste esta acção tão feia. Virgem da Conceição! E eu que cuidava que estavas curado do teu máo natural, desgraçado filho!

De outro lado, Joaquina, indignada, horrorizada, dizia, com a valentia das mãis offendidas :

— Pela minha benção, te peço, filha, que não olhes mais para este homem. Esquece-te delle, filha de minha alma.

Lourenço esteve um momento em silencio, contemplando estupidamente a sua triste obra. Pouco e pouco, a sua exaltação foi moderando, a sua loucura transitoria foi cedendo o logar á consciencia.

Caiu em si. A pallidez dos finados tomou-lhe as faces. Enfiado, envergonhado, arrependido, deu o andar para onde estava Marcellina, e disse-lhe, pondo as mãos, em attitude de quem supplicava :

— Não chore, não chore, minha mãe. Estou arrependido.

— Pois não hei de chorar, quando te vejo dar tão triste cópia de ti?!

— Perdôe-me, minha mãe. Eu sou um animal, sou uma féra. Não pensei no que fiz. Tudo isto se acaba, deixando eu o Cajueiro. Vou-me embora, vou-me embora. Si eu já tivesse ido em busca de meu pai não aconteceria isto agora.

Abraçou Marcellina e saiu enxugando os olhos.



No mesmo dia em que se deu este triste caso, um cavalleiro, acompanhado de vistosos pagens, desca-
valgou, por volta de tres horas da tarde, á porta de
d. Damiana.

— Não me esperava por aqui agora, prima? per-
guntou elle, logo que avistou a senhora de engenho.

Esta correu para o recém-chegado. Abraçaram-se
com effusão: lagrimas de contentamento orvalharam
os olhos da viuva.

— Por aqui, Amador?! Eu tinha já uma carta
escripta para lhe mandar.

— Então pensava que não nos tornariamos mais a
ver?

— Que poderia eu pensar sendo tão crús os nossos
inimigos? Só milagre.

Amador sorriu-se ironicamente.

— Sim, milagre foi ; milagre do deus-assucar, ou antes do deus-dinheiro. Não me comprehende, prima? Não sabe que Christovam de Hollanda, nosso parente, preso pelo Bacalhão, a dezoito caixas de assucar, de que abriu mão sua mulher, deve o ter voltado á liberdade? (1) Não sabe que o mesmo milagre se reproduziu com André de Abril de Souza, Antonio Cavalcante Bezerra e outros? (2) E' um deus todo poderoso o deus-assucar: Felix José Machado rende-lhe culto especial, que não tem para o verdadeiro Deus— aquelle que o ha de punir pelos seus crimes. Ao deus-assucar devo tambem a minha salvação.

Amador tinha entrado. No exterior dava logo a conhecer que elle se tratava á lei da nobreza. Um pouco empertigado, um pouco arrogante, olhando por cima do hombro, era o mesmo que d'antes. A prisão não lhe abatera a vaidade. Solto, parecia mais orgulhoso que antes de ser preso.

Percorrendo as vistas por sobre os objectos que cercavam a cunhada, esómente descobrindo nelles humildade e modestia, não pôde fugir de observar, com certo accento de moralista:

— Mas, em que estado a venho encontrar, prima! A ultima vez que a vi foi ao lado de mano João. Tinha você todos os mimos da felicidade e da nobreza.

(1) Historico.

(2) Historico.

Venho agora achal-a só, vestida de luto, quasi desamparada neste ingrato ermo. Revezes da sorte. Mas Deus é grande. Quando você nem mais se lembrava de mim, entro-lhe pela porta para velar pelo seu destino. Nada lhe faltará d'ora em diante. Estou livre, outra vez livre.

Por ocasião do jantar, Amador desenrolou aos olhos da cunhada o tristonho quadro das perseguições e rigores.

Principiou contando-lhe o que elle proprio soffrera de Luiz Braz, o famigerado carcereiro das Cinco-pontas.

— Luiz Braz é a imagem fiel dos ministros, seus superiores na jerarchia, seus iguaes nas perfidias e manhas. O seu Deus já não é o deus-assucar; tambem não é o Deus d'Abr'ão, mas o deus-dobráo. Os grilhões, « feitos a molde de tormento e de martyrio, porque não têm mais de um palmo, para impedirem aos presos o andar, com o ferro quadrado e farpado para ferir, os élos tão justos que a alguns presos fazem inchar as pernas », os grilhões, inventiva do ministro da devassa, realizada pela camara, enchem as mãos de Luiz Braz de alourado fructo. « Sem mais ordem de justiça, elle osbota nos presos, para a preço de moedas d'ouro se livrarem delles. » Outras vezes, « quando quer que lh'as dêem, ameaça-os com elles », o que não produz pequeno lucro. Nenhum dos presos logra escrever duas regras a quem quer que seja sem pagar a este fiscal da

tyrannia o costumado imposto. « As boas festas que Luiz Braz dá aos presos nas occasiões e dias dellas, é convidal-os para os grillhões, inventando novas ordens para botal-os, afim de haver, por este modo, em cambio, moedas d'ouro, porque mais que este valem em sua mão os ferros. » A este cão da porta do inferno, porque inferno é a prisão das Cinco-pontas, paguei eu o tributo extorquido pela sua fereza e perversidade. Proveidos seus grillhões; enchi-lhe do meu ouro as mãos. A carta que escrevi à prima, participando o fallecimento do seu marido, custou-me seis moedas d'ouro. As pernas trago-as ainda inchadas do tormento infernal, mais rendoso que um engenho, ou uma fazenda. Imagine a prima, pelo que rapidamente lhe estou narrando, o que não padeceram as onze victimas, que compuzeram a primeira remessa para Lisboa, o que não padeceram André Dias de Figueiredo, Bernardo Vieira de Mello, Cosme Bezerra, Cosme Bezerra Cavalcanti—nosso primo, João de Barros Corrêa, José Tavares de Hollanda, Leonardo Bezerra Cavalcanti, Lourenço da Silva e Manoel Bezerra, illustres martyres em que o governador e os infames ministros primeiro ensaiaram a sua sanha.

D. Damiana escutava, attenta e commovida, esta rapida relação dos padecimentos infligidos aos nobres pelos instrumentos do governador. Por vezes benzia-se, de assombrada do que ouvia, e em que difficilmente queria crer.

Amador proseguiu:

— Com a chegada do desembargador Christovam Soares Romão, que veio substituir o Bacalhão, a sorte dos nobres, si não piorou, não melhorou. Tínhamos visto passarem os pés de um cadaver com um sovelão, para verificarem si a morte fôra real ou mentida, como fizeram ao do respeitavel capitão-mór João de Barros; tínhamos visto metterem no subterraneo das Cinco-pontas o licenciado David de Albuquerque, porque « sendo advogado insigne e perfeitissimo, conhecido por tal, e finalmente homem grande nas lettras e nome, temeram o governador e o ouvidor que por seu conselho viessem a pagar o mal que a tantos sem razão estavam fazendo—um homem quasi morto, chagado e sem mãos para servir-se»; tínhamos visto mandarem matar o crioulo do capitão Nicoláu Pereira, cortarem-lhe a cabeça, levarem-n'a ao ouvidor, e receberem deste 4\$000 de gratificação, por haver aquelle crioulo—instrumento da justiça divina—tirado a vida ao malvado bandido Pedro de Lima...

— Pedro de Lima ! exclamou a viuva. Já me pagou os insultos e ousadias.

— ... Tínhamos visto todas estas estranhezas, sem contarmos as prisões, os sequestros, os despotismos contra a nobreza ; e parecia-nos que o novo ministro, comquanto de muitos conhecido por apaixonado e ambicioso, viria pôr cobro a tamanhos desatinos ; mas os males não tiveram termo, prima ; a ambição e o odio

não desapareceram da face de Pernambuco : Christovam Romão seguiu o caminho de Marques Bacalhão. Um dos seus primeiros passos foi instar para que fossem embarcados os onze martyres, que a esta hora, talvez já tenham sido degolados em Lisboa. Tratou depois da devassa, na qual ouviu como testemunhas, hoje um mulato, amanhã um captivo, um vil, um desatinado, e com esta madeira pôdre erigiu a execravel fabrica destinada a servir de cadafalso á nobreza. O capitão Antonio da Silva Maranhão foi morto a espingarda pelos que o deviam prender ; e da morte ficou tão contente o Bacalhão, que de alviçaras deu uma moeda de ouro aos que lhe levaram a noticia. O capitão Antonio Bezerra foi recebido a toque de charamellas pelos mascates, regozijados da sua prisão. O capitão Francisco de Freitas andou quatorze legoas, presas as mãos ambas nas algemas. Por impedir que os nobres se entendessem, foram estabelecidos presidios em varios pontos, dos quaes não passam os passageiros, sejam brancos, ou pretos, clérigos ou frades, por não terem licença de irem adiante, nem ainda de voltarem para traz por mais que o desejem : sómente em Tracunhaem se contam nove. E porque o odio ainda não se sentia satisfeito, ordenou o governador que o Tunda-Cumbe, com trezentos e sessenta vagabundos, se unisse com o Camarão e seus trezentos indios, para baterem de novamente as matas, com cães de caça, « afim de levantarem

aos que, por fugirem dos homens, se haviam acolhido ao trato das feras. Neste exercicio passaram largos dias sem verem rasto de pessoa alguma, andando mais de quatrocentas escondidas, e nem de todas as que chegaram a esconder-se, puderam prender jamais algumas, porque não eram no mato tão afoitos os que as buscavam, como nas casas onde sabiam não haver mais poder que o das mulheres! » Prima, o que têm feito contra a nobreza os portuguezes europeus com o seu ouro e os seus instrumentos de baixa ou de alta origem, nunca, nunca havemos de esquecer.

Amador sobreteve um instante. Tinha os olhos inundados de estranho e insolito brilho. Depois continuou:

— « Cinco dias passou sem comer, o capitão-mór Mathias Coelho dentro de um páo ôco sem delle sair; e o capitão Gonçalo Carneiro, homem de mais de setenta annos, outros cinco esteve debaixo da terra em um caixão bem coberto, ficando parte dentro de uma casa, e outra parte fóra della sem ser visto, aberto para ter entrada o ar. O sargento-mór Domingos Coelho Nunes assistiu uma temporada no meio do Capibaribe, entre umas lapas sem mais commercio, nem mais trato que com as aguas do mesmo rio, e um filho que lhe levava o sustento.» Prima, a valentia dos pernambucanos em lutar com todos os inimigos que esta guerra assanhou com o fim de abater egregias tradições, tem-se manifestado por varios modos que eu me sinto insufficiente para dar a conhecer.

Em idênticas recordações levou Amador o resto do dia.

Na manhã seguinte, deixando o campo das divagações, e mostrando-se mais ligado aos interesses da família, disse á cunhada :

— Não lhe parece ser tempo de tratarmos da nossa ida?

— Devo dizer-lhe, Amador, que perdendo meu marido, encontrei uma protecção amiga — respondeu d. Damiana.

— Esta declaração enche-me de satisfação ; mas devo também dizer-lhe que vindo a Goyanna, não tenho outro fim senão levar você commigo, para o seio de minha família, que não é senão a sua mesma.

D. Damiana não disse uma palavra. Notando este silencio, acrescentou Amador :

— Esteja prompta no mais breve tempo que fôr possível. Preciso muito de mim no meu engenho. Não posso demorar-me aqui sinão o tempo necessario aos aprestos para a partida.

— Primo — tornou-lhe d. Damiana— muito lhe agradeço o seu desvelo ; mas não estou resolvida a deixar Goyanna. Por que razão deixarei a terra onde nasci ? Bem sei que estou pobre, porque tudo me roubaram os perseguidores da nobreza ; mas bem depressa me conformei com a adversidade, e vivo hoje tranquilla neste ermo, sem outra cobiça senão a de continuar a viver nelle. Você não conhece os thesouros de ternura das pessoas que me receberam em sua

companhia. Marcellina, aos respeitos que, por sua condição obscura, julga dever ter para mim, ajunta affectos que me lembram os de minha prezada mãe; Lourenço, filho de Marcellina, não sabe onde me ponha: a solicitude delle para mim não se póde avaliar. Entre os meus, Amador, nunca encontrei, nem hei de encontrar mais verdadeira estima.

Estas palavras, impondo silencio ao irmão de João da Cunha, deram-lhe que pensar por alguns momentos.

Horas depois voltou ao mesmo assumpto. Outra era a expressão do seu rosto, outro o tom da sua voz.

Disse :

— Em poucos mezes, prima Damiana, aprendeu você uma lição que é a repulsa viva e absoluta de todas as lições da nossa familia e da sua vida passada. Muito póde a adversidade; seja, porém, qual fôr a sua conformidade com as circumstancias que tanto lhe mudaram os sentimentos, devo declarar-lhe que não acho para isso explicação razoavel. Compreendo, e todos comprehendem, que tendo você o espirito elevado e o coração catholico, as vicissitudes da sorte gerassem nelles menos o desespero que a resignação, e que você visse nos ultimos infortunios largas occasiões offerecidas por Deus, para dar provas das grandes qualidades de que é dotada. O que nem eu, nem você, nem ninguém poderá explicar, é este enfraquecimento dos laços que a ligaram por tanto tempo a uma vida distincta e limpa. Nem ainda é isto o que mais admiro. Quer saber

o que me parece verdadeiramente mysterioso e incomprehensivel? E' a sua indifferença ás relações da familia; é o seu desapego aos affectos que sempre lhe tiveram os seus parentes, e entre estes, eu sobre todos.

— Mas quem lhe diz, Amador, que sou indifferente à sua benevolencia, ás relações da nossa familia? Será prova de desamor querer viver no meu retiro?

— Não é o retiro o que se lhe póde estranhar, prima. E' natural que, havendo perdido aquelle a quem deve o seu maior lustre, busque occultar do mundo as suas lagrimas. O que não é natural é que você troque pela protecção que lhe devem os parentes, a que, por caridade, lhe dão humildes ostranhos. Isto é inexplicavel. Attente bem nisso, prima. O mundo tem mil bocas maldizentes. Vendo você viver às costas de uma familia anonyma e pobre, o mundo ha de ter para mim os maiores baldões. Não ha de faltar quem diga que, a baixeza minha, e não a seu capricho, na realidade difficil de comprehender, se deve o facto de ficar você vivendo de esmola, quando eu disponho de largos meios.

D. Damiana foi sentar-se mais perto de Amador.

— Amador, disse-lhe com voz supplicante, que interesse tem você de privar-me de uma illusão que me resta na vida? Quero ter toda a franqueza para você. Tudo o que acabou de figurar, já me tinha passado antes pelo espirito. O que o mundo poderá dizer de mim, já o ouvi eu da minha consciencia. Mas, Amador

— porque não lhe hei de dizer toda a verdade? — já não poderei viver apartada desta família sem sentir o coração despedaçado. Não ha muitos mezes que estou aqui ; mas as cadêas que me prendem a esta gente são tão fortes, que si alguem as quebrasse, quebraria com ellas veias do meu corpo, e não sei como poderia viver depois disso. Sinto que não terei forças para libertar-me de prisões que são hoje cordas do meu coração.

Amador em poucas horas estava informado de tudo. Soubera de Felicia a historia da restituição della ; soubera da triste scena da estrada entre Lourenço e Marianinha. Suspeitou que este e a viuva o amor os enleirara em estreitos laços.

Ergueu-se, e deu alguns passos pela sala. Voltou-se depois para a cunhada, em cujas faces a pallidez se estampava. Fitou-a, não revelando odio, sim tristeza, não ira, sim desdem.

— Sra. d. Damiana — disse-lhe, — si se tratasse simplesmente da felicidade de uma mulher, fosse nobre ou mecanica, não seria Amador Cavalcanti quem se interpuzesse entre essa mulher e a fonte da sua felicidade, posto que as mulheres, além de caprichosas, são muito facéis de cegar-se e acham muitas vezes grandeza de leão no verme que rasteja pelo pó. Trata-se porém de uma mulher que foi recebida por um nobre, como legitima consorte, digna do seu nome e do seu sangue, á face da igreja e do mundo. Dobrada cobardia

seria a minha, si eu fosse tão facil em retroceder, quanto foi facil a senhora em adiantar-se: como irmão desse nobre, tenho o dever de afastar de sobre o seu nome uma mancha imminente. Si eu não procedesse assim, seria mais villão que o villão que, valendo-seda adversidade de uma senhora para quem nunca jamais devera erguer as vistas, pôde lançar no coração della germens fataes, de que se geraram serpentes peçonhentas.

— A sua intenção é occulta, Amador. Seja claro.

— Já comprehendi tudo, sra. d. Damiana; de tudo fui sabedor: o mysterio de ha pouco, penetrei-o. Aquelle, que morreu martyr da sua nobreza, vai ter um successor que nem um appellido tem. Os mascates não calcularam com esta vingança, que muito mais os deve alegrar, do que a da propria morte do sargento-mór João da Cunha. A viuva deste nobre será amanhã mulher de um ente anonymo, que percorre as estradas de Pernambuco, descalço e maltrapilho, vendendo os seus serviços por muito menos dinheiro, do que vendia outra'ora os seus o Tunda-Cumbe.

— Meu Deos! Que está dizendo, Amador! Que fiz eu, que o autorize a formar de mim este conceito? O senhor offende-me sem razão. Não preciso das suas lições para saber respeitar-me.

— Si esta desgraça houvesse chegado ao meu conhecimento, antes de me ver outra vez livre, eu diria que Deus resolvera extinguir de todo a nobreza de

Pernambuco, pela prisão, pela morte, e pela infamia. Não posso compellir, porque não tenho este direito, não posso compellir a sra. d. Damiana a zelar a sua própria honra: a minha nobreza, herdada de meus avoengos, augmentada com a educação que me deram meus pais, impede-me de constranger a ter nobre procedimento, qualquer mulher que o não queira ter, ainda que essa mulher seja a viuva de meu irmão. Mas o direito de desprezar essa mulher, que é a primeira a desprezar-se, este eu o tenho, e ninguem póde impedir-me de o exercitar. A sra. d. Damiana é livre; póde acompanhar-me, póde ficar. O que porém lhe affaço é que Amador Cavalcanti saberá perseverar na altura a que tem direito, e aonde não chegarão jamais nunca os salpicos das lamas levantadas pelos animaes dos arreeiros, ou pelos proprios pés destes.

Amador não deixou tempo para mais a d. Damiana. Voltando-lhe as costas, chamou immediatamente por um dos famulos, e em voz alta, deu-lhe ordem afim de ter os animaes prestes para a volta, no dia seguinte muito cedinho.

A noitinha um vulto veio rompendo do fundo do sitio, e, conhecendo gente de mais na casa, esteve para voltar; pouco depois, tirou para a cozinha. Era Lourenço, que, sem animo para deixar Goyanna, tornava ao Cajueiro. Felicia informou-o de tudo. O rapaz quasi perde o uso das faculdades mentaes.

Passada esta primeira impressão, tomou para a

palhoça, onde foi encontrar Marcellina chorando. Com a sua presença a cabocla reanimou-se.

— Não imaginas o que tem acontecido nestas vinte e quatro horas. Joaquina com Marianninha mudou-se das nossas vizinhanças; e sinha d. Damiana segue de madrugada para Jaboaão. O Cajueiro vai ficar bem triste. Quanta novidade em tão pouco tempo, sem a gente esperar! Felizmente, vejo-te ao pé de mim, filho.

— Que lhe disse sinha d. Damiana, minha mãe?

— Saiu ha pouquinho daqui. Ia banhada em lagrimas. « Nunca julguei —disse-me ella— que havia de passar por este golpe. Tinha para mim tão resolute o meu destino! Mas, que hei de fazer, minha boa amiga? Amador é duro. Falou-me em nome da memoria de meu marido. Disse-me que si eu o não acompanhasse, cobrir-me-ia de infamia; que os mascates, para menoscabarem essa memoria, me levantariam mil aleives. Tenho mêdo da má fama, muito mêdo. Além disso, não me pertenço, comquanto pareça que sou senhora de mim; pertenço a uma familia. Como havia de ser feliz si não tivesse um nome! Na riqueza não vivi melhor que na pobreza. Mas, que hei de fazer sinão pagar o tributo que se exige de mim? Nunca me esquecerei de ti, Marcellina, nem de Lourenço. » « Ah! » disse ainda ella. « Dize a teu filho que eu lhe quero falar antes de partir. »

— Sinha d. Damiana não sabia que eu me havia ido embora?

— Não sabia. Eu não quiz contar-lhe o acto de desespero praticado hontem por ti.

— Fez bem, minha mãe; mas o que não farei é vel-a mais.

— Porque não has de vel-a, Lourenço, si a pobre senhora se mostra tão agradecida a todos nós?

— Mostra-se muito agradecida? Não tem de que. Não passamos de uns miseraveis que não lhe fizemos sinão o nosso dever. Si ella não nos tivesse nesta conta não havia de deixar-nos com tanta ingratição.

Quando ia a prosequir, Lourenço sentiu sobre o hombro uma pressão meiga. Voltando-se rapidamente, viu junto delle a gentil viuva. A mão, que lhe pousara no hombro um instante, tomou uma das delle. Nunca o rapaz tinha sentido o doce contacto dessa mão fina e deliciosa, sinão por occasião do desmaio da viuva, ou nos fantasticos delirios em que elle se absorvia, durante as ultimas noites no sobrado.

— Não me queiras mal pelo que eu faço contra a minha vontade, Lourenço, disse ella enternecida. Tenho o coração despedaçado. Minha alma fica no Cajueiro, ao lado de vocês. Mereço mais a tua compaixão, do que o teu agravo. Levo commigo a saudade e a tristeza, bem crueis companheiras; levo-as para bem longe, donde talvez não torne mais nunca a esta terra dos meus pais, das minhas recordações, das minhas magoas. Não te esqueças inteiramente de mim, Marcellina, nem tu, Lourenço.

— Ninguem ha de esquecer-se aqui de sinha d. Damiana, respondeu o rapaz commovido.

As lagrimas acudiram-lhe aos olhos. Deu o andar para a porta e desapareceu nas ultimas sombras do lusco-fusco, hora atroz para os amantes que se despedem, certos de nunca mais se avistarem.

A liga de Tracunhaem engrossara. Reduzida, pela caçada geral, a trinta membros, compunha-se de quinhentos um anno depois, não se comprehendendo neste numero os escravos e aggregados dos senhores de engenho que com elles se haviam asylado nas matas. O nome do chefe andava de boca em boca. Falcão d'Eça era a egide dos expatriados, a providencia dos perseguidos ; alguns dos nobres tinham-n'o por doudo, muitos por temerario, a maioria delles por defensor das suas pessoas e fortunas.

Falcão não descansava. Mensageiros de confiança levavam os seus convites suasorios aos pontos mais afastados. Os nobres, que pela distancia em que ficavam de Tracunhaem, não podiam sem perigo vir augmentar com suas pessoas o grande nucleo da resistencia, remet-tiam mantimentos, roupas e munições. Alguns tinham contribuido com escravos e moradores.

Todas estas diligencias porém realizavam-se grandes cautelas por evitar os grandes perigos que se expunham os que nellas se mettiam.

Como era este o unico ponto que o açoite do governo ainda não lograra reduzir á ultima expressão, o governador tinha nelle concentradas as vistas. Muitos piquetes varriam quasi constantemente as esteiras que iam ter a Tracunhaem ; muitos percorriam as proximidades do refugio. A cada momento, para dizermos, estavam sendo espiados os menores passos dos refugiados, e somente á conhecida valentia do chefe da liga se devia não se animarem os troços bulantes do governador a penetrar no escondrijo. Aquelle chefe devia ter o centro das suas operações que elles por maiores esforços empregados não haviam logrado devassar.

Coisas maravilhosas diziam-se sobre o ponto. Imaginando as forças e recursos dos asylados, o povo palava e acreditava que o inimigo, por mais perigoso, que penetrasse alli, estaria irremissivelmente perdido. No dizer popular, as matas estavam cobertas de minas. Inexpugnaveis fortificações haviam sido construidas para defendel-os de assaltos. Existia de facto um verdadeiro arraial de guerra, onde nada faltava.

Havia exageração nesses boatos, que explicam a reputação quasi lendaria, que cercava o nome do chefe da liga e a propria liga.

Ao contrario disso, Falcão d'Eça assentara

maior segurança, não ter pouso fixo, e ter muitos em varios pontos. Certo havia dentro das matas uma região, um vasto perimetro que os nobres tinham por **seguro**, e consideravam do seu exclusivo dominio. Dentro dessa região, rica de naturaes defesas, em parte augmentadas pelo trabalho dos refugiados, moviam-se estes, segundo convinha. Certo tinham elles armas e munições, viveres e gente para lutar quando se offercesse occasião ; mas — póde-se quasi affirmar — não passavam d'ahi os seus elementos de defesa ; porque o pensamento de Falcão não era ficar nas matas por muito tempo, não era sómente defender-se, mas principalmente, quando a medida dos seus recursos estivesse completa, fazer irrupção sobre a villa odiada, e dar cabo do governador e dos ministros, ou, ao menos, expulsal-os de Pernambuco, a exemplo do que em 1710 haviam feito a Sebastião de Castro Caldas.

— Nós não somos negros fugidos, dissera elle uma vez a um dos companheiros. Os negros contentam-se com o seu escondrijo. Quanto mais occulto é este, tanto mais lhes convém ; porque os negros fugidos, como os morcegos, têm horror á luz. Nós somos patriotas, que nos ajuntamos aqui, especialmente para combinarmos sobre os meios de lançar fóra da terra, que nos deixaram nossos avós, os intrusos que miram apoderar-se da herança, que nos deixaram nossos pais. As matas de Tracunhaem não são os Palmares. Aqui ha homens livres que tratam de castigar o despotismo ;

aqui ha patriotas que esperam quebrar as cadeas com que pretendem encorrental-os aventureiros ralados de cobiga ; aqui não ha escravos, ha senhores, que lão de castigar, como a escravos, esses estrangeiros, que, inculcando-se amigos do povo o attrahindo-o a si, têm o pensamento clandestino de tornar-se donos de Pernambuco.

Em um dos primeiros dias de junho de 1714, cortando por manhosas veredas que iam dar na região dos homiziados, onde eram esperados, quatro sujeitos chegaram a um dos pousos.

Seriam dez para onze horas da noite. Chovia copiosamente ; as gotas de agua, caindo na vasta folhagem da mata, produziam rumor monotono e surdo que se assemelhava ao do vento nas folhas do coqueiral.

No pouso estava o chefe da liga, que foi o primeiro a rebel-os. Dois delles eram Faustino Figueira e Domingos Gonçalves Freire que, depois de muito buscados pelos bandos do governador, e depois de varias tentativas abortadas para chegarem ás matas, tinham enfim realizado o seu intento, auxiliados por mensageiros de Falcão d'Eça. O terceiro era o nosso conhecido Francisco dos Prazeres, marido de Marcelina. O quarto era Saturnino.

O aspecto do pouso era simples. Em um ponto onde os matos haviam deixado um pequeno espaço livre, mostrava-se suspensa, sobre quatro forquilhas de boa altura, uma ramada mais baixa para um lado que para

o outro, em fôrma de meia-agua, sob a qual ardia uma fogueira que esclarecia, tanto quanto era preciso, o ambito. Não obstante ser muito copiosa, a chuva não offendia o fogo assim abrigado.

Para livrar-se do mau tempo, tinham os refugiados posto em pratica o meio simples que em certas tribus os selvagens empregam: em altura conveniente haviam sido fortemente ligados por cipós aos troncos de grandes arvores folhas de palmeira, de um e outro lado, inclinadas obliquamente, de modo que ao mesmo tempo serviam de conductores das aguas e de cobertura ás redes pendentes dos primeiros galhos, destinadas ao repouso dos donos durante a noite. Não eram poucas as arvores que se mostravam decoradas com estas palmas largas e compridas, o que indicava não ser pequeno o numero das pessoas existentes naquelle pouso. Todavia, como nesta industria não interviera sinão materia prima offerecida pela floresta, mal se imaginaria, si não fôra a fogueira, que por alli passara a mão do homem.

Faustino Figueira era capitão do terço de linha de Olinda. Por occasião do levante dos mascates, em 1711, marchara contra o Camarão. Pelo seu arrojo e intrepidez, na batalha de Sibiró, onde praticara actos de bravura, pondo duas vezes em retirada as forças daquelle caudilho, tanto se expusera, que, perdida a batalha, teve de cair no poder dos inimigos. Remettido para o Recife, foi solto pelo bispo, que era então o

governador; mas, com a mudança dos tempos, sendo tenazmente perseguido, escapava às perseguições, asylando-se nas matas de Tracunhaem.

O outro, Domingos Gonçalves Freire, sargento-mór de ordenanças em Olinda, e que, na distribuição dos presidios, quando os mascates estiveram sitiados, tivera a seu cargo o commando e inspecção dos pontos que pelo lado daquella cidade fechavam o assedio, receioso de pagar com a sua liberdade estes actos de hostilidade contra os mascates, viera com o mesmo destino de Figueira.

Quanto a Francisco bastará dizer que não podendo vencer o remorso de prestar serviços aos perseguidores da nobreza, resolvera emfim passar-se para os perseguidos. O ajudante-de-tenente indicara-o a Figueira, exaltando muito a sua fidelidade e discrição.

Foi, talvez, elle o principal guia ao pouso, isto é, o que melhor comprehendeu as indicações.

— Graças a Deus que já posso dizer — « não estou com os mascates » dissera o matuto, penetrando na mata. Eu sei bem que si elles me pegam, me penduram logo no primeiro pé de pàu que encontrarem; porque antes de tudo, eu sou desertor—dirão elles. Mas eu direi que desertor era eu quando lá estava, porque a minha gente sempre foi a nobreza, e nunca os pés de chumbo. Si estive com elles todos este tempo, só Deus sabe quanto isto me custou. Por vontade minha não foi; foi porque, encontrando-me com a

farda nas costas e o páu furado na mão, puderam dar-me leis e obrigar-me a fazer coisas que, em meu juízo e em minha liberdade, eu não faria nunca. Mas agora, lá se avenham; aguentem-se como puderem, que eu, si puder, ajudo a lhes tirarem o couro. Estou muito pratico no serviço da arma; sou hoje um soldado de patente; podia até ser um sargento-mór. Estou prompto para entrar em fogo, tendo á minha frente seu Falcão, que é só em quem se fala. Eu tambem só falo nelle, porque tenho muita fé em quem mostra tanta coragem.

Tudo isto dissera Francisco ao entrar na mata. Parecia ter ganhado ahí alma nova, ter recuperado os seus antigos espiritos, e até, a sua graça e bom humor natural.

— Capitão—disse Figueira, logo que avistou Falcão d'Eça—trago-vos uma noticia cruel.

— Mais uma que venha não fará mossa na minha coutraça. Ha dois annos que não recebo aqui noticias de outra natureza. Mas dissei-me sempre o que é, dissei logo, sr. capitão Figueira.

— Tranquillizai-vos. Não é nada contra as matas de Tracunhaem.

— Contra as matas, retorquiu Falcão, já elles não têm mais nada que pôr por obra. O seu entendimento esgotou-se; digo mal, esgotou-se a sua cobardia, a sua perfidia. Sómente lhes resta hoje um meio, que a chuva do ceu não lhes permite pôr em pratica: é tocar

fogo nas matas . Si não fora esta invernada, parece que estas leguas de espessura já teriam ardido, e com ellas os que existem aqui dentro, mais promptos para morrer, que cuidados da vida.

Tinham desembocado na pequena aberta onde ardia a fogueira . Vendo-os chegar salvos, varios dos refugiados, saltando das redes e dos troncos seccos onde estavam, correram ao seu encontro : havia uma como communição de alegria em todos, sempre que chegava um novo companheiro . Ao reflexo do fogo, aquelles vultos de barbas e cabellos compridos, de variados trajos, uns altos e esguios, outros baixos e cheios do corpo, quasi todos silenciosos; alguns trazendo arma de fogo na mão, e cartuxeira a tira-collo, alguns com espadim, ou catana pendentés da cintura, alguns arrimados a grossos cipó-páus ; estes trazendo chapéus na cabeça , aquelles trazendo unicamente esta parte do corpo envolta em lenços de côr, como praticam com lenços brancos as mulheres beatas, ou as de humilde condição, mal se cuidara que alli estava representada a primeira nobreza da provincia, e que homens de clara estirpe, muitos delles senhores de grandes fortunas, se confundiam assim, pelas mostras, com um bando de malfeitores, réos de todos os crimes . Havia, comtudo, alli corações verdadeiramente nobres ; espiritos verdadeiramente dignos, pelas idéas de engrandecer a terra natal ; entre esses mesmos havia muitos que eram realistas sinceros, inimigos do governador, mas

vassallos fleis que, não sem magua, viam em collisão a sua vida e a hostilidade aos representantes do rei, os depositarios da autoridade publica.

Restabelecido o silencio, Falcão voltou ao assumpto de que tratara momentos antes:

— Não nos dissestes ainda qual é a triste noticia que tendes para dar-nos.

Figueira respondeu:

— Não fostes sabedor de ter chegado ao Recife uma esquadra de Lisboa, e nella ordem para que o bispo se retirasse cem leguas da sua cathedral, afim de não influir suborno nas testemunhas?

— Fomos sabedores, sim, dessa gentileza do governo da metropole, respondeu Falcão.

— Pois bem. O bispo já está de marcha para as Alagôas, cumprindo humildemente a vontade caprichosa dos phariseus.

Depois de rapidos instantes de silencio que succederam a estas palavras:

— Que vos disse eu, padre Guerra? perguntou Falcão, voltando-se para um dos nobres que cercavam os recém-chegados. Eu esperava que assim tratassém quem já os teria posto fóra, si houvesse aceitado o convite para ser o chefe da revolução.

— Mas, senhores — disse o padre — já a igreja não merece nenhum respeito a quem tem o dever de velar pela magestade della? Quando a impiedade partia dos aventureiros, nada havia que dizer: os aventureiros

profanam os logares sagrados, e arrancam dos santos as joias que vendem nas tabernas a troco de cachaça ou bertangel; mas que da côrte de Lisboa venha semelhante desacato, coisa me parece esta que excede a medida da maldade humana, e bem indica o odio de Portugal contra a nobreza de Pernambuco.

— A chegada daquella frota não foi de todo má, visto que com esta noticia, nos trouxe outra com que devemos alegrar-nos. Veiu ordem para que devassasse dos levantes o desembargador Christovam Soares Romão. disse Domingos Freire.

— O *Cutia*, o *Cutia* — acudiu Falcão d'Eça.. Sim... Sim... E' bôa chita o *Cutia*. Falais ironicamente, não é assim?

— Não vos pareceu sempre um pouquinho melhor que o Bacalháo, a quem os drs. Ortiz e Brandão deram por suspeito em Lisboa pela sua notoria parcialidade a favor dos mascates?

— Melhor! exclamou Antonio Bezerra. Achais pouco o que tem feito? Conheci na Parahyba o *Cutia*. E' capaz de todas as aleivosias, e o tempo vai mostrando si eu não tenho razão. Ah! pensais que nos ha de chegar de Lisbôa coisa que preste?

Falcão concentrou-se um momento, enquanto os companheiros praticavam de varios assumptos relativos ao ponto principal.

Domingos Freire, que era dotado de genio jovial, quando os outros consideravam o assumpto pelo lado

serio, attraiu elle a attenção de alguns, encarando o lado comico.

— Senhores, tenho um presente que lhes dar, mas antes de tudo, quero cachaça para tomar uns golles, porque estou resfriado; e depois dos golles, alguma coisa que comer, ainda que sejam pasteis fresquinhos, ou queijadas doces, como as que apparecem nos presepes de d. Ursula.

— Pasteis frescos e queijadas doces nestas alturas! Sempre te conheci chalaceiro, Domingos, disse Manoel Bezerra.

— Não desconversem. Vocês, que são os donos do rancho, estão na obrigação de dar boa ceia a hospede da minha prosapia. Si por gulosos, comeram na janta todo o perú e toda a aletria, contento-me com uma pouca de carne de sol assada alli na fogueira. Quem é o dispenseiro?

— A dispensa é franca. Do jantar nos ficou alli um quarto de carneiro. Tira um pedaço, mette-o no espeto, assa-o tu mesmo.

— Asso eu, asso eu— gritou Francisco.

— Então faze logo esta obra de caridade ás nossas barrigas famintas. Molharemos depois a guélla com bom vinho de Lisboa, que deve haver na adega do Falcão.

— Aqui não entra nada de Lisboa, nada da santa terrinha.

— Perdão, perdão. Não adverti que estava n'um

acampamento onde se trama contra tudo quanto é europeu.

— Mas olha: alli ha optima aguardenten'um garrafão. Chegou hontem do engenho Cumbe. Presente que mandaram a Bulhões.

— Mas enquanto não chega o carneiro, dá-nos o mimo que nos trouxeste, observou Francisco Botelho.

— Isto só ao pé da fogueira.

Encaminharam-se para alli, e em troncos sentaram-se todos os que com Domingos Freire estavam formando grupo. Além de Mathias Barboza, Antonio Bezerra, Manoel Bezerra e Francisco Botelho, compunham aquelle grupo Francisco de Mello, João Nunes Tinoco, Lourenço Uchôa, Alvaro Marreiros e Simão Mendes.

— Não é nem brilhante nem ouro em pó; mas é coisa que vale ouro e brilhante. E' uma decima que compoz para epitaphio do juiz de fóra uma musa nossa patricia.

— Para epitaphio do juiz de fóra?

— Sim, o juiz de fóra Paulo Carvalho, que é morto.

— E' verdade.

— Morreu hydropico do muito mal que fez á nobreza, e das largas peitas que recebeu da mascataria. Tão hydropico morresse o Bacalhão que publicamente dizia que « a todos que morassem das pontes do Recife para fóra, si não pudesse tirar a pelle, havia de tirar a camisa. » O diabo os fez, e o governador os

ajuntou, esse governador alarve, que é capaz de comer um boi de uma assentada, e tão sevandija, que « estando á mesa, mandou buscar o asqueroso e immundo vaso de espurcias para exoneração do ventre cheio, e á vista dos assistentes, no mesmo tempo do comer, estar em acto tão contrario. » (1)

— Quem pratica « acção tão fidalga, póde presumir-se e affirmar-se que teve o nascimento em alguma estrebaria, e a criação em algum chiqueiro, » (2) disse Simão Mendes.

— Vamos á decima, acrescentou Botelho.

Então Domingos Freire, tirando do bolso um papel, desdobrou-o, e leu :

« Jaz debaixo de um calhão,
Que é de pederneira galho,
O defunto juiz Carvalho,
Esperando o Bacalhão.
Da morte deste maráo
Nenhum dos mortaes se queixe,
Deixe andar o mundo, deixe,
Que a morte não acabou:
Si ella o Carvalho cortou,
Inda ha de pescar o peixe. (3)

Gargalhadas e palmas, succedendo-se irresistivelmente a este producto da musa pernambucana no seculo XVIII, atroaram os ares abafados da floresta.

(1) *Mem. hist. de Pernambuco.*

(2) *Idem.*

(3) *Idem.*

Quando cessou o estrepito do applauso, Domingos Freire, voltando-se para um lado, gritou:

— O' Francisco, traze logo o carneiro.

Francisco entrou, quando ainda soavam estas palavras, no pequeno espaço esclarecido pela fogueira; mas em lugar de carne, o que trazia era um homem, agarrado pela vestia. Com grande esforço pudera arrastal-o até ahi. A luta fôra tão renhida que parte da camisa do matuto vinha em pedaços.

— Tomem conta do cabra, que já não posso commigo mesmo.

Assim dizendo, atirou para o lado da fogueira com quantas forças lhe restavam o desconhecido, e, por não se poder ter mais em pé, caiu para o outro lado.

Em menos de um minuto o desconhecido estava cercado por todos os que de perto, ou de longe, haviam testemunhado a inesperada scena. Alentada a fogueira de proposito para que pudessem ser bem reconhecidas as feições do espião, puzeram-lhe as cordas, e amarraram-no ao tronco de uma arvore.

Havia por esse tempo no Recife um mascate de nome Gregorio, muito protegido por um europeu chamado Affonso Maciel, de todos temido. Quando o Camarão, primeiro sustentaculo dos mascates ao sul da provincia, entrou no Recife, para visitar Felix José Machado, chegado de ha pouco, muito escandalo occasionou á nobreza Affonso Maciel com os vituperios e convicios que para ella teve.

Com um grande sequito de conterraneos seus fora esperar e receber o caudilho em Affogados, ao som de fagotes e charamelas. No momento de Miguel Corrêa lançar ao pescoço do Camarão uma medalha em festão lavrada de ouro, Maciel não querendo ficar atrás, desabotoou o talabarte donde pendia vistoso espadim de bainha de ouro, e cingiu com elle o chefe caboclo. Ao passar pela rua onde morava, alcatifada como si houvera de receber um monarcha, ou um benemerito da humanidade, foi a mulher de Maciel, que de cima das suas janellas, de todas as janellas adornadas com tapessarias as que mais custosas ostentava, foi a mulher desse europeu a que mais agua de Cordova, mais flores, mais confeitos e moedas atirou em honra do Camarão. Foi ella a que descendo da sua morada até a rua, obtida permissão do marido, correu e abraçou o chefe caboclo, que arrogante e ancho de tão estrondosa recepção, ostentava, á frente dos seus quatrocentos indios a bizarria de um guerreiro, e a altivez de um dictador.

Não lhe faltando meios, porque elle era negociante solido, não lhe faltando estimulo, porque a maioria dos seus conterraneos, reconhecendo de quanto era capaz, lisonjeava a sua vaidade, e o incitava a praticar os maiores desdens para os nobres, disse um dia, no fim de um jantar opiparo, em um dos sobrados da rua dos Judeus, que havia de ser o seu Gregorio quem daria com o escondrijo de Falcão d'Eça, e quando não puzesse as algemas neste rebelde, havia de tirar-lhe a

vida para que não tramasse novo levante, e de uma vez para sempre ficasse ensinado. Fôra dito isto depois de larga comezaina e de copiosos licores que lhe deveram perturbar a consciencia; mas no outro dia, camaradas exaltados lembraram-lhe o juramento feito no dia precedente, e foi isto bastante para que Affonso Maciel o ratificasse. Entre os baixos sequazes dos mascates, aquelles que percorriam em continuadas jornadas o sul da provincia, não havia um só que não soubesse entrar nas matas de Tracunhaem e chegar até a região onde não corria risco inspecção estranha, porque constituia dominio do publico; mas dentre tantos que chegavam até esse terreno ou campo neutro, nenhum se arriscara jamais a dar um passo para diante, temendo, não sem razão, cair nas emboscadas do celebre chefe da liga.

Gregorio porém, levado por sequazes conhecidos das veredas, animou-se a penetrar nas que eram suspeitas; e com a coragem dos instrumentos da sua condição, deixara-se ficar em paciente observação, occulto pelos matos, na entrada de uma dessas veredas, aguardando meio de penetrar no segredo.

Duas desgraças esperavam-n'o porém alli. A primeira foi Faustino Figueira acertar, com os companheiros, de tomar pela mesma vereda para o pouso. Gregorio acompanhou-os, servindo-lhe elles, sem o suspeitarem, de guias no intrincado labyrintho dos matos, e nas trevas da medonha noite de inverno.

A segunda desgraça foi collocar-se perto da arvore donde pendia a matalotagem que Francisco buscava.

Si isto não fôra, ou elle, cansado de esperar em vão, deixaria o mato sem coisa de maior, desenganado de achar o refugio dos pernambucanos ; ou não seria descoberto por Francisco, e teria sido o heróe de uma alta façanha no conceito dos mascates, occasionando a prisão de quinhentos nobres, entre os quaes o chefe da liga, que por si só valia mais para o governador, do que todos os outros quatrocentos e noventa e nove.

Reconhecendo no espião o acostado de Affonso Maciel, Falcão d'Eça empallideceu. Como podera penetrar até alli ? Teria vindo só, ou seguido de tropas incumbidas de prender os nobres ? Estavam estas perto ou longe ? Demorar-se-ia o ataque, ou deveria romper já ?

A primeira idéa que lhe ocorreu, foi a de mudar de pouso. Os outros companheiros tiveram o mesmo pensamento, em presença do perigo considerado imminente.

— Nem mais um instante aqui ! disse um, disseram quasi todos, entreolhando-se confusos, não admirados de não haver ainda rompido fogo contra elles.

Sobresaltados e precipites, cada um se muniu das suas armas ; cada um, ou seu famulo, ou escravo, pegou da ligeira bagagem ; todos tomaram immediatamente o caminho em direitura para o *Rancho do*

quiri, denominação dada por Falcão a outro arraial que ficava distante, cerca de tres quartos de legua, do que desamparavam. Deviam chegar lá ao amanhecer, depois de atravessarem varios arraiaes, d'onde iriam colligindo todas as forças esparzidas na vasta massa dos bosques. Era esta uma estrategia que o chefe praticava sempre que se presentia ameaçado—concentrar em um só ponto os varios contingentes.

A noite estava medonha, assim pela escuridão, como pelo tempo que não suspendera. Falcão ia na frente. Ninguem sabia, como elle, as sendas amigas. Intrepido e habil, não havia matos, lamas, barrocaes, desfiladeiros, precipicios, que lhe retivessem a marcha por perigosos ou desconhecidos. A's vezes deslísava-lhe o pé nas folhas humedecidas, ou na argilla escorregadia, e elle vinha em terra ; mas logo se levantava, e seguia sem proferir uma palavra que, ao menos, de longe, indicasse indecisão ou desanimo.

Os outros acompanhavam-n'o quasi instinctivamente, como automatos. Os que eram mais sabedores dos caminhos, conduziam os menos praticos, dando-lhes a extremidade de uma vara, e pegando na outra extremidade, como usam os guias com os cegos.

Era de singular effeito a vista offerecida, de tempos a tempos por aquelle longo cordão de figurassilenciosas em que se notavam semblantes de todas as feições, ao fuzilar dos relampagos nas aberturas dos matos, ou ao clarear dos vagalumes no mais fechado. Uns de botas,

outros descalços, todos escorrendo agua e tiritando de frio lembravam, em parte, o tropel de fugitivos que no seculo XVII, deixando o Recife e as estancias vizinhas, que haviam caído no poder dos hollandezes, caminhava a pé, na direcção do sul, em demanda das Alagôas, por escapar aos vencedores.

O *Rancho do quiriri*, que tomava a sua denominação de ser o lugar muito abundante daquella madeira, ficava quasi no fim da mata, á beira de uma baixada, que com as grossas chuvas se mudara em vasto lago mediterraneo.

Estavam alli os refugiados mais proprios para entrar em fogo, os de fibra mais rija, pela vida aspera que tinham levado antes. Compunham-se, em sua maioria, de moradores e foreiros, dedicados aos senhores de engenho. Quasi toda esta gente, passante de cem individuos, se sustentava de caças e frutas agrestes. Uma vez por outra, saiam alguns do escondrijo, e nos povoados mais proximos iam prover-se de farinha e bebidas, ou iam buscar nos engenhos, onde tinham familias, outras provisões; o mato porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú.

As vezes saíam a pescar á noite nas lagôas perdidas no interior da espessura: era para ver como tarráfeava habilmente o que se suppunha, á primeira vista, não

saber outro officio senão o de carguejar. Voltavam trazendo cestos cheios de camarões e trahyras.

Para esses homens não trouxera grandes inclemencias o homizio. Muitos delles preferiam estas industrias grosseiras e selvaticas, à do trabalho de plantar, ou almocrevar. Alguns que tinham a sua ponta de indio, compraziam-se nesse viver despreoccupado, proprio e querido dos povos nomades. Taes havia que diziam com sinceridade, quando succedia falar-se-lhes no termo das perseguições, e na volta ao antigo estado:

— Deus queira que não acabe mais esta guerra.

Outros completavam a idéa:

— Quero antes esta vida, muito menos trabalhosa que a do engenho. A unica falta que sinto é a de minha mulher

Pela madrugada chegaram Falcão com os companheiros ao *Rancho do quiri*, e ao amanhecer, reunidos em figura de conselho os principaes nobres, trataram de sentenciar summariamente o espião.

Notava-se no ponto insolito alvoroço. Todos os semblantes, ainda os de seu natural mais serenos, davam mostras de invencivel inquietação. Muitos dos fugitivos alli reunidos nunca se tinham achado em condições de testemunhar espectaculo identico ao que fora resolvido.

Chegado o momento, em uma aberta da mata, seis escravos formaram uma roda como si se apparellhassem para certa dansa circular que usavam os nossos indios.

Cada um estava munido de uma vara de quiri, fina e longa, que ao fogo perdera a casca. Vistos sem prevenção, aquelles homens corpulentos, de tez negra e luzidia como jacarandá, tendo as ceroulas arregaçadas, bem assim as mangas das camisas, e na mão aquellas hastes directas cuja alvura contrastava com a negridão da cara, braços e pernas delles e que se assemelhavam a varas de marfim polido, offerciam boa apparencia. Mas, de repente, quando aquelles instrumentos cégos ou servis do odio, ou da vingança, começaram a pôr em obra o seu officio, o espectáculo já foi outro, e não se podia ter nelle os olhos sem a repugnancia que despertam os castigos barbaros e covardes, posto que em essencia justos.

Ao meio do circulo fôra arrojado o espião, nú da cintura para cima, com as mãos atadas atraz das costas. Alguns dos refugiados mais animosos, ou mais duros, de pé, ou sentados, junto das arvores que formavam o desigual amphitheatro—grosseira semelhança dos circos romanos, onde prisioneiros de guerra combatiam para divertimento do publico—testemunhavam a punição cruenta que talvez terminasse com a morte do delinquente. Sobre este, que umas vezes implorava perdão, outras soltava imprecações injuriosas, descarregaram os executores os instrumentos da infame e infamante pena.

O paciente, que ao principio rugia de colera, ou gritava ou vociferava, do meio para o fim, quebradas

as forças, enfraquecidos os espiritos, recebia em silencio, mal se sustentando de pé, e por ultimo caído por terra, as varadas brandidas pelos vigorosos pulsos africanos.

Era a isto que se chamava *roda de pão*, castigo muito praticado naquelles tempos por naturaes de Pernambuco, especialmente contra portuguezes europeus.

Varios alvitres tinham sido indicados, varias penas propostas, entre as quaes a do *sacco de arêa*, hoje inteiramente desusada, como a da *roda de pão*.

A' surra de sacco de arêa ligava-se uma superstição: o povo acreditava que o paciente de semelhante supplicio, não declarava, em caso nenhum, o nome do offensor. Era castigo applicado a culpas graves, e consistia em um longo estojo de lona, cheio de arêa fina bem socada, que, tanto pela fórma, como pelo tamanho e dureza, se parecia com um cacete. A' circumstancia de ter no fundo uma moeda de cobre e uma rodela de fumo, invenção da superstição do povo ignaro, attribuia este a especial virtude de impôr silencio ao que com elle era castigado, e que, por muito moido em todo o corpo, mui raras vezes sobrevivia ao castigo.

Quando no rancho foi indicada a surra de sacco de arêa, para a punição do espião, um dos matutos observou, em tom de chalaça:

— Isto é lá para a beira da praia, onde não ha madeira forte; não é para aqui, onde não falta quiri nem pitιά, e só temos barro duro, e não arêa fina.

Ainda por estas razões, que bem indicam não ser o alludido castigo filho da região das matas, ou do sertão, mas, sim, do littoral, e talvez até de paiz estrangeiro, provavelmente da Hollanda, prevaleceu o da roda de páo, o qual, parecendo mais atroz que o outro, nem sempre, na crença do povo, tinha, comó aquelle, resultados fataes; porque á roda de páo muitos sobreviviam, ao sacco de arêa quasi nenhum; o primeiro tinha por fim castigar, ou *ensinar*, como se dizia então, ao passo que o ultimo tinha por fim matar.

Ora, os nobres não quizeram sentenciar á morte o espião; ao contrario, entrara no seu plano que, longe de occultar o nome de quem lhe applicara o castigo, fosse depois o espião revelal-o áquelles cujo era mandatario. Havia nisto particular sabor de vingança—o desdem por não ter o ardil sortido o esperado effeito. Estava tão enraizada no espirito pernambucano do seculo passado, que não contribuiu pouco para a explosão revolucionaria de 1817, a prevenção contra os portuguezes, até certo ponto justificada pelo exclusivismo que afastava os brasileiros das posições e empregos importantes na região official, e tão em voga o castigo corporal como represalia áquelle exclusivismo, á qual se ligava a idéa de ter em pouca conta os preferidos, ou de os rebaixar, que um dos nobres—o sargento-mór Leonardo Bezerra, depois de treze annos de prisão em Lisboa, escreveu da Bahia, onde, voltando ao Brazil, se fixara definitivamente, aos

parentes em Pernambuco, logar do seu nascimento: « Não corteis um só *quiri* das matas; tratai de poupal-os para em tempo opportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros. » (1) Reproduzindo estas palavras, não sou levado por intuito de picar a nacionalidade irmã, intuito que não teria o menor fundamento, e contra o qual, muito ao contrario, não me seria difficil adduzir provas, tomadas de mim mesmo. O meu fim unico é dar idéa dos costumes e paixões dominantes naquelle tempo; é autorizar a narrativa com a tradição, junto da historia.

Terminado o atroz supplicio, mandou Falcão d'Eça pôr um panno nos olhos do suppliciado, e conduzir este para fóra do pouso. Inutil, senão irrisoria precaução. Gregorio, molle e esqualido, mettia horror. As alvas costas, para onde, por especial recommendação, tinham convergido os golpes dos executores, haviam ennegrecido: não se notava differença de cor entre os algozes e a victima. Sómente as mãos e os pés attestavam, pela brancura, a raça do infeliz.

Deixaram-n'o, por morto, na entrada da mata, tendo em uma das mãos um papel com este improviso em verso, obra de Domingos Freire:

- Buscar lá veiu o Gregorio,
Mas volta bem tosquiado;
Si vier, por mais sinorio,
O Felix José Machado,
O Cutia e o Bacalháo,
Havemos de ter, não uma,
Mas quatro *rodas de páo.* »

(1) Abreu e Lima. *Synopsis*, pag. 471.

Seria meio-dia. Tinha feito uma estiada. O sol chegou a mostrar-se, ardente e amarelento, como é o sol do inverno. •proveitando a impressão deixada nos espiritos pela noticia da partida de d. Manoel para as Alagôas, e pela audacia da recente espiagem, aproveitando, emfim, a crença de todos os homiziados de não esperarem remedios aos seus males' sinão de si mesmos, e de estarem constantemente cercados de emboscadas e perigos, Falcão d'Eça chamou de parte alguns dos amigos, em cujo criterio e decisão mais confiava, para que lhe ouvissem a ultima palavra:

— E' tempo de tomarmos uma resolução. Quando me metti nestas matas, não foi com o unico intento de escapar á prisão ou á morte. Tendo parentes no Ceará, ser-me-ia facil, si o meu intento fosse somente evitar a prisão, emigrar para o seio delles, onde estaria ao abrigo de toda hostilidade. Quem primeiro me impelliu para aqui, senhores, não foi um sentimento baixo — o medo; foi um sentimento elevado— o amor da patria: fio que de vós poderei dizer outro tanto.

— De certo, respondeu o padre Guerra.

— Que viamos antes da luta? Dois interesses, um estrangeiro, outro brasileiro. Levados de cobiça, e não satisfeitos com serem senhores do commercio e das industrias, os portuguezes europeus queriam chamar a si a agricultura, impondo aos agricultores

obrigações que redundavam em ficarem estes á mercê daquelles. Como não podessem, por meios licitos, levar a effeito o seu intento, machinara ■ crear a villa onde tinham e onde têm a sua força, e tornar-se, por este modo, arbitros dos preços dos generos que haviam de ser forçosamente taxados por almotacés do seu panno; e este dibolico intento estaria de todo realizado, si a nobreza não puzesse para fóra o governador que tivera o arrojo de promover a creação da villa maldita. Sabeis, tão bem como eu, o que se seguiu ao acto de energia, que nos livrara de Sebastião de Castro Caldas. Foi no senado da camara de Olinda, reunido para providenciar sobre o governo da capitania acephala, foi ali que o amor da patria, fazendo-nos pulsar os corações, proclamou em nossas consciencias a necessidade de tornarmos Pernambuco independente da metropole, madrasta e não mãe. O amor da patria, pernambucanos, o amor da patria é uma paixão grande que se gera, não do ajuntamento de dois seres, como se geram as creaturas, mas do ajuntamento de milhares de seres, do ajuntamento dos povos; que nasce, não sob tecto particular, ou em leito clandestino, mas sob tecto publico, sob a abobada livre e ampla dos céos, no largo leito das praças; que nasce, não occultamente á luz de candeia nocturna, trancadas as portas, mas nas vistas de todos, fóra de paredes ou cortinas, alumiado pelo sol do dia; que nasce, não como nascem as crianças

que accendem rubor na face das mães, mas como nascem os sentimentos immortaes, trazendo á face dos patriotas o sangue vivo do coração, porque o amor da patria não é uma paixão vergonhosa, e sim uma paixão egregia que dignifica os que nella se abraçam. Sabeis, tão bem como eu, que a primeira palavra nesse consorcio do senado da camara com a nobreza, foi no sentido de Pernambuco declarar-se republica ; mas, como naturalmente acontece sempre que se congregam muitas vontades, os que assim pensavam, encontraram da parte de outros pensar, sinão inteiramente opposto, ao menos restrictivo quanto á oportunidade da declaração. O que os *exaltados*, a cujo numero tenho o orgulho de pertencer hoje mais do que então, porque os acontecimentos posteriores, confirmando a nossa razão, vieram provar que dos meios brandos nada colheriamos, queriam realizar immediatamente, isto é, a separação, entenderam os *moderados* que se devia adiar para logo. Não faltou nestes, senhores, amor da patria, faltou uma pouca de previsão, um pouco do conhecimento dos homens, e sobejou prudencia que não mereciam os nossos inimigos. Os moderados, no pensamento de conciliarem os animos, propuzeram a eleição do bispo, ficando este obrigado a conceder aos nobres o perdão em nome de el-rei. Entendiam elles, e entenderam todos, menos alguns, de cujo numero faço parte, que esta providencia

reconduziria a Pernambuco a tranquillidade e a paz, fazendo entrar nos seus justos limites os mascates exorbitantes. Sabeis, tão bem como eu, que em vez de se submeterem a tão prudente alvitre, os mascates levaram seis mezes a apparelhar o golpe, que descarregaram contra nós, e occasionou o sitio do Recife, até à chegada de Felix José Machado ; o que trouxe a certeza da sua perseverança e contumacia em sotopor-nos. Succedendo as prisões, quasi em massa, e por sentenças arbitrarías dos novos ministros contra os nobres, o unico remedio que a estes se offereceu foi desamparar as suas familias e propriedades, para se metterem como feras nos bosques. Depois desta prova da inefficacia do meio palliativo, proposto em Olinda pelos moderados, o que se devia fazer ? O que se devia fazer era voltar á primeira idéa, aventada em Olinda pelos exaltados, ou antes pelos patriotas de maior previdencia — á idéa da separação ; era pôr em campo a revolução nacional. Sabeis, tão bem como eu, que do seio destas matas vozes eloquentes, soltadas por quem na tribuna sagrada está affeito a arrebatár os mais vastos auditorios — vozes eloquentes do padre Guerra — representando a aspiração de trinta refugiados illustres pelos seus troncos e haveres, foram levar ao bispo d. Manoel — ponto culminante do nosso partido, não só pela sua posição na igreja, mas tambem por ter sido

o nosso chefe e governador no levante dos mascates—, as nossas supplicas e instancias para que aceitasse o primeiro logar á frente de nós, nessa revolução tão nobre, quanto justa. Sabeis, tão bem como eu, que surdo ás nossas rogativas, a sua resposta foi uma recusa formal, foi um acto de desanimo, inspirado talvez em piedosa ingratição. Todavia, alguns dos que meescutam aqui agora, não afastaram de todo as vistas de sobre o prelado; e esperavam, que mais cedo ou mais tarde, vendo os destroços daquelles que o haviam elegido em Olinda para chefe, se resolvesse a dar o passo directo, e unico adequado á nossa salvação e gloria. Acabamos porém de saber, que d. Manoel, intimado para se ausentar da séde do levante cem leguas, já está de marcha para as Alagôas, como corre a longinquo estabulo fraco cordeirinho apavorado por lobos carniceiros. Depois desta solução final da abortada esperança, dissei-nos, senhores, o que nos resta? Devemos continuar aqui foragidos, nós e crús, ausentes de nossos filhos, os nossos engenhos e fazendas destrogados e sequestrados, a nossa saude enfraquecida pelas injurias do tempo, fomes, vigílias, febres, e frialdades, sem um physico que nos receite um xarope, os mantimentos escasseando de dia a dia, os inimigos levantando cada vez mais a cabeça delles emquanto nós cada vez abaixamos mais a nossa? Preciso de saber o que resolveis.

Falcão calou-se.

O padre Guerra, como si estivera de intelligencia com o chefe da liga, respondeu-lhe, depois de curta interrupção :

— Não nos pergunteis, Falcão, o que resolvemos; dizei-nos o que tendes resolvido. Vós que haveis sido a nossa columna neste ermo de amarguras, tendes o direito de indicar-nos a vossa vontade. Por minha parte dir-vos-ei, que estarei cegamente pelo que vos parecer melhor. Entendeis que devemos continuar, doentes, famintos, rotos e esfarrapados, sem tranquillidade de espirito nem commodidades phisicas, a cada momento julgando-nos descobertos como ainda hontem, emfim com o coração nas mãos, e a alma sómente entregue a Deus e à ventura? Si é este o vosso parecer, estarei por elle; ficaremos aqui indefinidamente, até que nos mares encapellados da adversidade sobrenade uma taboa de salvação. Entendeis que, tendo em menoscabo todos os sacrificios por que ha dois annos estamos passando, devemos nós, emfim, para epilogo condigno de tamanha tragedia, deixar o nosso asylo, correr à villa maldita, subir as escadas,—es-corregadias de vinho e devassidão,—do palacio das duas torres, e ahi, batendo com a mão nos peitos, como penitente em artigo de morte, confessar ao governador culpas que na realidade não temos, e pedir perdão que provavelmente nos será recusado? Si vos parece

decisivo, para termo dos' nossos males, este recurso sem nome, acompanhar-vos-ei até á morada da soberba, da avareza, da luxuria, da ira, da gula, de todos os peccados mortaes, e ahi rojar-me-ei aos pés do que tem feito do officio de governador edificio de odio, immoralidade, vicios e crimes. Si vos parecer

Falcão interrompeu o padre Guerra, com uma interrogação habil e estrategica, e um gesto rasgado que accusava irrupção de sentimentos por muito tempo sustidos :

— Padre, falais em vosso nome, somente, ou falais tambem em nome de todos os que nos escutam ?

O padre Guerra, que estava sentado em um tóro secco, ergueu-se immediatamente. Quem fôra estranho ao congresso da selva, não dissera que estava alli um padre. Os cabellos e a barba de mais de anno, trazidos em parte pela difficuldade de serem aparados a tempo e a hora, em parte pela conveniencia de ter o rosto mudado, chegavam-lhe aos peitos e ás espadoas, e davam-lhe uns longes da solemuidade que deviam ás suas grenhas os antigos prophetas. Os olhos brilhantes, o nariz alto no meio e grosso na ponta, as maçãs e a testa salientes, a tez entre pallida e tostada, ajudavam a expressão da guedelha, dando ao antigo propheta parte do moderno tribuno.

— Creio poder afiançar-vos, capitão, disse elle, discorrendo rapido olhar por sobre os companheiros,

alguns dos quaes, imitando-o, pela força communicativa do seu gesto, já estavam de pé, entregues a poderosa commoção — creio poder jurar-vos, que nem uma voz divergente virá contradizer o meu enunciado, filho da nobreza e lealdade que nos são communs a todos, filho principalmente da confiança sem limites que, pelo vosso procedimento alevantado, nos tendes merecido até este momento.

Falcão deu alguns instantes ao silencio, como quem aguardava manifestação mais larga e positiva. O seu silencio era na realidade uma interrogação.

Comprehendendo-o talvez, alguns dos nobres, e entre estes Ribeiro da Silva, Faustino Figueira e Bernardo de Allemão, adiantaram-se para clamarem com certa emphase :

— Está dito, capitão. Queremos ouvir o que resolvestes. Dizei-nos já e já o que nos cumpre fazer.

Falcão, que era um homem bonito, nesse momento alliaava á graça do seu gesto o prestigio que lhe haviam captado dois annos de perseverantes esforços em triumphar das machinações e traições dos inimigos, dois annos de insano lidar. Alto, espadaúdo, o rosto córado, os olhos, retintos, de fulgor secco e vivo, offerencia magestoso e insinuativo aspectto. Era o typo da força e da resolução—um desses homens que nos parlamentos, com a sua simples presença na tribuna, afastam della

os adversarios, e communicam aos amigos grande e heroica firmeza— um desses homens em que se encontram qualidades de dois dos mais admiraveis representantes do espirito revolucionario — Cromwel e Mirabeau.

— Darei a minha resposta em poucas palavras: somos quinhentos nobres, temos quatrocentos escravos e duzentos camaradas; mil e cem homens bem armados e municados podem tomar a villa de surpresa, pôr abaixo o governador e os ministros, expulsar os mascates que não quizerem submeter-se, proclamar a independencia de Pernambuco. O meu intento não é outro, senhores! O meu intento é libertar a terra que nos viu nascer. Eu quero a liberdade de Pernambuco, ou do Brazil, eu quero acabar de uma vez por todas com o jugo dessa metropole ingrata que nos traz em baixa vassallagem.

Apenas tinha acabado de proferir estas palavras, quando se ouviu ruido de passos de cavallo em uma das veredas que vinham dar no pouso.

— Quem será? disse um dos nobres em tom de quem se assustava.

E a esta voz, todos os outros presentes, levantando-se como um só homem, lançaram mão das armas. Falcão, empallidecendo levemente, fez-lhes signal que ficassem silenciosos e quedos.

O papel arriscado de ir ao encontro de quem quer

que fosse, elle o não quiz passar a ninguém. Rompendo por entre troncos seculares, desapareceu das vistas dos outros n'um abrir e fechar d'olhos.

Mas logo tornou ao recinto, possuido de diferentes impressões, ouvindo uma voz conhecida — a de Lourenço. O semblante do rapaz indicava extraordinaria satisfação.

— Alviçaras, seu Falcão, alviçaras!

— Que noticia trazes? perguntou o capitão espantado.

— O perdão.

— O perdão? inquiriram dez, vinte, cem boccas ao mesmo tempo.

— Sim, o perdão que o rei mandou para a nobreza: chegou hontem. Andei toda a noite debaixo de chuva que Deus dava, para ser o primeiro que trouxesse a vosmecês este alegre presente.

Por entre a multidão, que acorrera ao ponto afim de ouvir de perto a grande nova, Lourenço enxergou Francisco e Saturnino que se adiantavam para elle. Atirou-se ao seu encontro, tendo antes entregado a Falcão uma carta que este leu em voz alta, depois de a haver lido para si:

« Amigo e senhor.

« Não tenho tempo senão para lhe participar, sumamente regozijado, que chegou esta manhã de Lisboa um navio com a noticia de estarem perdoados os nobres.

« O governador ainda não fez público o perdão com que el-rei se amerceou dos pernambucanos ; mas varias cartas do reino a amigos nossos são unanimes em affiançar que o perdão foi concedido, e o governador será mudado.

« Receba os meus parabens, e abrace todos os nossos amigos e patricios.

« Salinas, 3 de junho de 1714.

Gil Ribeiro.»

Apenas acabada a leitura, muitos, exultando de prazer, soltaram irresistivelmente vivas a el-rei, que foram calorosamente correspondidos.

O padre Guerra não pôde fugir de dizer :

— Eu logo vi, senhores, que el-rei não havia de ser surdo ás nossas supplicas conteúdas nas cartas dos clerigos, das matronas pernambucanas.

— Não esqueçais as vossas eloquentes cartas — acrescentou Christovam de Hollanda.

— Senhores, senhores, tornou o padre, demos graças a Deus por este celestial beneficio.

O ruido, o borborinho produzido pelos que celebravam e commentavam a nova ; os sorrisos de uns, os abraços de outros, os abraços e as alegrias geraes indicavam que a idéa da separação politica, ha pouco aceita e proclamada por todos os homiziados, não tinha grandes raizes senão em Falcão d'Eça, o qual emmudecera, triste e eclipsado, quando o jubilo dava brilho a todos os semblantes, e eloquencia a todas as vozes.



Vinte e quatro horas antes chegara Lourenço ao sítio do ajudante-de-tenente Gil Ribeiro, nas Salinas: viera saber o que era feito de Francisco.

O ajudante mal o reconheceu, não porque o rapaz se mostrasse outro no trajar, como quando voltara ao Cajueiro, depois da sua longa ausência, mas porque no rosto cadaverico trazia vestígios de resignada angustia. Os últimos acontecimentos passados allí tinham-lhe deixado no coração grandes estragos que a sua physionomia indiscreta, sem a escola da hypocrisia, estampava como vago esboço.

Apressara a jornada afim de attenuar a intensidade da dôr occasionada pela mudança da viuva do sargento-mór; a jornada, porém, por paragens e regiões que lhe eram familiares, pouco ou nenhum allivio trouxera ao rapaz, em quem o ajudante viu

antes um enfermo do que o robusto athleta que admirara em Goyanna por occasião de se bater com as tropas de Luiz Soares.

Mas o que a jornada não conseguira, devia Lourenço encontrar no Recife — o seu restabelecimento por violenta e grande commoção que lhe abalou e restaurou os abatidos espiritos — a commoção que despertou nelle a noticia do perdão aos nobres, noticia immensamente grata que elle teve a dita de ser o primeiro a levar aos refugiados de Tracunhaem.

Estava o Recife possuido de febril impaciencia por saber a causa de vir entrando um navio adornado com enfiadas de galhardetes, ostentando alegres ares, e disparando artilharia de tempos a tempos.

Usurpando os foros de Olinda, á qual ainda hoje está preso pelo isthmo — cordão umbilical que parece destinado a certificar perpetuamente as relações de mãe e filha entre a cidade de Albuquerque, e a cidade de Nassau — o Recife, não obstante ser então villa, concentrara em si desde a chegada do governador Machado toda a vida da capitania, enquanto Olinda, triste e chorosa, decaida do seu illustre orgulho, curtia longos dias e agras noites em silencio, parecido com o que cerca os tumulos.

Com aquelles indicios de extraordinario acontecimento, a villa alvoroçou-se, como sóe fazer joven garrida aos primeiros sons de orchestra festiva em salão

de baile. Sorriu-se feliz, agitou-se, pensou em mil assumptos espreitando a occasião de transbordarem as suas commoções.

Alguns dos mais insoffridos habitadores correram ao porto, onde deviam ter trocada em magoa a leviana alegria. Contra todas as presumpções, a noticia trazida pelo mensageiro auspicioso não era agradável ; ao contrario, vinha impregnada em azedume e fel. A causa da estrondosa manifestação era o perdão concedido aos nobres por el-rei.

Conhecida esta causa, a agitação augmentou : uns corriam para aqui, outros para acolà, a levarem a noticia ; mas, depois começaram a debandar-se, a fugir dos logares publicos, a conçentrar-se no interior dos estabelecimentos e das casas, onde se espraíram em reflexões sobre o novo thema.

As praças e esquinas ficaram desertas. Subita paralytia pareceu tomar as ruas. Zacarias de Brito, mercador apatacado, dava ao diabo a fatalidade que escolhera o seu navio para portador de tão infausta novidade.

Penetremos, por volta de sete horas da noite, no palacio das duas torres, outr'ora morada de Mauricio de Nassau, agora residencia do governador Machado.

A luz de um candieiro de prata, seis sujeitos conversam sentados em torno de uma mesa, sobre a qual se vê estendido um papel, que, pela flacidez, está denunciando ter andado de mão em mão.

O primeiro destes sujeitos, à vista das atenções que os outros lhe prestam, é o governador. Os seus olhos às vezes incendeiam-se em violento brilho; mas logo este amortece e não têm elles outra expressão que a sua expressão usual—a de chata animalidade.

O outro sujeito, o que lhe ficava immediato do lado direito, tinha a fronte estreita, os olhos apertados e piscos, o nariz comprido e fino. Sobre o nariz viam-se ainda os oculos com que o cavalgara seu dono para ler o papel, e que dalli não saíram mais: a razão era porque a leitura, ou ao menos, o exame visual do documento se repetia de momento a momento, às vezes para se decidir algum ponto acerca do qual a conversação suggeria duvidas, às vezes como sem intenção, ou simplesmente para illudir o silencio entrecortado de rapidas observações. Era o desembargador Christovam Soares, que da Parahyba, onde se achava de ha muito, viera expressamente por ordem do governo, afim de proceder á devassa dos levantes de Pernambuco, por terem os drs. Luiz de Valenzuela Ortiz e Pedro Ferreira Brandão dado de suspeito na côrte o ouvidor Bacalhão, conforme se disse em outro ponto desta chronica.

O dito desembargador, conhecido por duas alcunhas, que passaram á historia—*Cutia* na Parahyba, *Tubarão* no Ceará — caracterizava-se por certa habilidade que não raro apparece nas administrações acanhadas e

decadentes. Cuidava elle mais dos pequenos do que dos grandes assumptos, mais do exterior, do que das entranhas delles. Bastarão algumas linhas tomadas ao chronista da famosa guerra para se ajuizar do espirito deste magistrado. « Começou o syndicante os seus trabalhos — escreve aquelle chronista — pela escolha de papel para a devassa, de maneira que andou um meirinho de loja em loja, e de venda em venda, sem descobrir papel que agradasse ao ministro.»

Do seu character diz ainda o chronista : « Sendo ouvidor da Parahyba, pelas cousas desordenadas que alli fez, veio para Pernambuco preso, afin de ir como foi, para Lisboa ; mas porque os máos tiveram sempre padrinhos, que são a quem só servem, pois os bons não carecem delles ; por meio dos taes padrinhos teve tal dita, que pôde merecer quanto tinha já desmerecido. Tornou para o mesmo logar e occupação, deixando na côrte offuscada a verdade que delle se dissera. E com esta pena, de seus erros se poz tão emendado como d'antes, e como se pôde presumir á vista dellã. Queria com inversões do natural mostrar-se recto ; mas isso mesmo o obrigava a descobrir-se ; porque quando humano se suppunha, então era vel-o impaciente e desabrido. Depois de ouvidor passou a medir terras, enchendo as medidas, de quem lhe enchia as mãos, ainda que a parte lesada se queixasse. E deste modo ficaram nas montanhas de Jaguaribe e Assú, por onde

andou feito Silvano, memoraveis historias suas que ainda hoje se celebram.»

Do outro lado do governador achava-se o ouvidor Bacalhão, e junto deste frei Estevão (da reformada), d. Mathias, conego regrante, irmão de João da Maia, o qual chegara da Paralyba por occasião de se dar começo à devassa; e o padre João da Costa (da recolta da Madre de Deus).

Eis o que rezava o papel:

« Faço saber a vós, governador da capitania de Pernambuco, que, fazendo-se-me presente, pelo meu conselho ultramarino, a conta que me destes das prisões, que se haviam feito nessa capitania nas pessoas comprehendidas nos levantamentos que houve nella, e que tambem me deu o desembargador Christovam Soares Romão sobre o mesmo particular, e que pelo erro que houve na ultima ordem, que se lhe passou, tinha procedido contra os culpados no primeiro e segundo levante; me pareceu mandar-vos estranhar muito severamente, por resolução de 7 do presente mez; pois nella vos declarava, que Eu havia confirmado os perdões do primeiro e segundo levantamento, pelo que respeitava aos moradores de Olinda; pois segundo o ministro tivera esta noticia, não inquirira dos ditos levantamentos, pelo que pertencia aos ditos moradores; e assim lhe ordeno se abstenha de perguntar pelos primeiros levantamentos, e que mande soltar os culpados nelles por estarem por mim perdoados, fazendo-lhes repôr, e restituir os bens que lhes foram sequestrados; e o dinheiro que se tiver despendido das pessoas, que indevidamente foram pronunciadas pelo primeiro e segundo levantamento, se pague pelas

despezas da justiça, ou minha real fazenda, por ora. El-rei nosso senhor o mandou por Miguel Carlos, conde geral da armada do mar oceano, de seus conselhos de estado e guerra, e presidente do ultramarino : e se passou por quatro vias. Manoel Barboza a fez em Lisboa, a 7 de abril de 1714. O secretario André Lopes da Lavra fez escrever. — *Miguel Carlos.* »

— Identica a esta ordem régia — disse o Cutia, pegando pela decima quinta vez no papel — é a que el-rei se serviu mandar-me, segundo viu v. ex.; mas falta-me disposição, sr. governador, para cumprir esta vontade real, em que melhor se está vendo a fatal intervenção do valimento de Antonio de Albuquerque Coelho, do que a justiça usual e natural de el-rei.

— Parece-vos isto, sr. desembargador syndicante? perguntou Felix Machado, a modo de quem não tinha convicção formada sobre o objecto, ou de quem vacillava na que tinha.

— Posso affirmal-o a v. ex., respondeu o Cutia.

— E eu estou de accôrdo com o parecer do sr. [syndicante — acrescentou o Bacalhão.

O Cutia continuou :

— Póde v. ex. ter por seguras todas as minhas affirmativas, porque de tudo o que digo estou informado; nem é de hoje que pratico o officio de syndicante, mas pelo contrario de ha muito estou affeito às indagações. A Albuquerque e não a outrem devemos este revez,

que a muitos desastres, quiçá, dará logar si a nobreza quizer tirar delle todos os desforços a que elle se presta.

— Eu já tive occasião de declarar ao sr. governador — disse o Bacalháo — quantos males deviamos de esperar de Antonio de Albuquerque. Durante os dezoito dias de sua estada em Pernambuco, d'onde é natural, não o deixaram desacompanhado um só instante os seus parentes e conterraneos. Sabidô é que nada do que se passou lhe foi occulto, e que, ainda não satisfeitos com isso os *mazombos*, grandes invenções lhe metteram na cabeça. Conta-se que de tantos documentos, cartas, requerimentos o informações o fizeram portador para os homens que mais representam diante de el-rei, e até para el-rei mesmo, que uma grande canastra ainda não chegou para os acondiçoar.

— De tudo sei, sr. ouvidor, de tudo sei — disse seccamente o governador. Sei mais o que talvez não saiba o sr. ouvidor — que grande parte de uma historia da guerra que se está escrevendo, recheiada de mentiras e aleivosias, foi entregue a Antonio do Albuquerque para ser presente a el-rei.

Neste ponto tomou a mão o da reformada e disse :

— Mas o que talvez v. ex. ignore é quem seja o autor desta historia.

— Sei tudo, frei Estevam. O autor é o padre Antonio Gonçalves Leitão — acrescentou o governador — que suppõe muito resguardado o seu nome da

publicidade, quando não é desta, mas da minha gaveta, ou da sua syndicancia, sr. desembargador, que elle mais se deve receiar.

— No meu canhenho está elle, disse o Cutia; e não se metterá de permeio uma semana que eu não lhe mande bater á porta.

— Agora talvez já não seja tempo, observou o governador.

— V. ex. sabe melhor do que eu, que todo tempo é bom para se inquirir de um crime.

— Menos, ajuntou o governador, quando crimes maiores acabaram de ser perdoados, e réos de lesa-magestade são mandados soltar pela propria magestade.

A estas palavras do governador, que em outro circulo de que não fizessem parte o Cutia, o Bacalhão e o frei Estevam, teriam cortado pela raiz a questão, seguiu-se um momento de profundo silencio, mas não todo o silencio que deviam produzir.

O Cutia quando julgou que era tempo de tornar ao grave objecto que alli os trazia juntos, disse:

— Mas perdõe-me v. ex.: o sr. governador está no animo de fazer cumprir as vontades de Antonio de Albuquerque?

— O que se ha de cumprir, sr. desembargador syndicante, é a ordem de el-rei, respondeu Felix José Machado.

Novo instante de silencio succedeu a esta decisiva

sentença do governador, o qual com uma perna sobre a outra, o lado direito voltado para a mesa, os olhos postos na immensidade escura da noite, que envolvia do lado de fóra toda a natureza, na qual engolphara a vista atravez da janella do palacio que caía sobre o Capibaribe, parecia fazer companhia ás visitas mais com o ouvido, do que com os olhos e o pensamento.

— Não sei para que serviram os procuradores que foram mandados á côrte, disse o Bacalháo. Si era para a cabo de tantos trabalhos e inquietações voltarem a usar, mais altaneiros, do que d'antes, os réos de alta justiça, das antigas licenciosidades e soberbias, melhor fóra que lá não tivessem ido.

— Não devemos culpar desta fatalidade os nossos amigos que foram para Lisboa na frota, e ainda lá estão, respondeu o governador. Antonio Barboza de Lima escreve-me por todos os navios, dando-me parte do muito que fez desde que chegou alli, e está alli fazendo a bem da causa portugueza ; e nenhum dos actos deste meu secretario me deu ainda logar a suspeitar da sua lealdade e entendimento. Devemos antes referir a felicidade dos *mazombos* ao grande logar que tem, diante de el-rei, Antonio de Albuquerque, desde que foi governador das Minas do ouro e do Rio de Janeiro, do que a descuido e fraqueza dos nossos procuradores. Nem é só Antonio de Albuquerque o empenhado na defesa destes réos, que a esta hora já deveriam estar

degolados por sua alta contumacia e desmesurada traição. Muitas cartas foram mandadas d'aqui a fidalgos de grande porte que não podendo, por estarem longe do logar onde se passam as cousas, ajuizar devidamente da gravidade dellas, dão muito pelo que lhes escrevem uma d. Lourença Tavares, em cujas mãos melhor cabida teriam os bilros do que a penna, si as cartas que ella assigna, não se devem ao padre Guerra; um Christovam de Hollanda, poço de altivez inaudita; um Miguel da Rocha, emfim tantos outros, entre os quaes mulheres e clerigos, que não conhecem o que devem a seu sexo e a seu ministerio.

Depois do silencio que sempre succedia ás palavras do governador, este, como si acordara de um somno profundo, volta-se inopinadamente para João da Costa e lhe dirige estas palavras:

— E que nos dizeis vós, padre, dos vossos companheiros que foram na frota com o meu secretario? Qual foi o seu papel em tudo o que vemos? Deveis de ter delles recebido prolixos esclarecimentos.

— Os da recoleta, excellentissimo, preencheram o mandado que os levara á metropoli. Não descansaram ainda, desde que aportaram em Lisboa. Em outra occasião poderei mostrar a v. ex. o estendido relatorio que frei Ferrão me enviou, e onde vem apontados, pelomenor, os meios empregados para o vencimento da causa, infelizmente já perdida.

— O peor de tudo isto, o nosso mal, excellentissimo, está em não se ter feito em Pernambuco a justiça que, por seus crimes, mereciam os *canelludos*, disse o Cutia.

— E não sabeis vós que sempre foi este o meu parecer e desejo ? Ignorais, sr. desembargador syndicante, que entre estas mesmas paredes que nos estão ouvindo reuni eu, entre junho e julho de 1712, com o dr. ouvidor Bacalhão e o defunto juiz de fóra Carvalho, os ouvidores da Parahyba e das Alagôas para, em relação, julgarmos dos crimes commettidos pela nobreza rebelde ? Ignorais que os principaes motores do levante devem o trazerem ainda hoje fixas nos hombros as cabeças serpentinas, não a generosidade minha, que nunca a tive nem a terei jamais para reprobos semelhantes, mas á pertinacia e firmeza brutal do ouvidor das Alagôas, João Soares da Cunha, e do ouvidor da Parahyba, Jeronymo Corrêa do Amaral, muito nosso conhecido, que com o pretexto de nada poderem resolver sobre o assumpto sem ordem expressa d'el-rei, se retiraram a seus districtos, deixando com isto mais seguros em sua ousadia os réos, então impunes, agora perdoados ? Não sabeis vós, sr. syndicante, que do ouvidor das Alagôas corre até ahi assignado um infame papel em que declara lhe terem sido offerecidos pelos nossos amigos tres mil cruzados para que votasse pela execução dos réos ?

— De tudo sei, excellentissimo—respondeu o Cutia;

mas... Emfim, v. ex. sabe o melhor. O que todos nós sabemos e estamos vendo é que o pior de tudo chegou para nós quando não sem fundamento pelo melhor esperavamos. Ahi está o perdão, e a não querer v. ex. fazer que o não recebeu, afim de irmos por diante na devassa, carregando mais a mão sobre quem não tem tido a sua leve para nós, não sei como poderemos sair com vida de Pernambuco.

Felix José Machado levantou-se, deu alguns passos pela sala, e voltou a occupar o logar e a posição de ha pouco. A cabo de um momento disse com voz em que vibrava mistura de pezar e despeito :

— E posso eu occultar o perdão ?

— E porque não, sr. governador? perguntaram ao mesmo tempo o Cutia, o Bacalhão e João da Costa que pareciam estar de antemão combinados em indicar a Machado este indigno e criminoso procedimento. Não se fez o mesmo da outra vez ? continuou o syndicante com o calor a que o autorizava a fria e como hesitante pergunta do governador.

— Quereis referir-vos... disse este.

— Querò referir-me—proseguiu o Cutia—ao perdão mandado por d. Lourenço de Almeida aos portuguezes, quando se achavam cercados pelos *pés-rapados*. Não se occultou o dito perdão, apezar de recebido? E não teve este procedimento por fim impedir que cessasse a guerra, porque, cessada esta, teria cessado tambem

a esperança de tirarem os portuguezes a sua desforra dos nobres ? Não se praticou tudo isto, sr. governador ? E o que se previu não veio a acontecer ? Si v. ex. não publicar o perdão, quem mais haverá competente para o fazer, ainda que de Lisboa o tenha recebido ? Si v. ex. declarar que o não recebeu, quem poderá asseverar o contrario ?

O governador levantou-se novamente, e dirigiu-se á varanda do palacio.

Neste momento uma como constellação luziu ao longe, e aos seus reflexos, appareceu no horizonte longinquo o vulto de Olinda.

Não se metteu muito tempo que de differentes pontos da orgulhosa cidade começaram a levantar-se aos ares girandolas de variados fogos, que por todos os que se achavam com o governador, chamados por este á varanda, foram logo vistos.

— Eis alli a resposta que tenho para dar á vossa ultima interrogação, sr. desembargador syndicantes. A noticia do perdão é motivo de festas geraes na soberba cidade. Não vedes como está ella illuminada de uma extremidade a outra ? A esta hora os restantes da empavezada nobreza que ficaram fóra da devassa cavalantina se banqueteam não só com os das linhas que a cruzam, mas tambem com os aduladores e aggregados de uma e de outras. Naturalmente da propria secretaria do ultramarino enviaram cópia da

ordem que me foi dirigida, a algum mazombo de Olinda, a Duarte Tavares por exemplo, para prevenir a perda do original. Amanhã o perdão estará estampado por todos os cantos da cidade, afim de que sobre sua existencia não haja duvidas. Não seria, pois, o maior dos desacertos a occultação d'elle por parte de quem o recebeu para o fazer cumprir sem tardança? Não seria, além de desacerto, perder tempo, com o risco de perder alguma coisa mais?

— Si eu fôra governador — disse então o Bacalháo — assim como sou ministro, « eu lhes construiria ou fizera construir o que isto é; e não lhes consentiria estes alguergues e parvoices. » (1)

— Sr. ouvidor — disse Machado — o meu animo e o meu desejo não podem ir além dos limites da minha autoridade. A campanha que dei aos nobres está finda; é tempo de recolher-me á minha tenda de guerra; si não fui vencedor, não fui vencido. Amanhã se botará bando, fazendo manifesta a graça de sua magestade; e darei ordem para que desembarquem os que estão nos navios, e sejam todos elles postos em liberdade, exceptuados sómente João Luiz Corrêa, Felipe Cavalcanti, seu irmão Jorge Cavalcanti, Leandro Bezerra e Felipe Bandeira, que interpuzeram recurso para a Bahia. De lá naturalmente voltarão livres, visto que, segundo

(1) Palavras escriptas pelo Bacalháo em uma carta a Christovam Paes.

se me escreve do reino, o novo governador geral e vice-rei vem no animo de compôr todas as discordias actuaes.

— E quem é o novo governador geral? perguntou o Cutia.

— D. Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa-Verde, marquez de Angeja, respondeu Felix Machado.

— Assim, senhor, está tudo acabado sobre estas terras, e do que fizeram os nobres em sua louca e audaciosa rebeldia nada mais resta, tirante a memoria della?

— E que quereis que reste mais, sr. ouvidor? Eu não sou suspeito. Nunca perdoei aos opprimentos desta terra, e agora ainda menos lhes perdôo os males que nos trouxeram a sua natural basofia e arrogancia. Por muito que me desprezem ou que me odeem, ficarão ainda aquem dos meus o seu odio ou o seu desprezo. Mas, pois o quer e o manda el-rei, que se lhes dê a liberdade, muito embora não venha ella a servir para outros fins que o de revolverem novamente a terra, abaterem a autoridade, impedirem o desenvolvimento material e commercial, cevarem odios, alentarem vinganças, tirarem a vida a quem devera ter muitas para os poder aniquilar um por um, de geração em geração.

— Não se lhes poderia imputar nova rebeldia, novo levante, ainda não perdoado? perguntou o Bacalháo.

— Qual?

— O levante de Tracunhaem, essa liga tremenda de que é cabeça Falcão d'Eça.

— A liga de Tracunhaem — respondeu Machado — não é propriamente levante, sr. ouvidor. E em que aproveitaria a syndicancia que della se fizesse?

A' proporção que a noite se ia adiantando, a sala onde se realizou este dialogo, enchia-se dos principaes da parcialidade opposta á nobreza. Todos corriam a certificar-se da noticia ouvindo-a da boca de Felix José Machado. Todos tinham os olhos em Olinda, e os ouvidos á escuta; e não era sem razão que o faziam, porque alli começava a manifestar-se estranho e geral regosijo. As casas e as igrejas estavam illuminadas. Repicavam os sinos; bandas de musicas, improvisadas em poucos momentos, percorriam as ruas, derramando o movimento e a alegria onde horas antes era tudo immobildade e recolhimento. Os echos da demonstração febril e vibrante, ondulando por cima das aguas mansas do Capibaribe, por cima dos tufos verde-negros, pittorescos e murmurosos dos mangues, que bordavam as suas ilhas e margens, vinham ferir os tympanos dos ouvidos da burguezia portugueza que enchia as salas do palacio das duas torres, e nesses echos parecia escutar os de uma orchestra funebre.

No outro dia, pela manhã, á porta dos principaes mascates, amanhecera papeis com ridiculas caricaturas e satyras ferinas, allusivas ao destroço daquella

parcialidade. Em algumas casas de notorios amigos do Camarão, viam-se cóvos com alguns camarões dentro, indicando que os parciaes do chefe caboclo tinham caído na armadilha. Em outras viam-se forcas de varinhas. Andava alli o engenho popular que não perde vasa.

A musa anonyma, que já celebrara a morte do juiz de fóra em graciosa decima, produziu mais duas commemorativas de certo factó que dera muito que falar —o de ter tentado contra os seus dias em Olinda certo partidario do Camarão, o qual morreria enforcado si a mulher o não salvasse.

A chronica, prevenida, recolheu estes productos que me considero na obrigação de trasladar aqui :

« Nesta cidade se quiz
 Enforcar um camarão,
 Fazendo, por sua mão,
 O laço como se diz:
 Já pela bocca e nariz,
 Sem poder resfolegar,
 Acudiu, ao pernear,
 A mulher deste madraço ;
 E, cortando-lhe o cadarço,
 O tirou de se enforcar.

« Foi coisa bem mal tirada ;
 Porque a todos desta seita,
 Não vi coisa mais bem feita,
 Que enforcados, quando nada.

Acção foi desesperada,
E de um homem já perdido;
Mas ficando suspenso
Pela fé dos camarões,
Livrava-se de questões,
E a mulher de tal marido. (1)

A cidade de Albuquerque devolvia assim, augmentados, os insultos e mofas com que havia mais de dois annos a ousada e risonha villa respondia aos seus pezares e lagrimas, dia por dia, ás mãos cheias, como inimigo atroz e implacavel.

(1) *Memor. historic. de Pernamb.*, tomo IV pag. 282.

Obra de um mez depois, pacificada a capitania, voltados aos seus lares Francisco e Lourenço, saiu este uma manhã do sitio do padre Antonio, onde todos moravam agora, emquanto Francisco cortava umas varas na mata para fazer um *caritô* onde guardar goyamús, que começavam a *andar ao atar*, com as ultimas trovoadas. Fôra Marcellinâ a autora da idéa, dizendo ao marido que os goyamús, bem cevados como ella os sabia cevar, haviam de dar bom dinheiro na villa, e não convinha perder este lucro.

Lourenço, comquanto a manhã estivesse fresca e risonha, levava no rosto a sombra do desgosto intimo que, passada a impressão do grande acontecimento, voltou de novo, não tão intenso como d'antes, mas tenaz e constante como um remorso ou uma chaga incuravel.

E saíra com o pé esquerdo, porque, adiante, saltando um páo que cortava a passageni, foi cair com a cabeça

de encontro a uma pedra onde se feriu, ficando com a camisa lavrada de longas manchas de sangue.

Como tinha feito tenção de ir ver um pedaço de terra, do lado de Japomim, que lhe fôra offerecido pelo dono que o vendia por pouco diulheiro, proseguiu o caminho, não obstante o desastre e a má apparencia.

Depois de andar cêrca de meia hora, deu na varzea que de ha muito não via, a varzea do Japomim, por onde brincara alguns annos antes, pegando canarios e gurinhatãs, quando o seu espirito discorria por horizontes sem nuvens nem limites, quando no seu coração não havia nenhum espinho.

De repente ouviu umas vozes femininas que partiam de ponto não muito distante do em que estava. Com pouco descobriu, de facto, duas mulheres, uma das quaes trazia um sacco nas costas, e era acompanhada por um cão, que farejava de moita em moita, e às vezes parava a latir. Então a mulher aproximava-se do logar, arreava o sacco, inclinava-se para o chão, e ahi apanhava, ora rindo-se, ora fugindo com o corpo e as mãos, um objecto que, com toda a precaução, atirava dentro do sacco. Lourenço comprehendeu logo que a mulher andava apanhando goyamús.

A outra, que estava mais perto d'elle, e parecia mais nova, em vez de imitar a mais velha, colhia araçás aqui e acolá, e atirava-os dentro de uma cuia, correndo e saltando com os cabellos soltos, de um

araçazeiro para outro, como fazem os beija-flôres de roseira em roseira, nos jardins.

Presentindo gente por alli, antes de ver quem era, o cão, mais defensor que caçador, deixou aquella a quem estava prestando seus bons serviços, e correu na direcção de Lourenço com quem deu em um instante. Logo que a mulher que se achava mais perto, viu o rapaz com a camisa cheia de lavores pouco tranquillizadores, um cacete em uma das mãos, um facão na outra, e as vistas cravadas nella, deixando escapar um grito angustioso, e cair da mão a cuia, correu para onde estava a outra :

— Minha mãe ! minha mãe ! gritou ella, assustada e tremula. E' Lourenço ! E' elle. Corramos, fuçamos, minha mãe. Quem sabe si elle não vem matar-me !

— Cala a boca, Marianninha. Quem te disse que é Lourenço ? respondeu Joaquina, a qual pela distancia, não podera ainda distinguir bem as feições do rapaz.

Este reconheceu pelas vozes as suas antigas vizinhas e camaradas.

Penetrante e atroz foi a magoa sentida por Lourenço, quando ouviu as acerbas palavras da filha de Victorino. O seu coração já tão castigado pelos ultimos acontecimentos, o seu coração infeliz que tinha a sensibilidade nervosa dos enfermos de doença moral, experimentou uma dessas impressões produzidas por

choques traumaticos a que muitas vezes não se pôde resistir com a vida.

Ao principio, quiz fugir para o lado opposto. Não era este o meio directo de resolver aquella situação afflictiva? Fugir das vistas daquelle a quem desagradamos, não é passo natural e racional?

Lourenço esteve para dal-o; mas, comprehendendo que, si assim procedesse, confirmaria o máo conceito que delle já formava Marianninha, tomou resolução contraria.

— Ellas têm para si que eu sou um assassino; mas eu não sou o que ellas pensam. E' preciso que se desenganem. A's vezes, quando me esquento, sou capaz de comer gente viva; mas, isto acontece uma vez na vida.

Eis o que elle pensou, eis o que lhe occorreu, após o primeiro impulso, vencido por estas reflexões. Não hesitou mais, e encaminhou-se para onde estavam mãe e filha.

— Então, que é isto, Marianninha? perguntou elle, ainda de longe. Correu de mim? Eu não venho fazer mal a ninguem. O meu facão não tem ponta; partiu-se alli atraz em uma pedra onde quebrei a cabeça; e é por isso que estou com a camisa cheia de sangue.

Assim falando, Lourenço atirou o facão, de feito quebrado, aos pés da menina, affirmando que ella visse distinctamente que elle dissera a verdade.

Não obstante a humildade e brandura destas expressões, Marianninha não ousava levantar os olhos ao rapaz. Mudas e abaladas, Joaquina e a filha, não sabiam o que dizer.

— Nunca matei ninguém, nem Deus ha de permittir que eu chegue a matar quem quer que seja algum dia. Vim por aqui para as ver. Tenho sentido muitas saudades da sua companhia. Mudaram-se do Cajueiro sem me dizerem adeus, zangadas commigo sem grande razão, porque...

Lourenço não soube como continuar.

— Si não nos despedimos, disse Joaquina, foi porque você tinha feito o que não devia fazer com Marianninha, que morria por você, que lhe queria tanto bem, que vivia sómente para lhe querer bem.

— Naquelle tempo, tornou o rapaz, eu andava fóra de mim. Agora não hei de sair mais do bom caminho. Foram-se os que tinham vindo, e ficaram os que cá estavam. Com estes é que eu me hei de achar.

Emquanto falava, Lourenço punha os olhos em Marianninha, cujas fórmulas se tinham tornado esplendidas. Quantas differenças lhe notou!

Desgostosa do que acontecera, Marianninha cortara os cabellos logo depois da mudança. Estava agora com cabellos novos, bastos, e lindos. Libertada do amor e dos ciumes que a amofinavam, engordou, e cobrou côres finas. As espaldas, o pescoço, a raiz dos seios, os

braços curtos, as mãos pequeninas, estavam revelando a Lourenço, no boleado e no lustre, quanto ganhara ella com a transformação.

— Não fujam mais de mim, que me fazem ficar triste — proseguiu o rapaz. Não vivemos sempre em boa harmonia ?

— Sempre não—atalhou Joaquina ; até certo tempo, enquanto não se metteu entre nós uma nuvem negra que foi a causa do nosso desgosto.

— Está tudo acabado agora. A nuvem foi-se embora. Não está tão bonita esta manhã ? Pois quem sabe si não vem com ella a manhã da nossa passada amizade ?

— Como está Marcellina ? Como está Francisco ? Ainda não o vi depois que chegou, disse Joaquina, como quem se ia accommodando com a nova ordem de idéas suggerida pela imaginação de Lourenço.

— Estão bons. Vou já dizer-lhes que estive aqui, e que depois de amanhã, que é domingo, sinha Joaquina e Marianninha vão passar o dia lá em casa.

— Não, Lourenço ; lá não — disse Joaquina.

— Pois então ha de ser cá. Venho eu, meu pai e minha mãe. Pegaremos o resto dos goyamús. A andada não dura tres dias ?

— Si quizerem vir, venham. Aqui nos acharão para os recebermos.

— Havemos de fazer a nossa festa mesmo debaixo destes arazeiros. Mas, que é isto, Marianninha ? Você

parece que está muda. Si não diz que posso vir, não venho.

— Minha mãe já não disse que você podia vir? O que ella disse é o que é.

— Então, até domingo.

— Até domingo. Olhe. O caminho é por alli, e a casa é aquella — ponderou a viuva do Victorino, apontando, por ver que o rapaz se resolvia a partir.

No dia seguinte amanheceu Marianninha tratando dos preparativos para a esperada recepção.

A casa era de barro, coberta com palhas. Tinha pertencido a um morador que por desgostos com a senhora daquellas terras se passara para outras. Estava ainda muito bem conservada e ficava em boa situação. Do lado direito vinham morrer-lhe no oitão uns canna-viaes; pela esquerda e pelos fundos tinha a varzea; pela frente passava o caminho que levava a Goyanna. Entre a casa e o caminho havia um araçazal mais basto do que o que se via na zona intermedia entre aquella e a mata.

Marianninha cortou com facção alguns matos que fechavam o caminho, decotou umas goiabeiras ramalhudas que tiravam a vista do alpendre, limpou á enxada a frente, afim de tornar mais espaçoso e alegre o pateo. De tarde a casa mostrava-se graciosa e faceira. Remoçara com o asseio, e estava como sorrindo aos hospedes ainda ausentes.

Quem soubesse dos precedentes entre as duas famílias que circumstancias supervenientes tinham separado, havia de cuidar que a filla de Joaquina, tão solícita em preparar digna recepção ás suas antigas amizades, entre as quaes se comprehendia Francisco, seu padrinho, estava nadando em satisfação.

Mas a verdade é que bem diverso sentimento dominava Marianninha. Em vez de clarões suavísimos, clarões de esperança, tinha no espirito nuvens negras, nuvens de desgosto invencível. A vista de Lourenço avivara todo o seu passado de que não restavam na lembrança della senão quadros desbotados, quasi extinctos; e o passado não lhe era agradável, porque nunca Lourenço lhe dera motivos de verdadeira satisfação, antes quasi sempre a contrariara.

Marianninha passou toda a noite pensando no que havia de fazer Lourenço para ella já tinha morrido, e com elle o grande amor que lhe dedicara. Resurgindo-lhe agora diante dos olhos, devia ella desenterrar o fallecido amor? Lourenço merecia-lhe este milagre? Lourenço, que nunca lhe dera provas de sincera estima, devia voltar a occupar nas aras do seu coração o logar de honra, e receber o culto exclusivo que elle proprio desprezara? Depois de pensar em tudo isto, e de meditar cada uma das graves questões que no espirito se lhe apresentavam, a menina, tomando uma resolução heroica, disse consigo:

— Lourenço morreu para mim de uma vez. Seja de quem quizer, menos meu ; nem eu serei delle. Lourenço acabou-se para mim, como homem a quem eu queria bem.

Com Lourenço dera-se o contrario. Aparecendo-lhe acrescentada de belleza e graça, quando elle tinha a alma devastada e arida, a gentil rapariga deu-lhe frescura e vigor. A sua imagem restituiu-lhe o amor á vida. Dissuadido do enganoso sonho, sentiu-se voltar todo, como o gira-sol, para aquelle astro que se lhe deparou no horizonte brusco. Marianninha era meiga e boa, era extremosa e dedicada, era paciente e candida. Elle conhecia as suas superiores qualidades, raras numa menina, adoraveis numa esposa. Onde acharia mulher mais digna delle ? Nenhuma conhecia que se comparasse com ella na ternura, na modestia, no affecto, e poucas poderiam ser suas rivaes nos encantos.

Acceso em desejos, anhelou pelo domingo. Tinha tomado tambem a sua resolução. Na mesa, por occasião do almoço ou do jantar, recordaria a passada promessa, e designaria dia para o casamento.

No domingo aprazado, ainda com escuro, bateram á porta da casa da varzea. Marianninha e Joaquina puzeram-se immediatamente de pé, julgando serem as visitas. Era um negro que Lourenço mandara adiante com um carneiro que devia ser sacrificado nas aras da

reconciliação, e com algumas garrafas de vinho dentro de um cesto, licor indispensavel em semelhantes sacrificios como é no sacrificio por excellencia da igreja catholica.

Pouco depois chegaram Marcellina, Lourenço e Franciseo, que foram recebidos pelas duas mulheres á beira da estrada, onde eram esperados com impaciencia.

Todos sabem ou ao menos avaliam com que attenções e cortezias se tratam no primeiro encontro pessoas que, depois de desavindas, reatam as antigas relações. Neste particular, nenhum dos que se achavam presentes levou vantagem a Lourenço, origem da desavença.

Das nove para as dez horas começou o almoço, na parte lateral do alpendre que dava para a varzea. Com ser almoço de gente pobre, foi variado e abundante.

Moquecas de amorés, e frigideiras e ensopados de goyamús, preparados de vespera por Marianninha; sarapatel feito do sangue do carneiro por Marcellina; angú de milho já nesse tempo muito usado entre o povo, e que Joaquina sabia fazer primorosamente, deram-lhe, com café com leite, e as usuaes macaxeiras e batatas doces, honras de lauta refeição de gente abastada.

Quando foi chegando a occasião do café, Francisco pegou do copo, e dirigindo-se a Marianninha, disse-lhe:

— Marianninha, enche o teu copo. Ha de ser de virar. A' saude do teu casamento.

A menina empallideceu, e guardou silencio.

— Então, Marianninha, que é isto? inquiriu Marcellina. Põe vinho no copo, menina. Não fiques triste. Desta vez ha de fazer-se o que tanto desejas.

— A' saude do teu casamento, Marianninha, repetiu Francisco pondo-se de pé.

E voltando-se para Lourenço :

— Que fazes tambem tu ahi que não despejas logo o teu bacamarte? Queres ou não queres casar com Marianninha?

— Quero, sim senhor. Eu já tinha feito tenção de falar nisto hoje, si vosmecê me dêsse licença.

— E porque não? Jurei sobre a cova do compadre Victorino que tu, Lourenço, havias de ser o marido de Marianninha. Chegou a occasião. Mas.. que tens, menina? perguntou Francisco, vendo a afilhada com os olhos cheios de lagrimas. Não chores. A occasião é para a gente rir.

Lourenço, Francisco, Marcellina e Joaquina levaram os copos aos labios, e esvasiaram-nos. Sómente Marianninha não bebeu.

— Porque motivo não bebes? perguntou Francisco espantado.

— Porque esse casamento não se ha de fazer, respondeu a menina, com voz chorosa.

— Estás malucando, menina, tornou Francisco. Os outros, silenciosos e confusos, cravaram as

vistas na filha de Victorino, cuja pallidez augmentara.

— Ha de fazer-se o casamento, porque eu quero, Lourenço quer, e tu queres.

— Não, eu não quero, meu padrinho, respondeu ella com firmeza que a todos deixou por um instante espantados, quasi fulminados.

— Tu não queres! exclamou o matuto tomado do assombro. Por esta não esperava ou!

— Não quero, não senhor. Não quero, porque sei que Lourenço não me quer bem.

Lourenço, a esta voz, quiz vir ao encontro da rapariga, mas faltaram-lhe expressões. Como havia de provar o contrario, quando na consciencia de todos parecia existir um tropel de provas a favor da affirmativa de Marianninha?

Houve, por instantes, uma como suspensão da vida em todos os convivas. No semblante de alguns, em cujo numero estava Marcellina, revelou-se vaga expressão de pezar.

Francisco, levando as vistas ao rosto de Lourenço, foi o primeiro que rompeu o silencio :

— Quanto a isto, estou calado. Si Lourenço te quer bem ou não quer, só elle é que sabe, só elle poderá dizer.

Lourenço acudiu simplesmente:

— Por meu gosto, quero casar com Marianninha.

Esta retorquiu :

— Eu já quiz, mas agora não quero mais. Si não me casar nunca, nem por isso hei de morrer. Tenho vivido muito bem em companhia de minha mãe.

Tão decisiva resposta poz termo à questão. O casamento estava definitivamente desmanchado.

Neste interim, ouvindo ruído de passos de cavallo no caminho, e logo depois, o echo de pancadas na porta da frente, correu Joaquina a ver quem era.

— Querem ver que temos por aqui o Saturnino, que volta do *Jatobá* — conjecturou Francisco.

Palavras não eram ditas, quando Joaquina gritou de fóra :

— Marianninha, Marianninha, aqui está Bernardina!

Todos correram ao encontro da filha mais velha do Victorino.

Era de feito ella com o marido, o incomparavel Cypriano, já casados, que aproveitando a occasião de ter ido ter com elles, por mandado de Joaquina, o Saturnino logo depois da sua chegada do Tracunhaem com Lourenço e Francisco, vinham abraçar a velha e a moça, contentes e felizes.

O convívio, que esfriara um momento, recobrou novo calor.

Bernardina, depois da grave doença que a puzera de cama, botara corpo, e estava outra, isto é, cada vez mais bonita.

Cypriano tambem mudara muito com o casamento. De concentrado e bisonho que era, tornara-se expansivo e sociavel. A sombra do padre Antonio, formara-se aquella modesta familia, por elle dotada e favorecida.

O padre mandara a Lourenço uma carta.

— Que diz essa carta, Lourenço ? perguntou Francisco, vendo o rapaz passar as vistas por cima das regras tremidas.

Lourenço leu em voz alta, para todos ouvirem :

« Lourenço, Deus te abençõe.

« Depois de casados e arrançados aqui junto de mim, Cypriano e Bernardina resolveram mudar-se para Goyanna, onde ella diz querer morrer. Lá nasceu, lá lhe correram os dias da primeira mocidade, lá tem as cinzas de seu pai, lá quer acabar, ao lado da mãe e da irmã. Para que tudo se arranjasse do melhor modo, fiquei com a parte de terra, que tinha dado de dote á menina, e dei-lhe o equivalente em dinheiro, com a condição de comprarem ahí outra terra onde vivam sem serem pesados a ninguem.

« Estando eu já no fim da vida, e vendo-me assim só neste ermo, venho propor-te a tua mudança para aqui.

« Em casa deste padre velho e achacado acharás, ao menos, bons conselhos que de muito te devem servir no governo da vida.

« Cypriano porá nas tuas mãos novo papel de doação do sitio do Cajueiro, onde poderão ficar morando Francisco e Marcellina.

« Está com os olhos no caminho o

Padre Antonio. »

Quando Lourenço terminou a leitura, Marcellina tinha os olhos nadando em lagrimas, Francisco emmudecera commovido, e o proprio rapaz, dobrando o papel, sentia um grande aperto no coração. A carta era uma ordem terminante, a que elle devia obedecer. A separação era inevitavel.

— Vás assim deixar-nos, meu filho ! exclamou Marcellina. Meu Deus ! Quantas coisas neste dia ! Só consinto que nos deixes porque sei que tu não me pertences.

Depois, enxugando os olhos, a cabocla disse com voz segura :

— Deves ir, Lourenço. A felicidade está te chamando. E' a felicidade, filho ; acredita nas minhas palavras, porque eu sei o que estou dizendo. Seu padre, que te abençoá, é porque elle quer ser teu pai.

Dizendo estas palavras, a cabocla parecia querer fazer-se forte ; mas, foi em vão. As lagrimas, desta vez copiosas, voltaram-lhe aos olhos ; e com pouco, entrou a soluçar. Sem se poder conter, correu ao rapaz, abraçou-o ternamente, como quem ia separar-se de uma vez, por morte.

No outro dia, pela manhã, deu-se uma scena ainda mais viva do que esta entre Marcellina e Lourenço.

— Minha mãe, perguntou este, vosmecê viu o que fez Marianninha hontem ?

— Vi sim. Eu não esperava por aquillo, ainda que tu...

— Não me diga nada, minha mãe, que eu tudo sei. Si lhe falo nisto agora, é para lhe dizer que antes de sair do Cajueiro para o Jatobá, hei de vingar-me de Marianninha.

Um raio que caísse aos pés da cabocla não a teria aterrado tanto como estas palavras do rapaz.

— Lourenço, Lourenço, o que estás dizendo, Lourenço?! respondeu ella com os tons de suprema angustia.

E atirando-se de joelhos aos pés do rapaz com as mãos postas, em attitude de quem supplicava, continuou :

— Por minha benção te rogo, Lourenço, que te esqueças de semelhante delirio.

— Deixe-me falar, minha mãe — tornou elle, levantando-a ; vosmecê não sabe o que eu vou dizer. Pensa que, para vingar-me do que Marianninha me fez, quero matal-a ?

— Nem por graça digas esta palavra, filho.

— Eu quero vingar-me della de modo muito differente. Quando ella souber eu para quanto presto, não ha de fugir de mim, ha de correr para me abraçar; mas já não ha de encontrar-me, minha mãe, porque eu estarei bem longe desta terra onde tenho soffrido tanto desgosto, onde só eu tenho sido o infeliz.

— E o que é que tu queres fazer ?

— Vosmecê sabe que Saturnino, desde pequeno, sempre quiz muito bem a Marianninha.

— E' verdade.

— Pois, sim: eu quero fazer um presente a Marianninha com a condição de casar com Saturnino; mas o presente depende de vosmecê e de meu pae.

— Que presente é?

— Quero dar-lhe este sitio, que seu padre me deu.

— O teu sitio, Lourenço? O teu sitio tão bom, tão bonito?

— Bom e bonito? Sim; elle é tudo isto; mas elle me recorda sempre cousas muito tristes. Eu não passo aqui sem me lembrar de sinha d. Damiana, e de tudo o mais que houve. Além disso, para que eu o quero, si eu hei de voltar mais a Goyanna sinão de passagem? Sinha d. Damiana deve voltar, porque todos os seus bens hão de ser-lhe restituídos. Ora Deus me livre de ter terras e casa junto das della. Vosmecês tambem não precisam delle, para morarem, porque têm o seu pedacinho de terra e a sua casa. Assim minha mãe, deixe-me tomar a vingança a meu modo. Só assim, sairei de Goyanna consolado.

— Pois faze o que quizeres, Lourenço.

Tres dias depois, quando os gallos começaram a amiudar, Lourenço montou a cavallo á porta do sitio do Cajueiro. Francisco e Marcellina, de pé, do lado do fóra, viram-n'ó partir, viram-n'ó desaparecer,

ouviram ambos, com as faces inundadas de lagrimas, os ultimos ruidos dos passos do cavallo, que conduzia para bem longe o melhor das esperanças, o melhor dos affectos d'aquellas existencias tão boas, tão dignas, tão irmãs, — daquellas existencias tão ricas na sua pobreza, tão grandes no seu pequenino mundo, tão nobres na sua humilde condição — dois tomos de uma obra que se poderia intitular — *Trabalho, bom senso e virtude.*

Franklin Paes

Larangeiras, 21 de julho de 1881.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).